

Irmã Maria Montenegro



uma vida dedicada
à educação

Scarlett O'Hara Costa Carvalho
Lia Machado Fiuza Fialho



COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuzza Fialho | Editora-Chefe
José Albio Moreira Sales
José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR – Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR – Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL – Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes • Eduardo Diatáhy Bezerra de Menezes • Emanuel Angelo da Rocha Fragoso
Francisco Horacio da Silva Frota • Francisco Josênio Camelo Parente • Gisafran Nazareno Mota Jucá
José Ferreira Nunes • Liduina Farias Almeida da Costa • Lucili Grangeiro Cortez • Luiz Cruz Lima
Manfredo Ramos • Marcelo Gurgel Carlos da Silva • Marcony Silva Cunha • Maria do Socorro Ferreira Osterne
Maria Salete Bessa Jorge • Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antonio Torres Montenegro (UFPE) • Eliane P. Zamith Brito (FGV) • Homero Santiago (USP)
Ieda Maria Alves (USP) • Manuel Domingos Neto (UFF) • Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)
Maria Lírída Callou de Araújo e Mendonça (UNIFOR) • Pierre Salama (Universidade de Paris VIII)
Romeu Gomes (FIOCRUZ) • Túlio Batista Franco (UFF)

Scarlett O'Hara Costa Carvalho
Lia Machado Fiuza Fialho

Irmã Maria Montenegro:

uma vida dedicada à educação



1ª EDIÇÃO
FORTALEZA | CE
2021

IRMÃ MARIA MONTENEGRO: UMA VIDA DEDICADA À EDUCAÇÃO

© 2021 *Copyright* by Scarlett O'Hara Costa Carvalho e Lia Machado Fiuza Fialho

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus* do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Felipe Aragão de Freitas Carneiro
felipearagaofc@hotmail.com

Bibliotecária Responsável: Doris Day Eliano CRB-3/726

C33li Carvalho, Scarlett O'Hara Costa

Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação /
Scarlett O'Hara Costa Carvalho; Lia Machado Fiuza Fialho. - For-
taleza: EdUECE, 2021.

164p. il.

ISBN: 978-65-86445-95-4

doi: <https://doi.org/10.47149/978-65-86445-95-4>

1. Irmã Maria Montenegro– biografia. 2. Educação de mulhe-
res. 3. Fialho, Lia Machado Fiuza. I. Título

CDD 370

SUMÁRIO

PREFÁCIO - 7

Maria Lúcia da Silva Nunes

IRMÃ MARIA MONTENEGRO: UMA VIDA DEDICADA À EDUCAÇÃO

Scarlett O'Hara Costa Carvalho

Lia Machado Fiuza Fialho

1 APRESENTAÇÃO - 19

2 CAMINHOS PERCORRIDOS PARA BIOGRAFAR IRMÃ MARIA - 29

2.1 Contribuições da nova história cultural e da micro-história - 29

2.2 A História Oral na coleta das memórias - 34

2.3 Em busca da Irmã Maria: as fontes orais e documentais - 41

3 A VIDA DE IRMÃ MARIA MONTENEGRO - 55

3.1 Educação familiar - 60

3.2 Educação escolar religiosa - 72

3.3 Atuação profissional - 79

3.3.1 *Colégio da Imaculada Conceição* - 79

3.3.2 *Colégio Irmã Maria Montenegro* - 101

3.3.3 *Colégio Cristo Redentor* - 113

3.3.4 *Colégio Patronato Sagrada Família* - 125

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS - 146

REFERÊNCIAS - 151



PREFÁCIO

MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES

Possui graduação em Pedagogia (1984) e em Letras (1991) pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em Letras (1996) pela mesma Universidade e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005). Professora Associado III da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora associada à Sociedade Brasileira de História da Educação e ao HISTEDBR- Gt Paraíba, com pesquisas, orientações concluídas e textos publicados no campo da história da educação, contemplando história das mulheres, história da leitura, memória, (auto)biografia, literatura, relações de gênero.

“A biografia nos provoca a pensar o outro e a si mesmo, pois falar do outro é falar de si; tentando-se compreender uma vida, acaba-se por pensar o outro por si mesmo e a si mesmo pelo outro, em um permanente jogo de espelhos.” (BORGES, 2012)

Este livro, **Irmã Maria Montenegro**: uma vida dedicada à educação, origina-se da pesquisa de mestrado realizada por Scarlett O’Hara Costa Carvalho, sob a orientação de Lia Machado Fiuza Fialho, as autoras., sendo esta última coordenadora do projeto de pesquisa Educação e educadores(as) no Ceará do século XX: práticas, leituras e representações, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual do Ceará, no âmbito do qual a investigação foi desenvolvida.

A partir de questões sobre a educação familiar e escolarização de Irmã Maria, como suas práticas educativas foram desenvolvidas e lhe conferiram um destaque na capital cearense na segunda metade do século XX, que tendências educacionais lhe davam suporte, foi definido o objetivo geral: “compreender a trajetória de vida profissional de Irmã Maria Montenegro no cenário educacional da segunda metade do século XX na cidade de Fortaleza (1945-1987)” (p.24), que guiou a pesquisa e a escrita da dissertação.

A educadora biografada, registrada como Maria Lúcia de Sousa Montenegro, passou a ser conhecida como Irmã Maria Montenegro após se tornar Irmã de Caridade. Com uma prática educacional intensa, por mais de seis décadas na sociedade fortalezense, tem seu nome associado a instituições escolares de destaque, como: Colégio da Imaculada

Conceição, Colégio Irmã Maria Montenegro, Colégio Cristo Redentor e Patronato Sagrada Família. Por sua atuação reconhecida ainda em vida, recebeu títulos como o de “Mulher Luz” e o reconhecimento também expresso na denominação de uma escola, manifestações que lhe foram feitas ainda em vida.

A epígrafe de Borges (2012) lembra-nos que há um entrelaçamento no ato de biografar: quem biografa o faz e seleciona o sujeito a ser biografado por questões que também lhe dizem respeito ou lhe interessam. No caso específico, temos duas mulheres com formação e atuação no campo educacional que resolvem biografar outra mulher com longa e ampla trajetória educativa reconhecida na cidade em que as mesmas vivem e desenvolvem suas práticas profissionais. E ainda, como afirmam as autoras: “mulheres contam a história de mulheres, desprendendo-se de uma narrativa eurocêntrica, positivista e patriarcalista, que possibilita problematizar a invisibilidade feminina e lançar luz aos desafios, permanências e resistências fomentadas por essas nas relações sociais e educacionais constituídas.” (p.23).

Com entendimento semelhante, Schwarcz (2017), ao biografar o literato Lima Barreto, assevera que “[...] não há maneira de fazer uma biografia sem reconhecer-se ‘afetado’ por ela.” (p.15). E isto tem a ver não apenas com aquilo que se aprende sobre o sujeito biografado e seu tempo, ou mesmo uma possível identificação com aquele, mas também implica em todos os procedimentos que se define para realizar a pesquisa, a seleção de fontes, os arquivos a visitar, as pessoas com quem se busca contato para entrevistar, e tantas outras ações que podem compor o processo de construção de uma narrativa biográfica.

Como fruto de um trabalho de base científica, as marcas dessa orientação se fazem presentes neste livro, por

meio do referencial teórico-metodológico mobilizado, da variedade e tratamento dado às fontes, da preocupação em deixar claro para o/a leitor/a cada etapa, e da própria estrutura de apresentação. A pesquisa juntou e conectou fontes escritas, orais e imagéticas devidamente explicitadas e organizadas em quadros que facilitam a leitura, além de deixar registrado para futuras pesquisas o acervo constituído. A conjugação da Nova História Cultural com a história oral e a biografia firma-se na realização de entrevistas com 13 sujeitos que tiveram uma relação direta com Irmã Maria (irmã, irmãos, amigas, colegas de trabalho, ex-alunas), e trazem, além de informações importantes sobre suas convivências com a biografada, o acesso a fotografias e documentos pessoais diversos, que provavelmente de outro modo não seriam conhecidos.

Segundo as biógrafas, Irmã Maria “[...] gozou de reconhecimento e respeito por suas ações enquanto viva, sendo, inclusive, homenageada e contando com o apoio de um bom círculo de amizade para colocar em prática seus projetos.” (p.10)

O/A leitor/a pode perguntar: Por que uma biografia sobre Irmã Maria Montenegro, se ela já teve o seu trabalho reconhecido em vida; se recebeu homenagens, (inclusive, tem seu nome no frontispício de uma escola)? Pode perguntar ainda: o que fez Irmã Maria de excepcional para que seu nome mereça ser inserido na história da educação?

Para a primeira pergunta, afirmo: nada disto assegura que a memória das práticas de um sujeito seja preservada e que sua história seja conhecida pelas gerações futuras. À segunda pergunta, retruco: a história precisa do registro das práticas das pessoas comuns, pois estas estiveram por longos tempos esquecidas e apagadas. Nenhuma história foi feita apenas por heróis e heroínas. E estes sempre apareceram e tiveram seus feitos assinalados nos anais da história,

nos documentos oficiais, nos monumentos. Mas o cotidiano é construído de práticas rotineiras, de pequenas ações, de gestos individuais fundados pela/para coletividade. Práticas que, mesmo referentes a um sujeito, homem ou mulher, adulto, jovem ou criança, podem refletir modos de ser e agir de uma sociedade em determinado tempo/espço.

Mas, são as autoras que apresentam os melhores argumentos:

A enfática atuação profissional de Irmã Maria no cenário educacional fortalezense é incontestável. Na sua trajetória de trabalho, não se dedicou apenas à melhoria da infraestrutura dos prédios escolares, mas especialmente à oferta de escolarização de qualidade à população. Atuando tanto em instituições educativas destinadas à elite como em estabelecimentos populares, Irmã Maria se destacou no cenário fortalezense por contribuir com o fomento à educação de maneira dialógica, aproximando a comunidade escolar, especialmente os pais, para um trabalho conjunto no acompanhamento das crianças e jovens. (p.145)

E acrescentam que esta biografia almeja valorizar “[...] o trabalho dessa educadora que não desfrutou da devida visibilidade na narrativa histórica, já que nenhum trabalho científico foi produzido sobre sua pessoa e as poucas fontes que sinalizam sua história foram relegadas aos diferentes lugares de memória”. (p.33)

A biografia de uma mulher, educadora, lança liames que podem nos conduzir a outras mulheres, também educadoras, cujas vivências e práticas ordinárias nos auxiliam a compreender a profissão docente, as instituições escolares, a tessitura de relações diversas (políticas, sociais, religiosas, familiares) sempre presentes na organização do ensino no Brasil. No caso de Irmã Maria, percebe-se que a despeito de sua formação e capacidade para as atribuições

exercidas, seu lugar social, sua condição de vida favorável à escolarização, o arcabouço cultural que a amparou, contou também com uma rede de sociabilidades que lhe ofereceu experiências positivas na profissão, como também lhe permitiu proporcionar condições semelhantes a pessoas de sua convivência e confiança. Se destaco tal condição, não é para desmerecer o trabalho de Irmã Maria, que ao longo de sua trajetória demonstrou compromisso, conhecimento e competência nas funções exercidas e assumidas como verdadeira missão de vida, mas para estimular o olhar do/a leitor/a às possibilidades interpretativas que uma biografia contém, as várias facetas de um sujeito, que não são exploradas em sua totalidade, mas podem ser percebidas nas entrelinhas.

Por esta narrativa biográfica conseguimos vislumbrar lances das histórias das instituições nas quais ela exerceu seu metier, ganhando destaque especial sua atuação como gestora. O trabalho incansável no levantamento e junção de fontes diversas (orais, escritas e iconográficas) realizado pelas autoras permite-nos comparar a arquitetura das escolas, modos de funcionamento, condições de manutenção, sujeitos responsáveis pela execução das ações, comunidade escolar, entorno social, sujeitos políticos.

Vidal (2019, p. 13-14), ao destacar a potencialidade das biografias de professoras na compreensão da relação passado-presente, assegura:

É possível ver nas professoras de ontem, professoras de hoje; e para aquelas que estão na ativa, reconhecer em suas práticas atuais, índices de práticas pretéritas. É justamente neste bordado delicado que reside o saber docente, misto de conhecimentos formais e de um domínio imemorial, incorporado coletivamente e recriado em cada experiência individual do magistério.

Mais do que isto, a história de Irmã Maria permite-nos vislumbrar outros sujeitos educativos, outras professoras, outros agentes da gestão, ex-alunos/as, amigos/as, seus familiares. Se por um lado, o grupo de pessoas entrevistadas parece contribuir para construir uma imagem homogênea, retilínea e positiva da biografada, por outro, as autoras não negaram espaço para que identifiquemos as contradições da mesma, as singularidades pessoais (sua posição autoritária na gestão, por exemplo, reconhecida por alguns dos entrevistados). Isto faz da biografia uma narrativa histórica confiável; quando não tenta engessar a figura biografada numa imagem perfeita, linear, impecável, quase heroína. Assim é possível identificarmo-nos em algum momento com ela, enquanto professora ou gestora, enquanto mulher, enquanto ser de carne e osso, que viveu, trabalhou, acertou e errou, mas assumiu plenamente as funções escolhidas, as atividades que se propôs realizar, demonstrando uma consciência de sua responsabilidade na educação de outros sujeitos.

Uma contribuição desta obra, que ainda gostaria de assinalar, é que trata de uma mulher educadora religiosa. Faceta ainda não suficientemente contemplada pelos estudos históricos, principalmente na perspectiva individual, com um olhar para as práticas particulares de uma freira que, embora subordinada a uma congregação, imprimiu características pessoais ao seu fazer, entrelaçando demandas religiosas e profissionais.

Concordo com Silva (2019, p.191) quando destaca a proficuidade desses trabalhos, e aponta o exemplo de sua biografada Madre Ninetta Jonata, incluindo-a como representante “da ação de congregações religiosas católicas no caso, que participaram da expansão das oportunidades escolares no Brasil desde o século XIX, em meio a disputas e iniciativas que convém conhecer mais”. No caso de Irmã Maria, sua

atuação deu-se a partir de sua vinculação à Companhia das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, não diretamente na Congregação, mas em espaços escolares diversos, públicos e privados. Um ponto em que podemos aproximar Irmã Maria (Companhia das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo) à Madre Ninetta (Mestras Pia Filippini) é a “opção pelos pobres”, condição que fazia parte das congregações a que as duas pertenceram. A autora supracitada, que lembra Perosa (2009), destaca que nem todas as “[...] congregações católicas femininas ocuparam-se das populações mais pobres. Inclusive boa parte delas dedicou-se à educação das classes mais abastadas.” Segundo Scarlett O’Hara e Lia Machado, depois de anos atuando em instituições voltadas para as classes mais altas da sociedade fortalezense, Irmã Maria opta por dedicar-se totalmente à educação dos mais pobres, em escolas situadas na periferia da cidade, o que iria ratificar seus votos iniciais à Congregação. Vale salientar que neste momento seu trabalho já era reconhecido na cidade, inclusive por autoridades, e ela poderia contar com as benesses desse reconhecimento para desenvolver ações que beneficiassem os menos favorecidos.

Barreto (2021), ao biografar Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana, OSF), destaca a responsabilidade e a consciência de sua biografada ao assumir a educação como profissão. Pois embora o tenha feito a partir das orientações e normas da ordem religiosa a qual estava subordinada, nunca deixou de se empenhar intelectualmente pela busca permanente de sua própria formação, construindo subsídios para uma ação educativa que teve o apoio e o reconhecimento da comunidade onde desenvolveu suas práticas. Tal avaliação também pode ser postulada em relação à Irmã Maria Montenegro. Pela exposição que as autoras fazem do currículo da biografada, quando se tem acesso a sua formação acadê-

mica, aos cursos posteriores; pelos discursos das pessoas entrevistadas que destacam o saber e a inteligência de Irmã Maria, mas também o respeito da sociedade pela autoridade que dela emanava; com a validação das práticas educativas conferida pelos títulos dados; pela homenagem como patronesse de uma escola; tudo isso concorre para que fiquemos com a imagem de uma mulher, religiosa, educadora, que no exercício da gestão escolar ou na docência esteve comprometida em cumprir uma prática considerada boa e eficiente, e que atendia aos anseios da comunidade para a qual se voltava.

Esta biografia de Irmã Maria Montenegro permite que, além de conhecermos elementos de sua história familiar, de sua formação, de suas práticas educativas, e desvendemos algumas de suas peculiaridades, '[...] instaurem-se várias aberturas para entender a educação das/pelas mulheres, a sociedade que a gestou, a possibilidade de tornar acessível outros períodos e compreender seus ecos em nosso tempo' (NUNES, 2020, p.22).

É possível que futuramente o/a leitor/a desse livro volte-se para ele, atente para o que foi narrado, observe as fontes aqui disponibilizadas e elabore novas perguntas, diferentes das que foram feitas pelas autoras, e assim dê início a uma nova investigação.

Boa leitura!

Referências

BARRETO, Iolanda de Sousa. *(Auto)biografia da educadora Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana, OSF): a guardiã*. Curitiba: Appris, 2021.

BORGES, Vavy Pacheco. Nas pegadas de um leão: notas de pesquisa sobre a vida de Ruy Guerra. In. AVELAR, Alexan-

dre; SCHIMIDT, Benito Bisso (org.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 83-104.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. Caminhos de pesquisa: por onde andei. In. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da História da Educação: memórias, imprensa e literatura*. Fortaleza: Eduece, 2020.

PEROSA, Graziela Serroni. *Escola e destinos femininos – São Paulo, 1950/1960*. Belo Horizonte: Argvmenvm, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Vivian Batista da. Magistério, missão e identidade: a história de Madre Teresa Ninetta Jonata. In. VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin (org.). *Mulheres inovadoras no ensino* (São Paulo, Séculos XIX e XX). Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2019, p. 189-202.

VIDAL, Diana Gonçalves. Apresentação. VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin (org.). *Mulheres inovadoras no ensino* (São Paulo, Séculos XIX e XX). Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2019, p. 13-14.

João Pessoa, agosto de 2021.

IRMÃ MARIA MONTENEGRO: UMA VIDA DEDICADA À EDUCAÇÃO

SCARLETT O'HARA COSTA CARVALHO

Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Especialista em Docência no Ensino Superior. Graduada em Pedagogia. Durante a graduação foi Bolsista de Iniciação à Docência e Iniciação Científica. É Integrante do Grupo de Pesquisa - Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO/ UECE). Possui experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: História de Mulheres, Biografia, História Oral, Memória, Práticas Educativas e Formação de Professores.

E-mail: scarlettoharacc@gmail.com



LIA MACHADO FIUZA FIALHO

Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Pós-doutorada em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED/UECE), Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE) e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas (MPPP/UECE). Líder do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades. Editora da revista Educação & Formação. Pesquisadora produtividade CNPq.

E-mail: lia.fialho@uece.br





1 APRESENTAÇÃO

Este livro trata da biografia de Irmã Maria Montenegro, freira que dedicou mais de 60 anos de sua vida à educação na cidade de Fortaleza, Ceará, e em outras cidades do Ceará e de outros estados da federação.

Irmã Maria desenvolveu não somente atividades religiosas, mas também atuou como professora, orientadora educacional e diretora de vários colégios, especialmente em Fortaleza. Como freira, fez voto de pobreza e terminou sua trajetória atuando em comunidades mais carentes na periferia da capital cearense, galgando imortalidade na memória de uma geração de fortalezenses (1945-1987) das diversas classes sociais por intermédio de sua enfática atuação educacional.

A formação educativa religiosa carregou características que influenciaram sua prática de ensino e sua postura pedagógica assumida no contexto de educação formal, o que não se configurou uma característica exclusiva da Irmã Maria, mas corriqueira na própria História da Educação, que envolve mulheres e magistério. No entanto, conhecer o cenário educativo em que Irmã Maria atuou se faz pertinente, pois suas práticas educacionais nos proporcionam um esboço descritivo e reflexivo do contexto sócio-histórico e educacional da segunda metade do século XX, cujas leituras são marcadas por problematizações que proporcionaram

avanços, retrocessos ou mudanças no âmbito educacional, assegurando importância aos empreendimentos desde suas ideias e atos em vida (FIALHO; BRAGA JÚNIOR, 2015).

Interessa, portanto, conhecer as práticas pedagógicas e as ideias que eram perpassadas na atuação educacional de Irmã Maria Montenegro, sujeito da pesquisa aqui proposta, tendo como foco sua atuação educacional, que permite ensinar lume tanto às ações educativas desenvolvidas como às limitações de uma pesquisa biográfica com mulheres educadoras. Afinal, pelo fato de a biografada já ser falecida, da inexistência de uma cultura de preservação de fontes documentais e da idade avançada dos poucos sujeitos que testemunharam suas práticas educacionais, compreendemos que nos é possível propor apenas uma versão desse trilhar da educadora dos próprios esquecimentos e lembranças comuns à memória e à constituição histórica e de produção historiográfica em si.

O envolvimento com o estudo em pauta deveu-se ao fato de que, participamos do grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (Pemo), no qual tivemos acesso à leitura de vários autores que pesquisavam na área da biografia, assim como daqueles que lidavam com a metodologia de História Oral, o que impulsionou o interesse e a oportunidade de aprofundar estudos teóricos relacionados à História da Educação, em especial ao trabalho com a História de Mulheres Educadoras. Amparando-nos na discussão de Bosi (1994, p. 60) sobre o estudo das lembranças de pessoas idosas, aprendemos que:

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis:

enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.

Consideramos, diante do exposto, relevante biografar Maria Lúcia de Sousa Montenegro, a Irmã Maria Montenegro, como ficou conhecida após se tornar Irmã de Caridade, profissional que participou ativamente do contexto educacional fortalezense por mais de 60 anos, o que lhe rendeu o título de “Mulher Luz”. Sua trajetória educativa se imbrica com a história de importantes instituições escolares, tais como: Colégio da Imaculada Conceição, Colégio Irmã Maria Montenegro, Colégio Cristo Redentor e Patronato Sagrada Família.

No Colégio da Imaculada Conceição, atuou como professora (1945-1956) e diretora (1969-1976); Irmã Maria ganhou uma homenagem, tendo seu nome como nomenclatura oficial de uma escola particular da capital cearense, o Colégio Irmã Maria Montenegro, no qual prestava assessoria educacional. No Colégio Cristo Redentor, no bairro Pirambu, periferia de Fortaleza, Irmã Maria, no período de sua atuação, transformou um locus de grande carência da atuação governamental e violência; no Patronato da Sagrada Família, localizado no bairro Antônio Bezerra, exerceu a função de diretora desde 1987 até sua morte, no ano de 2008.

O recorte temporal aqui delimitado foi de 1945 a 1987 a fim de se dar ênfase à sua trajetória profissional. Nossa biografada iniciou sua carreira como professora do Colégio da Imaculada Conceição em 1945 e 1987 foi o ano em que ela assumiu a direção do Patronato Sagrada Família, última escola em que trabalhou. Importa esclarecer que não op-

tamos pela data final como sendo o ano de sua morte, mas sim pelo ano que marca o início do processo de ressignificação das contribuições educacionais dessa docente, mais uma vez em um cargo de gestão escolar, ressaltando, assim, quais as novas perspectivas e vertentes foram desenvolvidas no seu fazer pedagógico. Embora Irmã Maria tenha sido professora do Colégio da Imaculada Conceição e do Patronato Sagrada Família, percebemos que ela teve um grande destaque nos cargos de gestão dessas escolas e de outras instituições fora do estado, como, por exemplo, no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora em Cametá, Pará, no Patronato em Maceió, Alagoas, e no Colégio Medalha Milagrosa em Salvador, Bahia.

Nesse ínterim, faz-se importante pontuarmos que biografar Irmã Maria nos permite refletir sobre a História da Educação de Fortaleza; compreender e ressignificar, junto às suas peculiaridades de vida, as especificidades e regionalidades da educação de Fortaleza; e, desse modo, destacar e valorizar a cultura e história local, bem como incentivar novas pesquisas sobre mulheres cearenses. Vale ressaltar que não intentamos dar conta de todos os pormenores vivenciados nos seus 84 anos de vida, mas buscamos registrar e discutir sua trajetória de formação e atuação educacional, de modo a contextualizá-la e discuti-la historicamente, buscando a veracidade inalcançável dos fatos sem a pretensão de esgotá-los, ou seja, com o compromisso de uma narrativa com aproximação o mais fidedigna possível de sua vida, contada sem desconsiderar os filtros dos colaboradores e dos pesquisadores que analisam as fontes, isto é, considerando as subjetividades e intencionalidades dos produtores das fontes – orais e documentais.

Diante disso, levantamos a hipótese de que a educação familiar e a escolarização de Irmã Maria lhe proporcionaram

a formação religiosa, amparada nos ideários normativos da igreja católica, o que conferiu escolaridade diferenciada que direcionou a educadora a uma prática baseada em um ensino reflexivo e dialógico. Tal prática lhe ensejou prestígio social nos espaços educativos mais abastados, o que a possibilitou posteriormente favorecer escolarização aos menos favorecidos, contribuindo para minimizar as desigualdades do cenário educacional da segunda metade do século XX no Ceará.

Ademais, também se argumenta que a pedagogia tradicional (LIBÂNEO, 1994) tratava a História da Educação com cunho positivista, isto é, com caráter nacionalista baseado em grandes feitos e heróis, que não permitia ensejar luz à função social da mulher como protagonista do enredo da História da Educação, de modo geral, assim como no contexto de singularidades do Ceará. Com efeito, biografar uma mulher, educadora, religiosa, como destaque social, marco de uma época e lugar, é também resistência ao positivismo e à exclusão conferida à figura feminina na historiografia. Neste trabalho, mulheres contam a história de mulheres, desprendendo-se de uma narrativa eurocêntrica, positivista e patriarcalista, que possibilita problematizar a invisibilidade feminina e lançar luz aos desafios, permanências e resistências fomentadas por essas nas relações sociais e educacionais constituídas.

Alguns problemas nos inquietaram, quais sejam: como ocorreram a educação familiar e a escolarização de Irmã Maria? Quais práticas educativas empreendidas por Irmã Maria podemos mensurar e em que medida elas podem ter lhe conferido relativa notoriedade na sociedade fortalezense na segunda metade do século XX? Como as tendências educacionais de sua época podem ser percebidas ou não nas suas práticas?

A partir desses questionamentos, elaboramos a problemática central do estudo: como se deram a educação familiar, a escolarização e a atuação profissional da educadora Irmã Maria para que ela galgasse visibilidade no contexto sócio-histórico educacional da segunda metade do século XX em Fortaleza? Destarte, temos como objetivo geral: compreender a trajetória de vida profissional de Irmã Maria Montenegro no cenário educacional da segunda metade do século XX na cidade de Fortaleza (1945-1987). Para o alcance desse escopo, formulamos os seguintes objetivos específicos: a) investigar a trajetória educativa e familiar de Irmã Maria; b) conhecer o trabalho educacional desenvolvido por Irmã Maria nas instituições escolares nas quais atuou na cidade de Fortaleza; e c) identificar as possíveis contribuições educativas fomentadas pela atuação profissional de Irmã Maria no contexto sócio-histórico de Fortaleza (1945-1987).

Amparadas teoricamente na “Nova História Cultural” (BURKE, 2008) e metodologicamente na História Oral (ALBERTI, 2005) e no gênero biográfico (MEIHY; HOLANDA 2007), percebemos a possibilidade de ensejar visibilidade às memórias e às experiências de um indivíduo que participou ativamente do processo histórico-educacional fortalezense, mas teve sua vida à margem da historiografia oficial (FIALHO, 2012), ou seja, sem registros em pesquisas e escritos acadêmicos ou em outro veículo de disseminação das narrativas históricas. Optamos pela metodologia da História Oral, no gênero biográfico, por este se mostrar adequado ao fito da pesquisa, efetivo na busca por respostas, assim como na procura por mais perguntas que nos fizessem esboçar e conhecer a vida de Irmã Maria Montenegro.

Esclarecemos que o percurso metodológico deste estudo foi iniciado por meio de uma investigação de caráter exploratório, pesquisando e identificando possíveis

informantes acerca da educação e atuação profissional de Irmã Maria e dos locais que pudessem guardar fontes que nos possibilitassem desenvolver a referida pesquisa. Desse modo, realizamos uma pesquisa documental no Arquivo Público do Estado do Ceará, no Instituto do Ceará, na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, assim como nas instituições em que a biografada atuou na cidade de Fortaleza durante sua vida – Colégio da Imaculada Conceição, Colégio Irmã Maria Montenegro, Colégio Cristo Redentor e Patronato Sagrada Família. Nessa perspectiva, salientamos novamente que nossa pesquisa é considerada híbrida, pois buscamos concretizar as ações propostas por intermédio da metodologia de História Oral, construída a partir de relatos orais desde as entrevistas coletadas, juntamente com a documentação registrada e preservada pelas instituições educacionais ou pelos entrevistados.

Este trabalho trata, em congruência à metodologia exposta, de uma pesquisa de abordagem qualitativa, visto que, de acordo com Marconi e Lakatos (2009, p. 48), esse tipo de pesquisa “[...] preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. Ela vai além do que pode ser quantificado, buscando o objetivo a partir do subjetivo, pois, conforme Minayo (2001, p. 22), “[...] ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Diante do exposto, constatamos ser pertinente biografar essa educadora, dado que a vida de Irmã Maria, assim como a de outras pessoas, sejam estas anônimas ou públicas, possui importância para a História, já que não somente as histórias dos homens e mulheres famosos importam,

como se tal registro fosse um privilégio restrito a alguns (CAVALCANTE, 2008). Deixamos, entretanto, aqui claro que nossa biografada não é de todo anônima, tampouco foi escolhida de forma aleatória e/ou com mote de exemplo; a biografia dessa educadora é relevante para a compreensão de um contexto macrossocial, pois o singular se imbrica no coletivo, e o contexto serve como elemento essencial para enxergarmos as singularidades de uma vida inserida em um contexto histórico específico.

Os relatos orais nos proporcionam importantes indícios sobre a atuação educacional empreendida por Irmã Maria, por isso nos são o principal arcabouço de fonte e direcionamentos, contudo sem menosprezar e/ou hierarquizar as fontes. Importa destacar que partimos das memórias relatadas para chegar a maior parte dos documentos. Como nos diz Zumthor (1997, p. 15), “A memória recupera o vivido”, isto é, recorre-se a ela para manter o passado próximo ao presente por meio do ato de relembrar. Salientamos que, por intermédio do desvelamento das memórias sobre Irmã Maria, é de nosso interesse a biografia dessa mulher, em especial sua trajetória educacional e sua atuação profissional, contribuindo, assim, para compreendermos seu contexto, isto é, a História em si, a História Coletiva e a História Social.

Ressaltamos que a trama aqui apresentada faz parte de um projeto “guarda- -chuva” intitulado Educação e educadores(as) no Ceará do século XX: práticas, leituras e representações, que se dedica a biografar mulheres educadoras. Ele foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (CEP – UECE) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo parecer favorável foi expedido sob o número 630.923/2014. O intuito é de preservar e disseminar a História e Memória da Educação no estado ao apresentar a relevância de suas

histórias de vida para a Educação e conseqüentemente suas contribuições para a historiografia, sobretudo no âmbito da História da Educação.

Biografar Irmã Maria Montenegro, freira que dedicou sua vida à Educação, principalmente na cidade de Fortaleza, torna-se relevante, pois sua vida apresenta-se com uma longa trajetória imbricada com o desenvolvimento educacional da capital. Ademais, não há nada mais do que um único capítulo de livro lançado sobre Irmã Maria, intitulado “Educadora Irmã Maria Montenegro (1923-2008): Mulher Luz”, elaborado, no decorrer do projeto supracitado, pelo bolsista Victor Braga e sua então também orientadora Lia Fialho; e de um livro elaborado pelos familiares como forma de homenagem à nossa biografada, intitulado Irmã Maria: uma história de amor e educação aos pobres. Consideramos esses textos importantes, mas incipientes, para dar conta de uma biografia tão oportuna para a História da Educação do Ceará. Diante disso, consideramos que seria interessante dar continuidade à biografia de Irmã Maria e aprofundarmos esta pesquisa na busca por mais fontes e discussões que pudessem desvelar e problematizar a atuação educacional de Irmã Maria e suas contribuições na cidade de Fortaleza.

Este livro é composto por esta apresentação, em que justificamos a aproximação com a temática, a escolha da nossa biografada, bem como sua relevância para a História da Educação cearense. No capítulo seguinte, intitulada “Caminhos Percorridos Para Biografar Irmã Maria”, tecemos discussões acerca da fundamentação teórica e metodológica da pesquisa, abordando a “Nova História Cultural”, a Micro-História, a Biografia, assim como a própria metodologia em História Oral Biográfica, em que apresentamos as fontes de pesquisa encontradas para a elaboração do estudo em tela. No capítulo denominado “A vida de Irmã Maria

Montenegro”, trazemos como foco apresentar a biografia da educadora em questão, elencando algumas situações de sua trajetória que nos possibilitam compreender sua educação familiar, escolar, bem como refletir acerca de seu percurso profissional. No que concerne à atuação profissional, abordamos a trajetória da biografada nas quatro escolas em que atuou na cidade de Fortaleza, a saber: Colégio da Imaculada Conceição, Colégio Irmã Maria Montenegro, Colégio Cristo Redentor e Patronato Sagrada Família. Essa organização, que não intuiu uma história linear, foi estruturada visando proporcionar melhor compreensão leitora de como a educação familiar, escolar e religiosa perpassou pela vida particular e profissional dessa mulher e direcionou práticas culturais, sociais e educativas. Por fim, nas Considerações Finais, retomamos o problema e escopo do estudo proposto.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS PARA BIOGRAFAR IRMÃ MARIA

2.1 Contribuições da nova história cultural e da micro-história

Com a intenção de diversificar o fazer historiográfico e se desvincular de uma perspectiva positivista e linear, Marc Bloch e Lucien Febvre fundaram em 1929, na França, a revista *Annales*, movimento que revolucionou a historiografia, pois questionava o privilégio do aspecto político, em detrimento dos aspectos econômico e social, e ampliava a compreensão de fontes históricas e sujeitos com o objetivo de fazer dela um instrumento de enriquecimento da História, tendo em vista ampliar seus objetos de estudo, encorajando as inovações e rompendo com a História Tradicional e Cronológica, sem desvincular-se totalmente destas, pois a História, apesar da ruptura, é proposta a partir de suas permanências e continuidades. Esse movimento pode ser dividido, de acordo com esse autor, em três fases:

Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. [...] A segunda fase, que mais se aproxima verdadeiramente de uma 'escola', com conceitos diferentes e novos métodos, foi dominada pela presença de Fernand

Braudel. [...] A terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. (BURKE, 2010, p. 13).

Diante do exposto, percebemos que nessa terceira fase, marcada pela fragmentação, a história passou a se expandir em relação aos objetos de pesquisa e aos sujeitos da historiografia; agora as mulheres, as crianças, o cotidiano, a psicologia social e os personagens anônimos passariam a ser objetos de estudo dessa História, na perspectiva micro-histórica. Desse modo, todos os sujeitos históricos são considerados importantes e todos os vestígios que contam a história da humanidade passam a ser fontes históricas relevantes, ainda que, até então, a historiografia não tivesse possibilitado maior visibilidade às especificidades culturais de minorias ou grupos menos prestigiados socialmente, agora mais enfaticamente lhes dando visibilidade com a valorização da Micro-História.

A Micro-História vinha na contramão da História Oficial, pois tinha como objetivo historiar personagens invisibilizados e excluídos, e não apenas aqueles que eram lembrados pela “memória oficial” (POLLAK, 1989). Percebemos, então, uma ampliação dos personagens e das fontes disponíveis para essa historiografia. Assim, essa ampliação proporciona a incorporação de “[...] novos problemas, novas abordagens, novos objetos, novos nomes, novas instituições” (REIS, 2000, p. 129), possibilitando o trato com as histórias de segmentos sociais antes excluídos, cujas memórias, vivências, não eram contempladas pelos documentos escritos, tidos como fontes “fidedignas”.

Buscamos, assim, valorizar esses personagens anônimos, suas singularidades, como elucidado acima, pois são pessoas “geralmente desconhecidas, mas que se destacam entre sua categoria”. Nesse sentido, trazemos a biografia de

Irmã Maria Montenegro, por considerarmos que durante toda sua trajetória ela procurou firmar seu legado por meio da Educação.

No caso da pesquisa aqui apresentada, procuramos fazer este estudo micro em relação ao percurso formativo e profissional de Irmã Maria, o que não quer dizer que desconsideramos aspectos coletivos e macrossociais, mas sim que temos por problemática de estudo a Educação desde um recorte pequeno, que se constitui desde uma lente ou lupa que amplia e reduz o olhar na interseção indissociável do sujeito e seu contexto.

Nosso objetivo é biografar Irmã Maria, e não a exaltar, e, a partir da abordagem da Micro-História junto aos detalhes dessa vida, construir uma visão sobre a mulher, irmã e educadora. Corroborando esse pensamento, Levi (1992, p. 135) assevera que “A Micro-História como prática é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental”, já que a História “vista de baixo” possibilita um olhar que explora as experiências históricas daqueles homens que tiveram a existência, por vezes, ignorada ou mencionada como passagem na principal corrente da História (BURKE, 1992).

Com efeito, é a partir da memória, das narrativas de pessoas sem larga expressividade pública, que esses estudos possibilitam não somente a visibilidade desses indivíduos sujeitos igualmente históricos, mas ensejam trazer à tona suas contribuições e seus feitos, principalmente, no nosso caso, no que concerne à História da Educação no estado do Ceará. Como salienta Loriga (1998, p. 225), “[...] o desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico” de como fazer historiografia.

Isto é, a Biografia, uma das primeiras formas de História, ao voltar-se à vida de deuses, grandes heróis, homens com destaque na sociedade, preocupava-se com sua utilização política, fazendo com que os pesquisadores, nesses moldes, perdessem sua credibilidade, os quais acreditavam que essa volta no tempo garantiria uma distância crítica. A Biografia vem sofrendo transformação ao longo da História, pois se antes só os grandes nomes, heróis e líderes podiam fazer História, com uma perspectiva maculada dos grandes homens, que exaltava seus feitos e invisibilizava percalços, defeitos ou subjetividades decorrentes da vida privada, essa compreensão vem mudando com o transcurso dos anos.

As memórias são constituídas pela reconstrução do passado por meio do presente, e a Biografia, todavia, seria o resultado desse momento de trazer à tona lembranças e/ou esquecimentos. Sobre memória, comungamos com Le Goff (2003, p. 419), quando nos diz que a “[...] a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”. Compreendemos, assim, que a memória representa um mecanismo do presente por intermédio de vivências e experiências ocorridas em um passado, assim a vida de toda pessoa, seja ela “anônima” ou não, possui valor para a História. Nesse viés, a trajetória de Irmã Maria contribui sobremaneira para a compreensão da História da Educação.

Contudo, partindo da afirmação de Le Goff (2003) de que a Biografia é um modo de fazer História, concebemos a Biografia como o produto, ainda que sempre inacabado, de um processo reflexivo sobre a própria vida e sobre uma vida, constituindo-se, portanto, em pesquisa biográfica aquela em que os sujeitos envolvidos integram as vivências e experiên-

cias numa abordagem teórica e metodológica no processo de tematização da própria vida (SILVA; MACHADO, 2015). A proposta, na segunda metade do século XX, era que a Biografia, ao estudar o individual, a trajetória de uma dada vida, específica, concreta, tratava, por consequência, também do coletivo, pois os valores, os conhecimentos e as culturas com os quais o sujeito individual participa da vida em sociedade não se efetivam destituídos da coletividade.

Para Le Goff (2003), a introdução do gênero biográfico na História Atual é um instrumento útil e suplementar usado pela História Cultural. É uma maneira “de continuar a fazer história por outros meios”. Assim, ao perceber a interface do individual com o coletivo, corrobora-se que uma não exclui a outra, ao contrário, o microssocial permite uma compreensão mais detalhada do macrossocial, e este só se explica com a visão ampliada daquele.

Ao buscarmos uma abordagem metodológica que pudesse melhor situar nossa pesquisa, direcionamos nosso estudo sob os princípios da “Nova História Cultural” (BURKE, 2008). O termo “Nova História Cultural” passou a ser utilizado no final da década de 1980 (BURKE, 2008). Desse modo, com apoio teórico nas contribuições trazidas pela Nova História Cultural, os estudos biográficos possibilitaram a investigação das práticas educativas empreendidas ao longo do período histórico em tela, no imbricamento com questões socioculturais. Além de propiciar um acervo da História da Educação no Ceará, valorizando o trabalho dessa educadora que não desfrutou da devida visibilidade na narrativa histórica, já que nenhum trabalho científico foi produzido sobre sua pessoa e as poucas fontes que sinalizam sua história foram relegadas aos diferentes lugares de memória (NORA, 1993), é possível, por meio da análise das vivências e práticas pedagógicas, fomentar o debate educa-

cional e compreender melhor a postura didática no fazer pedagógico da atualidade.

Importa salientar que o trabalho da Irmã Maria foi reconhecido em vida pelos seus pares: familiares, amigos, colegas de profissão, ex-alunas. No entanto, a sua invisibilidade diz respeito ao escasso registro sobre ela, especialmente após sua morte, uma vez que ela gozou de reconhecimento e respeito por suas ações enquanto viva, sendo, inclusive, homenageada e contou com o apoio de um bom círculo de amizade para colocar em prática seus projetos.

O estudo, dessa maneira, acerca da atuação de Irmã Maria Montenegro, por intermédio das imagens, dos registros da história de vida, de depoimentos escritos e orais, dos documentos oficiais – livros, reportagens, etc. –, permitiu-nos conhecer as percepções dessa mulher a respeito do contexto educacional. O intuito de desenvolver a referida pesquisa permite suscitar a contribuição dessa educadora para o cenário educacional em Fortaleza. Não se pretende escrever vidas oficiais, obsequiosas e moralizantes, porque o resultado além de decepcionante é [...] enojado pela carolice que impregna muitas biografias, preocupadas em não macular a imagem de responsabilidade social [...] (LORIGA, 2011, p. 23). Ao contrário, procuramos ir à contramão dessa narrativa oficial, buscamos valorizar a subjetividade dos sujeitos, que nem sempre ocuparam lugar de destaque ou visibilidade social, em busca de uma narração capaz de exprimir as contradições da vida, as singularidades, qualidades, defeitos, alegrias, tristeza, as facilidades e dificuldades individuais.

2.2 A História Oral na coleta das memórias

Comungamos com a ideia da História Oral como metodologia, pois esta é capaz de contribuir para esta atividade

de análise das memórias mediante as entrevistas realizadas com pessoas de um determinado grupo, envolvido com temas de interesse para a pesquisa em desenvolvimento pelo pesquisador, já que a utilização da História Oral ainda é relativamente recente, embora tenha sido impulsionada na década de 1960 nos Estados Unidos. No Brasil, foi a partir da criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), em 1975, que a História Oral se apresentou com maior ênfase como uma forma de registrar os testemunhos vivos da elite econômica quanto ao processo político no decorrer do século XX.

As fontes orais nem sempre possuíram relevância na narrativa histórica, mas os séculos XX e XXI viram o desenvolvimento de um período de grandes e rápidas mudanças mundiais, tal como o avanço da tecnologia, que transformou a História, acelerando os eventos e a propagação da memória social. Desse modo, a tecnologia interferiu na produção historiográfica, estimulando o uso do gravador como instrumento capaz de captar e arquivar a fonte oral, o que permitiu a propagação e ênfase maior em produções com a História Oral.

A metodologia da História Oral é um importante instrumento de investigação científica, em razão de ensinar novas informações por meio das entrevistas e de proporcionar o encontro de outras fontes documentais, que clarificam a História da Educação no Ceará desde a biografia de Irmã Maria. Cabe inferir, desse modo, que a fonte oral não só é apenas importante, mas necessária para a compreensão historiográfica, principalmente em um estado que não preserva as fontes documentais, tampouco arquivos imagéticos no âmbito educacional, uma das dificuldades que encontramos em nossa caminhada. Nessa perspectiva, cabe ao pesquisador, diante das fontes oficiais de que dispõe, elaborar

novas perguntas sobre o passado, ou seja, reler alguns tipos de documentos oficiais considerando outras perspectivas e produzir novas fontes e interpretações. Começar a ler as entrelinhas, julgando necessário não apenas colocar ordem no material pesquisado, mas também buscar caminhos para a organização da escrita dessa história vista sob outro prisma (BURKE, 1992).

Importa destacar que a metodologia da História Oral Biográfica (LOZANO, 2006) traz à lembrança um fato antigo, que, por sua vez, não vem à tona com a mesma imagem com que foi experimentado em um passado, e sim reconstituído a partir das narrativas do presente; tal reorganização narrativa não intenta uma versão verdadeira e inquestionável, totalmente fidedigna e perfeita, mas uma versão do que acreditamos ser de maior aproximação possível, construída junto às fontes encontradas e elencadas como contribuintes, sem ignorar os filtros do pesquisador que as interpreta desde o seu arcabouço de conhecimentos e visão de mundo.

Quando falamos em História Oral, é praticamente impossível não falarmos sobre memória, pois se trabalha diretamente com lembranças, esquecimentos e informações que passam, a priori, pelo filtro do entrevistado. Desse modo, o imbricamento da Memória e da História é também a relação entre Memória Coletiva e Individual, sempre entrelaçada e dotada de poder: o de esquecer, de lembrar, de omitir, de silenciar. Sobre isso, Neves (2001) reitera que cada depoimento é único e fascinante em sua singularidade e potencialidade de revelar emoções e identidades, pois um relato sobre um fato pode ser dado de forma diversa somente por pessoas díspares, ou, no mínimo, as lacunas e esquecimentos podem ser outros, mesmo quando um mesmo sujeito tenta narrar novamente determinado acontecimento. Bosi (1994, p. 55) assevera que:

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Ainda comungando com Bosi (1994, p. 21) no que concerne às lembranças, acreditamos que “[...] uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia”. O percurso da memória, portanto, é permeado de falas e silêncios, que dependem dos sentimentos vividos pelos sujeitos, bem como pela correlação de forças sociais, pois nem tudo fica registrado. Como destacam Maia, Braga Júnior e Fialho (2015, p. 24), é importante valorizar os silêncios, esquecimentos, gesticulações e semblantes do entrevistado, “[...] pois as subjetivações intrínsecas ao informante também são aspectos importantes de análises”.

Conforme afirma Pollak (1989, p. 8), “[...] existem na lembrança de uns e de outros zonas de sombra, silêncios e ‘não ditos’”. Isto é, as fronteiras desses silêncios com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em deslocamento contínuo, isto é, considera-se que o silêncio ou o esquecimento também são reveladores de conflitos. Ou seja, trazer à tona o silêncio e o esquecimento, como artefatos reveladores de conflitos valorosos para a compreensão da História da Educação.

Percebemos, dessa maneira, que não somente os fatos são guardados na memória, mas também os sentimentos experimentados. Contudo, não só no ato de guardar determi-

nada memória temos escolhas, mas também no ato de lembrar, já que existe um processo de seletividade, de filtragem, de negociação, de conciliação, que deve ser lembrado, bem como o modo segundo o qual deve ser lembrado.

Destacamos que, após a aquisição dos dados brutos coletados com as entrevistas e pesquisas documentais, realizou-se uma transcrição na íntegra do material gravado em audiodigital, bem como a digitalização de documentos e registro das demais fontes pertinentes. Thompson (1992, p. 25) enfatiza que “A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados”. Importa salientar que, segundo Lüdke e André (1986), a gravação tem a vantagem de registrar o oral, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado. Salienta-se, portanto, que a relevância das entrevistas está relacionada aos participantes selecionados, bem como às condições de sua realização, desse modo, a organização da coleta de dados, a negociação com o colaborador, a gravação, a transcrição, a transcrição e a validação merecem cuidados especiais.

A História Oral, nesta pesquisa, propiciou a aquisição do discurso dos agentes, que foram analisados respeitando-se suas palavras, registrando, na medida do possível, emoções, silêncios e demais observações pertinentes em diário de campo. Nesse caderno, anotamos todas as informações importantes sobre conversas informais, comportamentos, cerimônias, festas, instituições, gestos e expressões que dizem respeito à pesquisa (MINAYO, 2006). A proposta foi se debruçar na realização de uma transcrição o mais fiel, que permitisse uma transcrição válida.

Nessa perspectiva, é necessário elucidar a ideia de que, mesmo compreendendo que a História Oral não se caracteriza por ser um retrato fiel de ocorrências, certamente

evidenciam-se interpretações muito pessoais constituídas ao longo da trajetória de vida de cada um sob circunstâncias particulares. Afinal, os acontecimentos são contados mediante os filtros culturais que a própria sociedade edifica. Como destacam Matos e Senna (2011), as lembranças são filtradas ativando aquilo que é significativo. O entrevistado vai escolhendo o que falar, elaborando, assim, sua narrativa. Mas vale ressaltar que é por intermédio desse crivo que podemos realizar uma reflexão mais rica quanto às histórias.

Compreendendo que a transcrição perpassa pela leitura de mundo do pesquisador e de suas subjetividades, o relato impresso proveniente das narrativas orais foram validados mediante a técnica de estrutura do discurso (FLICK, 2009) efetivada pela leitura e análise do texto pelo informante, que teve a oportunidade de realizar acréscimos e retiradas, incorporando outras subjetividades e confirmando as informações transcritas. Dessa forma, fazer registros, observar, ouvir os indivíduos, a fala, o discurso, a oralidade dos entrevistados corresponde a um alicerce na elaboração deste estudo. Isto é, o processo discursivo assume um fator relevante no desenvolvimento desta pesquisa, por isso faz-se pertinente o trabalho com narrativas.

Em relação à História Oral como metodologia de pesquisa, foi fundamental para este estudo sobre como proceder no registro, interpretação, escolha dos entrevistados, técnica de entrevista, armazenamento, catalogação dos dados e interpretação dos documentos. Sobre História Oral, consideramos as reflexões de Thompson (1992), porque destaca a riqueza e importância da memória dos sujeitos anônimos, pessoas comuns, para a História Social, Coletiva, promovendo uma mudança de enfoque na abordagem histórica e uma ruptura na condição social, em que memórias pessoais são pouco ou até não valorizadas. Por isso, compreender

esse aspecto é essencial para aceitar a ideia de que “[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (THOMPSON, 1992, p. 137).

A busca por essa História, todavia, por intermédio da narrativa, não pode ser vista como uma busca por verdades absolutas, prontas e acabadas, mas sim por compreendê-las como parte da realidade. Bosi (1994, p. 281) atenta para o fato de que a “[...] memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. A autora afirma que o tempo social acaba consumindo o individual, fazendo com que a percepção pessoal seja acolhida pela coletiva.

Como Irmã Maria já não se fazia presente, tendo falecido no dia 11 de setembro de 2008, seria impossível coletar um relato autobiográfico, logo buscamos pesquisar as pessoas que conviveram com ela e que poderiam contribuir com este estudo. Cada um dos entrevistados representa um aspecto importante nas investigações que ora empreendemos.

Durante as entrevistas cada entrevistado ficava livre para lembrar a trajetória de Irmã Maria. Mais adiante, relataremos o percurso sobre cada entrevista. Ao final, percebemos que se formou um grupo coeso de pessoas que admiravam Irmã Maria e que, por mais que relatassem algum ponto negativo de sua personalidade, falavam isso de maneira nostálgica, por isso importa ressaltar que a intenção do presente estudo não foi exaltá-la, formando uma imagem perfeita, ao contrário, procuramos constituir a imagem mais próxima de quem realmente foi Irmã Maria. Desse modo, tudo o que foi encontrado nas pesquisas documentais e disseminado nas entrevistas e que vem sendo discutido neste estudo evidencia que os testemunhos nutriam carinho por

Irmã Maria, o que dificultou tecer críticas e favoreceu uma perspectiva imaculada, da qual tomamos ciência e tentamos desconstruir com problematizações.

2.3 Em busca da Irmã Maria: as fontes orais e documentais

Durante o mês de dezembro de 2017, entramos em contato inicialmente com o Colégio Patronato Sagrada Família, por ter sido a última instituição em que Irmã Maria trabalhou, e explicamos a intenção do estudo. Silvana Moura, então diretora da escola, respondeu-nos prontamente, demonstrando o desejo de contribuir com a pesquisa, contudo ela não chegou a conhecer Irmã Maria, pois, quando de seu ingresso na escola, em 2013, Irmã Maria já havia falecido, mas ela nos orientou a falar com Kelem Freitas, então coordenadora da escola, quem havia trabalhado com a Irmã Maria em 2008, último ano de vida de nossa biografada. Assim, agendamos uma visita na instituição para falarmos com Kelem. Ao chegarmos à escola, falamos com a coordenadora e lhe explicamos o objetivo; ela, por sua vez, aceitou nos conceder uma entrevista, porém essa entrevista foi agendada apenas para o mês de janeiro, pois a escola estava se organizando para a semana cultural, o que demanda maior tempo por parte da gestão.

No início de janeiro de 2018, entramos em contato tentando agendar a entrevista, mas a coordenadora estava afastada por motivos de saúde, adiando mais uma vez a entrevista. Tentamos novamente e conseguimos agendar e realizar a entrevista no dia 7 de fevereiro de 2018 na sala de coordenação da escola. Kelem não só nos concedeu a entrevista como também forneceu o contato de Aíla Leite, quem havia trabalhado durante 20 anos com Irmã Maria, tendo

sido também coordenadora da instituição. Aíla teve grande contribuição nesta pesquisa, haja vista que, além de nos conceder entrevista em sua casa, nos forneceu vários documentos importantes da vida de Irmã Maria que até então não tínhamos, como: certificados, curriculum vitae, documentos de aposentadoria, nomeação do cargo de diretora do Patronato Sagrada Família, dentre outros.

Anexa ao Patronato da Sagrada Família está a Casa das Irmãs de Caridade, na qual atualmente moram nove religiosas. No dia da entrevista com Kelem, a coordenadora, conseguimos também entrevistar Irmã Socorro, uma das religiosas que mora lá. Irmã Socorro foi ex-aluna de Irmã Maria no Colégio da Imaculada Conceição no ano de 1952 e havia trabalhando com ela no Patronato Sagrada Família. Irmã Socorro aceitou nos conceder entrevista e nos recebeu na casa das Irmãs.

Ainda na busca por fontes, fomos ao Colégio da Imaculada Conceição, instituição em que Irmã Maria foi professora e diretora. Lá fomos orientadas a falar com a Irmã Rita, mas ela não estava presente. Depois de mais algumas tentativas, conseguimos entrevistá-la no próprio colégio no dia 14 de março de 2018. Ela foi aluna de Irmã Maria durante os anos de 1949 a 1955. Irmã Rita não esteve presente na instituição quando Irmã Maria assumiu a direção do Colégio da Imaculada Conceição (1969-1976), pois estava em uma congregação na Bahia.

Fomos ao Colégio Irmã Maria Montenegro, escola da rede privada de Fortaleza fundada por Rita Maria Machado Landim, que, além de amiga, foi aluna e colega de trabalho da educadora no Colégio Cristo Redentor, no bairro Pirambu. Rita fundou o Colégio Irmã Maria Montenegro em forma de homenagem à educadora Irmã Maria. Rita Landim preferiu que sua narrativa fosse coletada no seu ambiente de

trabalho por possuir uma sala de diretoria individual, ampla, climatizada, silenciosa e com condições adequadas para nos receber. Rita já havia concedido entrevista no primeiro momento de realização desta pesquisa. Dessa vez a intenção da entrevista era esclarecer algumas informações e validar a entrevista. Rita disse ser péssima de memória e sugeriu que procurássemos Auxiliadora Xavier, secretária do colégio, quem, além de ser boa de memória, havia acompanhado a chegada de Irmã Maria no Pirambu. Conseguimos entrevistar Auxiliadora no próprio colégio.

Nas narrativas de Rita, ela falava de Bernadete Alcântara, que havia sido aluna de Irmã Maria no Colégio da Imaculada Conceição e sido coordenadora do Colégio Irmã Maria Montenegro. Rita nos concedeu o contato de Bernadete, assim conseguimos agendar a entrevista, a qual foi realizada em sua residência no dia 22 de fevereiro de 2018. A partir do relato de Bernadete, Irmã Rita, Irmã Socorro, Rita Landim, na condição de alunas, pudemos inferir como era a prática educativa de Irmã Maria como professora. Foi comum na fala de todas “o domínio do francês, as excelentes aulas de português e a inteligência fora do comum” de Irmã Maria.

Foi possível, ademais, entrevistar também a irmã mais nova de Irmã Maria, Maria Laís de Sousa Montenegro, e o irmão Pedro Paulo Montenegro. Bernadete foi quem nos forneceu o contato de Pedro Paulo. Entramos em contato com os irmãos, Laís e Pedro Paulo, e agendamos uma entrevista. Ambos solicitaram que as entrevistas fossem em suas residências, por conta da idade já avançada. Assim como Rita Landim, Laís Montenegro também já havia concedido entrevista para a pesquisa anteriormente e contribuiu bastante com os pesquisadores Victor Braga e Lia Fialho. A primeira entrevista, ainda no ano de 2014, foi realizada em seu apartamento e essa segunda entrevista foi realizada no dia

15 de março de 2018 no Residencial da Terceira Idade Flor de Lótus, onde reside desde outubro de 2017. A entrevista com Pedro Paulo foi realizada no dia 28 de fevereiro de 2018. Tanto na conversa com Laís quanto com Pedro Paulo, ambos sugeriram realizar entrevistas com seus irmãos, Roberto Luís Montenegro e Antônio Carlos Montenegro, para que também pudessem participar e colaborar com o estudo.

Mediante contato telefônico fornecido por Laís, falamos com Silvia Helena Montenegro, filha de Roberto Luís. Explicamos-lhe o objetivo da pesquisa, e ela, muito atenciosa, falou-nos das limitações de seu pai devido à idade (86 anos), mas agendamos e conseguimos realizar a entrevista, a qual se deu na casa de seu pai, onde Silvia estava presente junto com sua mãe, Jacira Maciel, e sua tia, Íria Maciel, que, por sinal, havia sido aluna de Irmã Maria. Íria também nos concedeu entrevista. Silvia também nos forneceu o número de telefone de sua prima Maria Stella Montenegro, filha de Antônio Carlos. Ao conversarmos com Maria Stella, que demonstrou alegria e interesse pela pesquisa por se tratar de sua tia querida, ela aceitou prontamente agendar uma entrevista com seus pais: Antônio Carlos e Edy Montenegro, relatando que eles iriam ficar muito felizes em falar sobre Irmã Maria. Mediante um agendamento, conseguimos realizar a entrevista com o casal no sítio em que moram, localizado em Maracanaú, Região Metropolitana de Fortaleza, onde Irmã Maria costumava passar alguns dias de suas férias.

No dia 5 de abril, visitamos o Colégio Cristo Redentor e conseguimos entrevistar Hernilva Gomes Queiroz. Ela foi aluna da escola e atualmente é diretora. Quando lhe explicamos a proposta da pesquisa, ela comentou que era a única na escola que havia conhecido Irmã Maria, pois a escola havia sido municipalizada, tendo todo o quadro de funcionários

mudado. Vale ressaltar que tínhamos tentado contato telefônico e eletrônico e não havíamos obtido resposta. Então, fomos direto à escola para tentar encontrar alguém que pudesse nos ajudar. Hernilva, apesar da correria exigida pelas demandas constantes do cargo de gestão na escola, atendeu-nos em sua sala, que, ao contrário da sala ampla, climatizada e silenciosa da diretora Rita Landim, possuía pouco espaço e ainda era dividida com a coordenadora, contando apenas com a ventilação dos ventiladores. Infelizmente tivemos algumas interrupções, mas nada que viesse a atrapalhar o decorrer da entrevista.

Em todos os casos, respeitamos a escolha dos colaboradores e, em data e horários previamente estabelecidos, as entrevistas se realizaram com qualidade acústica e possibilidade de uma rica conversa. Importa salientar, no entanto, que, antes do início das entrevistas, com suas respectivas gravações, mediante gravador digital, todos os colaboradores assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que explicava o fito da pesquisa, a participação voluntária, as possíveis contribuições e os riscos da pesquisa, bem como a possibilidade de contato com os pesquisadores e a retirada de sua participação a qualquer momento.

Ressalta-se que essa metodologia possibilita às pessoas que viveram compreender esse passado, levantar vestígios que resguardam consigo para recontar a história daqueles com quem estiveram por longos anos durante a trajetória de vida. Como explicitado anteriormente, para a elaboração desta pesquisa, utilizamos tanto fontes orais quanto documentais. Estas serão apresentadas logo abaixo.

Quadro 1 – Fontes orais

Fontes orais			
Pessoa entrevistada	Relação com a biografada	Data da entrevista	Duração da entrevista
Pedro Paulo Montenegro	Irmão	28/02/2018	1h45min
Lais Montenegro	Irmã	15/03/2018	1h30min
Antônio Carlos Montenegro	Irmão	12/04/2018	40min
Roberto Luís Montenegro	Irmão	14/04/2018	1h20min
Kelem Carla Freitas	Colega de trabalho e atual coordenadora do Patronato Sagrada Família	07/02/2018	25min
Aíla Maria Leite	Amiga e colega de trabalho	06/03/2018	50min
Hernilva Gomes	Colega de trabalho no Colégio Cristo Redentor	05/04/2018	30min
Auxiliadora Xavier	Colega de trabalho no Cristo Redentor	02/08/2018	1h45min
Maria do Socorro Nascimento (Irmã Socorro)	Aluna no Colégio da Imaculada Conceição e colega de trabalho	07/02/2018	38min
Bernadete Alcântara Correia	Aluna no Colégio da Imaculada Conceição e colega de trabalho	22/02/2018	1h10min
Rita de Cássia Vasconcelos (Irmã Rita)	Aluna no Colégio da Imaculada Conceição	14/03/2018	25min
Rita Maria Machado	Aluna, amiga e colega de trabalho, quem homenageou Irmã Maria com o nome de sua escola	09/04/2018	1h30min
Íria Maciel (Irmã Íria)	Aluna no Colégio Justino de Serpa	14/04/2018	30min

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Organizamos esse quadro para melhor visualização e compreensão do leitor em torno de quais instituições foram

visitadas e quem foi entrevistado em cada local. Desse modo, poderão saber quem foram as pessoas que colaboraram com essa trama, qual a relação que elas tinham com nossa biografada e também, a título de informação, as datas em que as entrevistas foram realizadas, assim como a duração de cada uma. Importa ressaltar que o contato com cada pessoa entrevistada foi de suma importância, pois a cada conversa – além de recordarem os momentos com Irmã Maria – elas iam indicando outras pessoas e sugerindo locais onde poderíamos encontrar fontes documentais.

Aíla Leite, uma de nossas entrevistadas, por exemplo, foi uma fonte valiosa, tendo em vista que ela até hoje guarda uma pasta com diversos documentos de Irmã Maria, como: carteira de identidade, atestado de óbito, aposentadoria, currículo, certificados e nomeações de alguns cargos ocupados por nossa biografada. Logo mais abaixo, elaboramos um quadro (Quadro 2) com as fontes documentais encontradas e o local a que tivemos acesso. O nosso percurso na busca desses documentos será relatado a seguir.

Quadro 2 – Fontes documentais

Fontes documentais	Acervo
Registro biográfico da Família Montenegro	Acervo pessoal de Laís Montenegro
Livro: <i>Irmã Maria Montenegro: uma história de amor à educação e aos pobres</i> (2009)	Acervo pessoal de Pedro Paulo Montenegro
Capítulo de livro: “Educadora Irmã Maria Montenegro (1923-2008): mulher luz”	Acervo pessoal da autora
Livro: <i>Colégio da Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse</i>	Acervo do Instituto do Ceará
Reportagem sobre o prêmio “Mulher Luz”	Jornal <i>O Povo e Diário do Nordeste</i>
Homenagem do Colégio Irmã Maria Montenegro	<i>Diário do Nordeste</i> (12/09/2008)

Convite à missa de 7º dia	<i>Diário do Nordeste</i> (17/09/2008)
Documentos e certificados (<i>Curriculum Vitae</i>)	Acervo pessoal de Aíla Leite
Jornal <i>Mensageiro da Fé</i> da Paróquia Jesus, Maria e José	Acervo do Colégio Irmã Maria Montenegro
Jornal <i>Expressão</i>	Acervo do Colégio Irmã Maria Montenegro
Registro em homenagem à Irmã Maria intitulado “Irmã Maria: ontem, hoje e sempre”	Acervo do Colégio Irmã Maria Montenegro
Reconhecimento pelos serviços prestados à Educação – Certificado	Acervo pessoal de Roberto Luís
Discurso “Medalha Justiniano de Serpa”	Acervo pessoal de Aíla Leite
Reportagem: “Imaculada tem nova diretora”	Jornal <i>O Povo</i> (11/01/1969)
Constituição das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo	Casa Provincial Maria Medianeira

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Como já mencionado, ao conversarmos com os entrevistados, eles iam mostrando tudo o que guardavam de Irmã Maria. Por exemplo, Pedro Paulo, irmão de nossa biografada, deu-nos o livro que havia organizado sobre sua irmã, intitulado: *Irmã Maria Montenegro: uma história de amor à educação e aos pobres*. Com esse livro, tivemos a oportunidade de conhecer Irmã Maria sob a ótica de mais de 50 pessoas que faziam parte do seu círculo.

Ao ler os depoimentos, íamos tentando encontrar as pessoas para colaborarem com o estudo aqui proposto. Foi por meio desse livro que descobrimos que Irmã Maria havia sido, além de aluna, professora do Colégio Justiniano de Serpa. O livro traz o depoimento de Irmã Íria Maciel, quem relata esse fato. Tivemos a oportunidade de conversar com Irmã Íria para saber um pouco mais sobre esse período. Quando realizamos a entrevista com Roberto Luís, irmão de nossa biografada, Íria estava presente. Ela é cunhada de

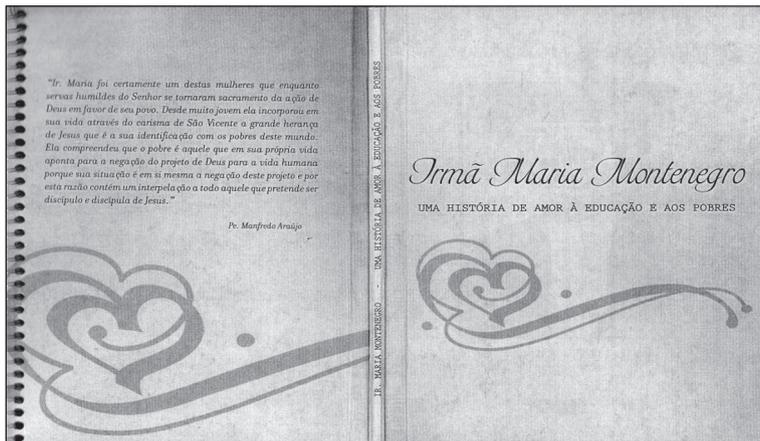
Roberto Luís. Roberto Luís nos recebeu em sua casa e, com toda atenção, foi procurar o que tinha sobre Irmã Maria. Ele nos mostrou algumas fotos e nos deu os certificados de reconhecimento que Irmã Maria chegou a ganhar por seu trabalho desenvolvido na área da educação, inclusive a “Medalha Justiniano de Serpa”.¹

Na entrevista com Rita Landim, tivemos acesso a algumas fotos, e ela nos concedeu um jornal da escola no qual havia uma entrevista com Irmã Maria. Deu-nos também um jornal da paróquia que, segundo ela, “nem lembrava que tinha”. Rita também nos cedeu um registro em homenagem à Irmã Maria, o qual trazia um pouco da história de sua vida, intitulado: “Irmã Maria: ontem, hoje e sempre”.

Ressaltamos que a maioria dos entrevistados guardava fotos, as quais nos ajudaram muito. Entretanto, salientamos que a dificuldade deste estudo foi com a documentação, pois todos relatavam que Irmã Maria ganhava muitos prêmios, comendas, mas ninguém sabia informar quais eram nem em que período haviam se dado. Soubemos da “Medalha Justiniano de Serpa” nos arquivos de Aíla, uma vez que encontramos o discurso que Irmã Maria havia feito; só na entrevista com Roberto Luís é que encontramos o registro dessa premiação. No que concerne ao prêmio “Mulher Luz”, alguns dos entrevistados não sabiam a data nem a ocasião em que Irmã Maria havia recebido tal homenagem. Algumas pessoas até diziam que o nome desse prêmio era “Mulher do Ano” e só a partir das pesquisas nos jornais é que conseguimos encontrar as reportagens sobre essa homenagem. Logo adiante trazemos alguns desses achados.

¹ Irmã Maria recebeu a medalha no governo de Ciro Gomes no ano de 1992. Essa medalha era destinada a agraciar membros do Magistério, bem como personalidades e instituições que hajam prestado relevantes serviços à educação brasileira, especialmente ao Estado do Ceará.

Imagem 1 – Livro: Irmã Maria Montenegro: uma história de amor à educação e aos pobres



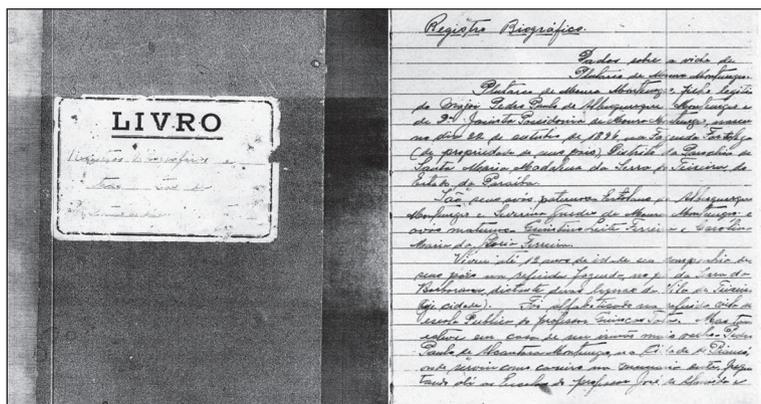
SUMÁRIO	
Introdução.....	5
Ir. Lúcia Montenegro.....	7
Pedro Paulo Montenegro.....	10
João Alfredo Montenegro.....	15
Dayse Beneditos.....	18
Roberto Luis Montenegro.....	19
Jacira Maciel.....	20
Silvia Helena.....	21
Antônio Carlos Montenegro.....	23
Edy Montenegro.....	24
Maria Stella.....	25
Eduardo José Montenegro.....	25
Lúcia Montenegro.....	25
Mirza Helena.....	27
Eurides Coelho.....	27
Maria Cecília Queiroz Costa.....	28
Wanda e Afonso.....	30
Amelita.....	30
Ana Maria e Ilmo.....	30
José Alfredo Firmeza.....	31
Ir. Carmem Sampaio.....	34
Ir. Iria Maciel.....	35
Antônio Mourão.....	36
Mons. Antônio Souto.....	38
Pe. Evaristo.....	39
José Maria Bonfim de Moraes.....	43
Pe. Manfredo Araújo.....	44
Dom Manoel Edmilson Cruz.....	47
Adilson Sá.....	50
Ir. Rita Maria.....	51
Renata Queiroz Jereissati.....	53
Bernardete de Alcântara.....	53
Pe. Wagner.....	54
Fabiana Lima.....	54
Virginia Pimentel.....	54
Maria Ceoli Bezerra de Melo.....	56
Neide Crispino.....	57
Yolanda de Paula Serra.....	58
Maria da Cuiá Silva Lima.....	60
Maria Amélia Barros Leal.....	65
Cybele Nunes Pereira.....	66
Maria de Lourdes e Paulo Ailton.....	66
Francisco José e Angélica.....	67
Lúcia Rios.....	69
William Soares.....	70
Aila Leite.....	71
Versinho de São José.....	71
Rita Maria Landim.....	72
Irmãs Patronato de Sagrada Família.....	74
Jornal Expressão.....	75
Perpétua Sampaio.....	78
Maria Iracema Ribeiro - Pardiá.....	79
Pedro Paulo Montenegro 50 anos de vida religiosa.....	80
João Alfredo Montenegro 60 anos de vida religiosa.....	83

Fonte: Acervo de Pedro Paulo Montenegro.

Ao entrevistarmos Pedro Paulo Montenegro, ele nos mostrou o livro de sua autoria publicado em 2009 pela Expressão Gráfica Editora: *Irmã Maria Montenegro: uma história de amor à educação e aos pobres*, em que mais de 50

peças prestaram homenagem à Irmã Maria. Diante disso, percebemos que várias pessoas expressam, mediante seus depoimentos, as contribuições pessoais e profissionais deixadas por Irmã Maria, as quais foram unânimes em falar sobre sua dedicação aos pobres, à educação e a Deus. A obra foi idealizada por Laís Montenegro e o autor foi Pedro Paulo Montenegro. Esse livro foi de fundamental importância nesta pesquisa, como já dito antes, haja vista que, por meio dele, fomos procurando as pessoas para participarem das entrevistas.

Imagem 2 – Registro biográfico da família Montenegro



Fonte: Acervo de Laís Montenegro.

Em entrevista com Laís, ela nos deu o livro em que seu pai registrava a história da família, um tipo de diário, que contava como o casal tinha se conhecido, do nascimento dos filhos; logo após a morte de Plutarco, quem continuou a escrita foi Maria Stella. À época (início do século XX), esse tipo de registro era bem comum. Fazendo a leitura desse diário, vale ressaltar que nosso estudo centrou ênfase na pesquisa e análise aprofundada da parte que retratava o nascimento e

trajetória de Irmã Maria. Esse registro da história da família possui 47 páginas, sendo três destinadas a Irmã Maria.

Dos seus 84 anos vividos, Irmã Maria dedicou mais de 60 anos à educação. Para conhecermos um pouco da sua trajetória educacional e profissional, elaboramos um quadro para melhor compreensão do leitor. Vale ressaltar que a construção desse quadro só foi possível mediante a coleta de documentos, principalmente Curriculum Vitae e certificados que até hoje estão guardados no arquivo pessoal de Aíla Leite. As datas, até o ano de 1977, que compõem o Quadro 3 foram extraídas do Curriculum de nossa biografada.

Quadro 3 – Trajetória educacional e profissional

Trajetória educacional e profissional	
Ano	Instituição
1931-1932	Instrução Primária - Grupo Escolar de Quixadá
1933	Concluiu o primário no Grupo Escolar Santos Dumont
1934-1941	Estudou na Escola Normal Justiniano de Serpa
1943	Tornou-se Irmã de Caridade
1945-1956	Professora do Colégio da Imaculada Conceição
1947-1950	Curso Superior de Línguas Neolatinas: Faculdade Católica de Filosofia do Ceará
1956-1962	Diretora no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (Cametá - Pará)
1962	Trabalhou no Patronato (Maceió - Alagoas)
1963	Estagiou na Clínica Psicológica da Faculdade Sedes Sapientiae - São Paulo
1963-1964	Pós-Graduação em Orientação Educativa (São Paulo)
1964-1966	Diretora no Colégio Medalha Milagrosa (Salvador - Bahia)
1966	Professora de Psicologia Evolutiva na Universidade Católica de Salvador
1967-1968	Estudou no Instituto Católico de Paris
1969	Curso de Teologia
1969-1976	Diretora no Colégio da Imaculada Conceição
1974-1975	Presidente da Associação dos Orientadores Educacionais - Fortaleza

1977-1987	Trabalhou no Colégio Cristo Redentor (Pirambu)
1977	Representante da Província Eclesiástica do Ceará
1987-2008	Trabalhou no Patronato Sagrada Família (Antônio Bezerra)
-	Foi responsável pelas reuniões e formações no Colégio Irmã Maria Montenegro
-	Professora de Religião no Colégio Justiniano de Serpa

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Como já mencionado anteriormente, o intuito de elaborarmos esse quadro foi conhecermos de maneira rápida o percurso de formação de Irmã Maria. No que concerne especificamente às duas últimas atividades educacionais: “Foi responsável pelas reuniões e formações no Colégio Irmã Maria Montenegro” e “Professora de Religião no Colégio Justiniano de Serpa”, gostaríamos de esclarecer o porquê de não terem sido datadas.

O Colégio Irmã Maria Montenegro foi fundado em 1981 e, ao conversarmos com Rita Landim e Auxiliadora (diretora pedagógica e secretária, respectivamente), elas explicaram que Irmã Maria não havia trabalhado no colégio, ela apenas dava um suporte quando necessário nas reuniões de pais e mestres, uma espécie de consultoria ou assessoria pedagógica, assim como nas formações dos professores, por isso não foi especificado um período. Já em relação ao cargo de professora de Ensino Religioso no Colégio Justiniano de Serpa, nós soubemos dessa atuação por meio do livro de homenagem, o que foi confirmado durante a entrevista com a Irmã Íria Maciel, em que esta relatou que havia sido aluna de Irmã Maria no Colégio Justiniano de Serpa durante os anos de 1946 e 1952. No entanto, ao buscarmos documentações e registros desse período na instituição, nada foi encontrado. O arquivo estava desativado devido às más condições e fomos informadas que, mesmo assim, a instituição só possuía

registro a partir de 1960. Infelizmente não conseguimos contato com nenhuma outra aluna, colega de trabalho ou documento desse período que permitisse maiores inferências.

Diante desta breve síntese acerca da trajetória profissional de Irmã Maria, trazemos, a seguir, o capítulo intitulado “A vida de Irmã Maria Montenegro”, em que temos como foco apresentar a vida da biografada em questão, elencando algumas situações de sua trajetória que nos fazem compreender melhor sua educação familiar, escolar, bem como seu percurso profissional, procurando interpretá-los, problematizá-los e contextualizá-los historicamente. No tocante à atuação profissional, abordamos a trajetória da biografada nas quatro escolas em que atuou na cidade de Fortaleza: Colégio da Imaculada Conceição, Colégio Irmã Maria Montenegro, Colégio Cristo Redentor e Patronato Sagrada Família.

3 A VIDA DE IRMÃ MARIA MONTENEGRO

No ano de 1918, Plutarco de Moura Montenegro – paraibano nascido no ano de 1896 – se formava na primeira turma do curso de Odontologia em Fortaleza. Recém-formado, foi trabalhar em Quixadá, sertão central cearense. Lá conheceu Maria Stella de Sousa – professora cearense nascida no ano de 1903. No dia 8 de dezembro de 1921, casaram-se. O casal teve um total de 11 filhos, dos quais dois morreram ainda crianças.

Meu pai foi trabalhar em Quixadá e conheceu minha mãe e se casou lá. Aí nasceu a Lucila, depois a irmã Maria, depois a Lígia, a Helena, que morreu ainda pequena, aí eu, depois outro que faleceu também [...]. Meu pai era dentista, mas, como meu avô era político, ele botou meu pai como fiscal de renda do estado, chamava de coletor fiscal. Juntava os impostos na casa dele lá em Quixadá, perto da igreja, na praça. Tinha o consultório dele e tinha a sala dele, o escritório de coletor fiscal. Depois é que construíram uma prefeitura melhor e botaram meu pai para trabalhar lá. (Pedro Paulo Montenegro, 28/02/2018).

Imagem 3 – Família Montenegro: Plutarco, Maria Stella e filhos



Fonte: Acervo de Laís Montenegro.

Essa foto da família foi em comemoração aos 60 anos de matrimônio de Plutarco e Maria Stella, no dia 8 de dezembro 1981. Da esquerda para a direita (do leitor), estão: João Alfredo (em pé), Irmã Lúcia (sentada) – foi o nome recebido por Maria Lígia Montenegro quando tornou-se freira –, Pedro Paulo (em pé), Roberto Luís (em pé), Irmã Maria Montenegro (em pé), Maria Lucila (em pé), Antônio Carlos (em pé), Plutarco e Maria Stella (sentados), Eduardo José (sentado) e Laís (sentada). Faremos a seguir uma breve apresentação dos irmãos de Irmã Maria Montenegro. Para melhor compreensão, elaboramos um quadro da família seguido pela imagem da árvore genealógica ainda guardada pela caçula da família, Laís. Como já mencionado, o casal Maria Stella e Plutarco Montenegro tiveram 11 filhos, mas dois desses morreram ainda crianças, por isso na foto estão apenas nove filhos.

Quadro 4 – Filhos do casal Plutarco e Maria Stella Montenegro

	Nome	Anos de nascimento e de morte
1	Maria Lucila Montenegro de Albuquerque	1922-2012
2	Maria Lúcia de Sousa Montenegro	1923-2008
3	Maria Lígia de Sousa Montenegro	1925-
4	Maria Helena de Sousa Montenegro	1926-1927
5	Pedro Paulo de Sousa Montenegro	1928-
6	José Maria de Sousa Montenegro	1929-1931
7	João Alfredo de Sousa Montenegro	1930-2013
8	Roberto Luís de Sousa Montenegro	1932-
9	Antônio Carlos de Sousa Montenegro	1934-
10	Eduardo José de Sousa Montenegro	1937-
11	Maria Lais de Sousa Montenegro	1940-

Fonte: Elaboração própria (2018).

A primeira filha foi Maria Lucila Montenegro de Albuquerque, nascida em 11 de outubro de 1922, quem se casou mais tarde com Gilberto Coelho de Albuquerque. Logo depois, em 4 de dezembro de 1923, nasceu Maria Lúcia de Sousa Montenegro, nossa biografada, vida de quem logo mais nos aprofundaremos mais minuciosamente.

No dia 12 de fevereiro de 1925, nasceu Maria Lígia de Sousa Montenegro, irmã de Irmã Maria que se tornou freira também. Logo após o noviciado, Maria Lígia recebeu o nome de Irmã Lúcia. Fez faculdade de Serviço Social em São Paulo e mestrado em Sociologia no Recife e fundou duas casas de caridade (Casa da Criança e Casa do Menor Trabalhador), ambas escolas profissionalizantes. Posteriormente, em 18 de setembro de 1926, Plutarco e Maria Stella viriam a ter ou-

tra filha, Maria Helena de Sousa Montenegro, que faleceu de difteria no dia 1º de julho de 1927, aos nove meses de idade.

Pedro Paulo de Sousa Montenegro, o primeiro filho homem do casal, nasceu no dia 9 de janeiro de 1928. Casou-se com sua prima legítima Germana Maria Sousa Montenegro. Foi professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Ceará (UFC). Chegou a ser pró-reitor de extensão da UFC e escreveu como crítico literário em alguns livros publicados.

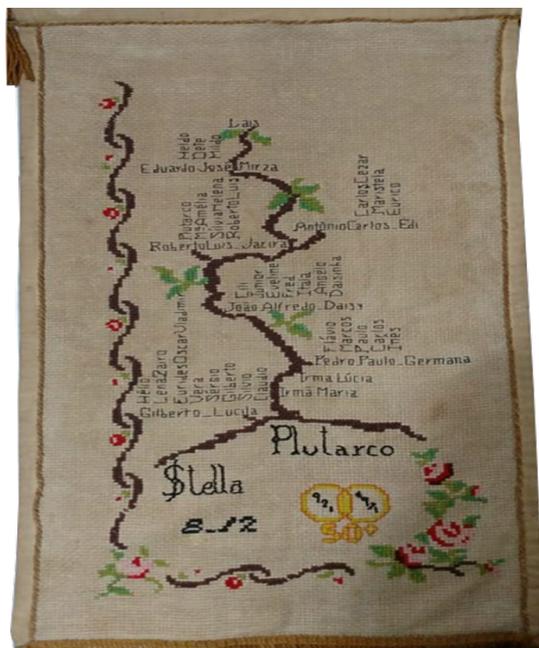
José Maria de Sousa Montenegro nasceu no dia 27 de abril de 1929. No entanto, mais uma tragédia se abateria sobre a família. Antes do nascimento de José Maria, sua mãe, Maria Stella, havia sido picada por uma cobra jararaca. O veneno havia atingido o bebê, que ficou com algumas sequelas do veneno e faleceu no dia 28 de março de 1931, pouco antes de completar dois anos. No ano de 1930, em 15 de dezembro, Maria Stella deu à luz a uma nova criança, um terceiro filho homem, João Alfredo de Sousa Montenegro, quem construiu uma carreira como pesquisador e historiador, sendo membro da Academia Brasileira de Filosofia no Rio de Janeiro e professor na faculdade de Direito da UFC.

Roberto Luís de Sousa Montenegro, oitavo filho do casal, nasceu no dia 28 de setembro de 1932, quem se formou em Direito pelo Tribunal de Contas do Estado. Logo adiante, em 1934, no dia 22 de agosto, nasceu Antônio Carlos de Sousa Montenegro, o primeiro até então a nascer na cidade de Fortaleza. Antônio Carlos ingressou na Academia Militar de Agulhas Negras (Aman) e fez o curso técnico na Escola Técnica do Rio de Janeiro. Já em 1937, no dia 2 de outubro, nasceu Eduardo José de Sousa Montenegro, que mora em São Paulo e leciona em algumas faculdades de São Paulo. Por fim, nasceu a caçula, no dia 6 de fevereiro de 1940: Maria Laís de Sousa Montenegro. Esta se formou em Letras na Faculdade Católica de Filosofia, que mais tarde faria parte da

Universidade Estadual do Ceará. Chegou a ser professora do primário. Fez também faculdade de Pedagogia e pós-graduação em Tecnologia Educacional.

A imagem a seguir é a de uma árvore genealógica da família Montenegro construída por Irmã Lúcia no ano de 1971. É um bordado em ponto-cruz em um tecido etamine bege próprio para bordado. Os nomes de Maria Stella e Plutarco estão embaixo, fazendo uma referência à raiz de uma árvore. O tronco dessa árvore corresponde aos filhos e seus cônjuges. Ainda constam os nomes dos netos. Os números 8.12 que podemos visualizar embaixo do nome “Stella” fazem referência ao casamento de Plutarco e Maria Stella, realizado no dia 8 de dezembro de 1921.

Imagem 4 – Árvore genealógica da família Montenegro



Fonte: Acervo de Lais Montenegro.

Essa árvore genealógica até hoje é guardada por Laís. Durante as entrevistas, Laís nos possibilitou toda a informação de que tinha acesso sobre a Irmã Maria Montenegro, sejam os relatos de memórias sobre a irmã, sejam as fotografias que ainda guarda, sendo essencial para que pudéssemos investigar detalhes da vida dessa educadora. Para a caçula da família, Irmã Maria foi um exemplo de disciplina e dedicação, por quem tem profunda admiração; como ela nos disse, Irmã Maria foi sua segunda mãe.

Mais adiante, discutiremos detalhes da vida de Irmã Maria fornecidos pelos entrevistados que nos foram fios condutores para desvelar mais aspectos e singularidades dessa mulher. Com tais informações, buscaremos conhecer de forma mais aprofundada a trajetória formativa e profissional de Irmã Maria Montenegro, assim como suas contribuições para com a educação no estado.

3.1 Educação familiar

Era 4 de dezembro de 1923, terça-feira, às 5 horas da manhã, na residência de Plutarco e Maria Stella, localizada em frente à Praça José de Barros, em Quixadá, nascia Maria Lúcia de Sousa Montenegro, pesando 3.200 quilos. Seu batizado ocorreu no dia 25 de dezembro do mesmo ano. O celebrante do sacramento foi o Padre Afonso. Foram padrinhos Jacinta Montenegro, sua avó paterna, e José Bonifácio de Sousa, seu tio materno. No mesmo dia de seu batizado, Maria Lúcia foi consagrada a Nossa Senhora, sendo sua madrinha sua tia Rosália. Rosália tinha uma escolinha em Quixadá, em que Irmã Maria e suas irmãs tiveram os primeiros contatos com a educação. Irmã Maria começou o ensino primário aos 7 anos de idade, ainda em Quixadá, o qual concluiu quando sua família se mudou para Fortaleza,

em 1932, devido à grande seca que assolava o estado. Laís relatou:

Em 1932, o papai mudou-se com a família toda, por causa da seca, né? Uma das piores secas. A mamãe dizia que essa seca de 1932 foi terrível, pedia água a vizinha, foi um sacrifício. Aí papai veio para Fortaleza. Os três últimos filhos nasceram em Fortaleza, eu e os dois irmãos. O papai tinha muitos filhos e o comezinho era nas escolas... nos grupos escolares. A mamãe também foi diretora e ensinou nesse Clóvis Beviláqua na avenida Santos Dumont com Dom Manuel. Depois ela fez a escola normal Justiniano de Serpa, que era famosa, né? Todos os professores eram mestres. (Laís Montenegro, 15/03/2018).

Por ocasião da seca de 1932 e dos constantes períodos de estiagem, as pessoas começaram a vir para Fortaleza à procura de melhores condições de vida. Entretanto, passaram a enfrentar outros problemas, como “[...] o desemprego, as condições precárias de moradia, doenças”, como afirma Cavalcante (2001, p. 60). Frente a isso, muitos retirantes ocupavam a capital de maneira desordenada, o que levou o governo a pensar em um modelo higienista para a cidade, pois nessa época Fortaleza ainda respirava as mudanças da Belle Époque (1890-1920). Entretanto, as ações de saneamento e modernização não foram suficientes e a necessidade de afastar os mendigos “indesejáveis” se tornava um objetivo do governo local, já que Fortaleza vivia uma época de ascensão e não era conveniente, ao olhar da elite, ver os locais públicos – praças, avenidas, calçadas – tomados por indigentes. Foi assim que a zona oeste da cidade começou a ser utilizada como “[...] depositário daquilo que deveria ser varrido de seu lado rico” (QUEIROZ, 2010, p. 56), conseqüentemente, nos primeiros anos da década de 1930, o bairro Pirambu, localizado nessa zona da cidade de Fortaleza, começou a ser

habitado, principalmente por esses migrantes da zona rural – em maioria, pescadores, desempregados ou operários –, e o bairro passou a concentrar muitos problemas sociais, sendo considerado um dos territórios mais miseráveis da periferia de Fortaleza (CAVALCANTE, 2001).

Esse contexto não foi o caso da família Montenegro, pois Plutarco era dentista e viajava muito, fato esse que ajudava a ter contato com pessoas importantes, e Maria Stella como professora poderia trabalhar. Quando vieram para Fortaleza, tanto Maria Stella quanto Plutarco conseguiram emprego por intermédio de César Cals e foram morar na avenida Dom Manuel, no centro da cidade, zona nobre para a década de 1930.

Ainda na infância, Irmã Maria foi alfabetizada no Grupo Escolar de Quixadá. Os grupos escolares, tidos como referências educacionais no início do século XX (FREIRE, 2017), contribuíram para a organização do trabalho docente e escolar com a seriação das classes e para a utilização do tempo e dos espaços no contexto educativo, visto que agora apenas um diretor deveria orientar o trabalho dos professores, sendo estes encarregados de uma sala de aula seriada, isto é, composta por alunos de idades e ritmos de aprendizagem semelhantes, mudando, assim, a lógica que vigorava nas chamadas escolas isoladas, que não eram seriadas (SAVIANI, 2008).

É oportuno salientar que o Ceará ainda tentava sistematizar seu processo de ensino, pois nesse período a educação, não só no Ceará, mas em todos os demais estados do Brasil, vinha sofrendo mudanças com as inúmeras reformas. Não obstante, a tentativa de renovação dos métodos de ensino incentivados por Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira, durante a década de 1930, com o Movimento da Escola Nova, ainda não havia alcançado os objetivos dese-

gados nas escolas brasileiras, fossem elas públicas ou privadas (FREITAS; BICCAS, 2009). No Ceará, em congruência, as atividades ainda eram mecanizadas e desvinculadas da realidade, apresentando dificuldades em aceitar os pressupostos da Escola Nova. Tais pressupostos, trouxeram uma perspectiva de mudança de ensino, metodologias e função social da escola, o que foi de encontro à Pedagogia Tradicional, que enfatizava a memorização, a repetição e o conteudismo.

De acordo com Saviani (2008), a concepção escolanova é construída sob a crítica da escola tradicional, pois a escola, como instituição formadora, deveria ser capaz de corrigir as distorções sociais expressas pelo problema da marginalidade, tendo a educação como redentora.

Sobre a chegada da família Montenegro em Fortaleza, Pedro Paulo relatou:

Quando viemos para cá [Fortaleza], eu tinha 4 anos. Minha mãe era professora primária, era formada mesmo. O César Cals arranhou para ela ensinar no grupo escolar. Meu pai trabalhou no centro de saúde vizinho ao Teatro José de Alencar e depois foi para a escola normal. (Pedro Paulo Montenegro, 28/02/2018).

Para compreendermos a educação familiar de Irmã Maria, tivemos a oportunidade de conversar com Pedro Paulo, Antônio Carlos, Roberto Luís e Laís, irmãos da biografada. Pedro Paulo, hoje aos 90 anos de idade, ainda lúcido, passa o dia em sua biblioteca, lendo e estudando. Ele comentou que esse gosto pela leitura e pelos estudos foi incentivo de sua mãe, Maria Stella:

Eu aprendi a ler, essa minha biblioteca, eu devo a minha mãe. Todos nós íamos brincar na rua e minha mãe não queria. Ali na Dom Manuel naquele tempo era areia, a rua bem larga... a gente fazia bola de meia

para jogar. As meninas não brincavam na rua, só no quintal mesmo. Minha mãe não botava nenhuma menina para ajudar em casa, elas estudavam e brincavam. (Pedro Paulo Montenegro, 28/02/2018).

Imagem 5 – Casa da família Montenegro na Avenida Dom Manuel



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

A imagem anterior é da casa em que a família Montenegro morou em 1932 quando chegou a Fortaleza. A família morou lá até a morte do patriarca da família, Plutarco Montenegro, em 1987. Laís chegou a comentar que hoje em dia a casa pertence a uma conhecida da família, dona Helena. Nas entrevistas com os irmãos de nossa biografada, todos lembraram sobre o período de moradia na avenida Dom Manuel, número 254. Falaram sobre sua infância e educação e sobre a presença de Irmã Maria em suas vidas. No que concerne à educação no período da infância, Pedro Paulo nos disse:

Nós tivemos a melhor educação possível... era a educação do amor. Meu pai e minha mãe nunca briga-

ram. Meu pai era paraibano, meio grosso, mas muito corajoso. Hoje em dia as famílias desmoram por falta de amor, de diálogo, compreensão... e na nossa época nossa educação foi assim. Meu pai era muito severo, mas nunca maltratou nenhum filho. Eu tinha um irmão, João Alfredo, que já faleceu, que era muito danado: teve uma vez que meu pai puxou uma trava para bater nele, e minha mãe segurou a trava e disse que ninguém bate em criança. (Pedro Paulo Montenegro, 28/02/2018).

Já Roberto Luís e Antônio Carlos relataram que a educação em casa sempre foi muito religiosa. Todo domingo tinham que ir à missa. Sobre Irmã Maria, Pedro Paulo disse: “A Irmã Maria tinha uma grande vocação pedagógica. Foi ela quem me preparou para o exame de admissão. Ela estudava muito, as notas dela eram sempre muito boas. Eu não me lembro dela brincando em casa, só estudando”. Assim como Pedro Paulo, os outros irmãos, Antônio Carlos e Roberto Luís, também não se recordaram de Irmã Maria brincando, era só estudando. Antônio Carlos Montenegro (Entrevista, 12/04/2018) comentou: “Foi ela quem me ensinou a ler aos 4 anos de idade”. E Roberto Luís Montenegro (Entrevista, 14/04/2018) destacou: “Ela sempre foi muito inteligente. Me ajudava com o português e corrigia minhas redações”.

Irmã Maria cursou a Escola Normal Justiniano de Serpa, na qual obteve diploma de professora no dia 13 de dezembro de 1941, aos 18 anos de idade. É importante destacar que não era fácil conseguir uma vaga em uma escola pública do porte da Justiniano de Serpa, pois havia uma expressiva busca por vaga nessa instituição, que oferecia, nesse período, até cursos para exame de admissão. De acordo com Silva (2009, p. 196), “[...] a classe economicamente favorecida passou a frequentar os cursos preparatórios que surgiram em consequência do limitado número de vagas [...]. Esses

curso eram proporcionados por escolas privadas”. Nesse sentido, salientamos ainda, conforme a autora, que havia um grande índice de reprovação nesses exames, o que transparece “rigor e critério na seleção”.

Irmã Maria começou a estudar no Justiniano de Serpa em 1934, quando este ainda era Escola Normal Pedro II, passando a ser denominado de Escola Normal Justiniano de Serpa apenas em 1939, sendo, desde 1961, essa instituição conhecida como Colégio Estadual Justiniano de Serpa.

A Escola Normal do Ceará foi criada em 1837, mas só teve suas atividades iniciadas em 1884, antes disso, de acordo com a Lei do Ensino de Primeiras Letras (Lei da Instrução Pública), de 15 de outubro de 1827, os professores que não tivessem formação necessária deveriam instruir-se em curto prazo e à custa de seus ordenados nas escolas das capitais. A Escola Normal do Ceará deveria:

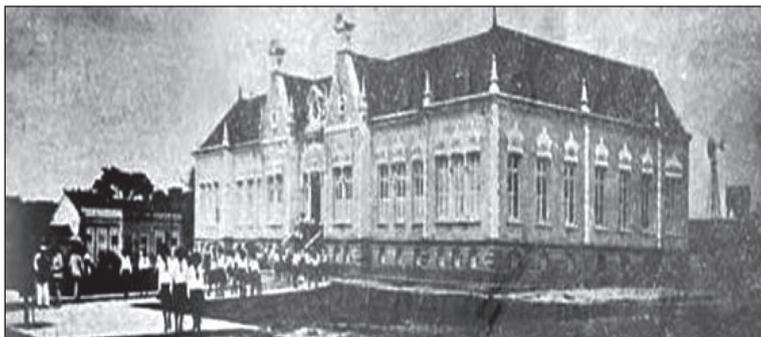
[...] formar um curso de três anos anexo ao Liceu desta capital, oferecido a nacionais ou estrangeiros de ambos os sexos, maiores de 16 anos, em que se ensinariam Português (análise dos clássicos e crítica literária), Geografia, elementos de História Universal, História do Brasil e Corografia do Ceará, Filosofia, Moral e Religião, Matemáticas Elementares, Metodologia e Desenho Linear, Física Elementar e preceitos de Higiene, e Pedagogia teórica e prática. (CASTELO, 1970, p. 196).

No ano de 1935, foi instituído um novo regulamento da escola normal, proposto pelo então diretor João Hipólito de Azevedo. O referido regulamento, de acordo com Silva (2009), foi sancionado pelo decreto nº 1.459, de 22 de janeiro de 1935, o qual estabelecia que o curso normal estava destinado a alunos de ambos os sexos e que seria composto de cinco cursos, como descreve do decreto:

Art. 1º – A Escola Normal Pedro II, com séde na Capital, é um externato destinado á educação integral e á instrucção de alumnos de ambos os sexos que pretendam habilitar-se para o magistério primário. Art. 2º – A Escola Normal abrange 5 cursos: I – o pré-primário, no Jardim da Infância; II – o primário, feito na Escola Modelo; III – o curso secundário; IV – o curso normal ou technico, para formação de professores; V – o curso de aperfeiçoamento do professorado.

Conforme citado no artigo 2º, o curso normal que Irmã Maria havia concluído em 1941 era destinado à formação de professores. O referido curso tinha a duração de dois anos (artigo 38), compreendendo as seguintes disciplinas: “Biologia Geral, Anatomia e Physiologia Humana; Psychologia; Pedagogia e Sociologia Educacional; Technica do Ensino; e Hygiene Geral, Hygiene Escolar e Puericultura” (SILVA, 2009, p. 173).

Imagem 6 – Colégio Justiniano de Serpa (década de 1940)

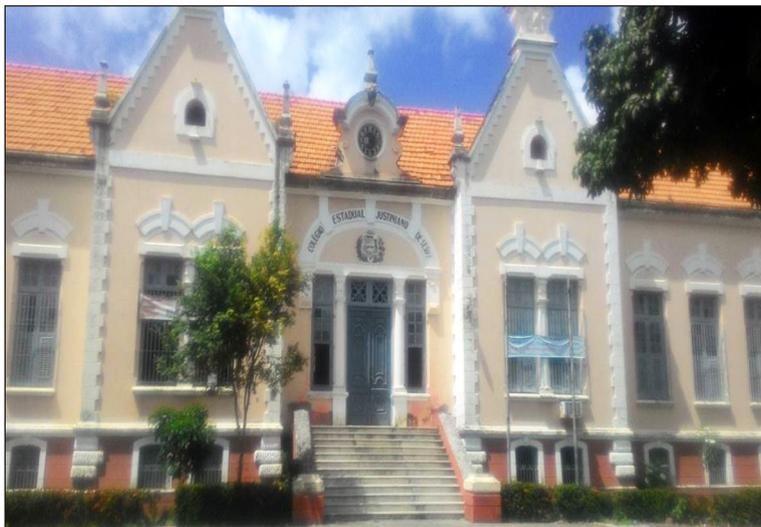


Fonte: Fortaleza em fotos.

Consoante Silva (2009, p. 42), na década de 1940, a reforma da educação iniciada por meio das leis orgânicas do ministro Capanema enfatizava “[...] a fragmentação dos diferentes níveis de ensino, tratando o ensino normal como

apenas mais um desses níveis”. Até 1961, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que representou um grande avanço na educação do país, a educação foi orientada pelas leis orgânicas do ministério de Gustavo Capanema, elaboradas durante a ditadura Vargas. Ainda nos primeiros anos do Estado Novo, por força do fechamento político, o debate educacional foi caracterizado por reduzida circulação de ideias. Em 1942, Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde Pública, implementou uma série de reformas, denominadas Leis Orgânicas do Ensino, que se estenderam até 1946 e completaram o processo político aberto ainda em 1930. Iniciaram-se as reformas de ensino, de níveis primário e secundário, bem como as modalidades de ensino técnico-profissional: industrial, comercial, normal e agrícola (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011).

Imagem 7 – Colégio Justiniano de Serpa (atualmente)



Fonte: Acervo da autora (2018).

A imagem acima é da instituição Justiniano de Serpa atualmente, em 2018. O prédio ainda mantém a mesma fachada da época em que Irmã Maria o frequentou, pois há uma preservação da estrutura por ter sido considerado patrimônio histórico. No ano de 2010, foi aprovado o tombamento da instituição, assim como do Colégio da Imaculada Conceição, conforme reportagem abaixo:

O Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Fortaleza (COMPHIC) aprovou nessa quinta-feira, 1º, por unanimidade, o tombamento do conjunto arquitetônico que integra Colégio Imaculada Conceição, a Igreja do Pequeno Grande, a Escola Jesus, Maria e José e a Escola Justiniano de Serpa, localizados no entorno da Praça Filgueiras de Melo, no Centro da cidade. (O POVO, 02/10/2015).

Salientamos, mais uma vez, que fomos à escola para tentar conseguir algo do período em que Irmã Maria foi aluna e professora, mas fomos informadas de que o arquivo da instituição foi desativado por apresentar desgaste nas documentações, bem como mofo e poeira. A documentação que eles ainda têm acesso data a partir de 1960.

Laís nos contou que a mãe delas havia estudado nessa escola, a qual tinha ido até falar com o diretor para conseguir uma vaga para a Irmã Maria. Sobre o ocorrido, Laís nos contou:

Eram só professores mestres e era difícil conseguir uma vaga. Então, como foi que ela conseguiu? A minha mãe estudou lá no tempo de um educador famoso, João Hipólito de Azevedo Sá. Ele era famoso. Então, era muito difícil. A mamãe era a primeira da turma. A mamãe dizem que ela nasceu educada. Era assim meiga e nunca via mamãe fazer grosseria com ninguém. Então, quando a mamãe foi pedir ao professor doutor João Hipólito para Irmã Maria en-

trar, ele disse: ‘Sua filha entra na hora’, porque precisava ‘cartão’ [...]. Agora a mais velha foi no Colégio da Imaculada, a que casou... a que estudou no colégio de freira. E as que estudaram em colégio ‘leigo’ foram ser ‘irmãs’. (Laís Montenegro, 15/03/2018).

A outra irmã a quem se referiu Laís é Maria Lígia Montenegro, quem também estudou no Justiniano de Serpa e se tornou posteriormente freira. Pedro Paulo também lembrou esse fato: “A mais velha, Lucila, estudou no Colégio da Imaculada Conceição, e a Lúcia e a Lígia, que estudaram na escola normal, viraram freira [risos]; eu acho que é vocação mesmo, não é a escola”. De acordo com Roberto Luís, irmão da biografada, a vocação dela havia nascido ainda na infância: “Lá em casa, na Dom Manuel, 254, foi que nasceu a vocação dela. Papai todo sábado e domingo chamava as meninas para fazer visitas, elas iam para a Santa Casa de Misericórdia, para conventos”.

No que concerne à vocação religiosa, Stein (1999, p. 64) questiona: “A vocação religiosa pode ser entendida como profissão feminina?”. Embora não seja possível ter o relato de Irmã Maria dos possíveis porquês de ter se tornado freira, tentaremos trazer possibilidades e brechas das razões dessa escolha. Stein (1999, p. 125) assevera que durante séculos as mulheres não conheciam outra profissão que não fosse a de esposa e mãe ou de religiosa, o que naturalizou a formação das moças direcionada a esses objetivos, no sentido de que “[...] as moças seriam introduzidas no trabalho doméstico e nos exercícios de piedade, na família ou no convento, sob a direção de donas de casa ou de freiras, preparando-as assim para sua futura função”. Bem como asseverou Roberto Luís, Irmã Maria foi conduzida por seu pai e outras mulheres religiosas a frequentar e adquirir gosto pelo trabalho voluntário e religiosidade nas visitas às Casas de Misericórdia e Conventos.

Laís relatou que Irmã Maria foi a aluna que “[...] mais se destacou em preparo e comportamento”, assim ficando em primeiro lugar e sendo escolhida como oradora da turma. No ano de formatura de Irmã Maria, em 1941, foram diplomadas 155 normalistas (ARAÚJO, 2015).

Imagem 8 – Irmã Maria na sua formatura na Escola Normal Justiniano de Serpa aos 18 anos de idade (1941)



Fonte: Acervo de Laís Montenegro.

Na imagem acima, percebemos a expressão séria e de concentração da nossa biografada. Cabelo preso, postura reta, segurando o capelo com as duas mãos, vestida em uma beca, com uma gravata em formato borboleta, um “babador” utilizado como jabour (jabô), cujo efeito que se sobrepõe à peça por meio do babado de modelagem em um formato de

losango com o destaque das iniciais EN, referente à Escola Normal. Conforme Araújo (2015), as Escolas Normais representaram o ideário pedagógico moderno, mantendo uma tradição entre as mulheres de se formarem nessas instituições, pois o diploma era reconhecido como sinônimo de excelência, isto é, a normalista estava preparada para ser professora e desempenhar sua função com perfeição.

Depois, para o magistério, Irmã Maria chegou a ser professora de Ensino Religioso no Colégio Justiniano de Serpa, escola em que se destacou, por convite. Ao conversarmos com Irmã Íria Maciel, aluna de Irmã Maria nessa instituição, ela relatou sobre o carisma e profissionalismo de nossa biografada:

Ela foi professora de Religião no Justiniano de Serpa. Era só uma vez na semana. Ela só dava aula para o 2º ano ginásial. Quando eu cheguei no 2º ano é que ela foi minha professora. Aí eu gostei muito. Ela era inteligente, verbosa. Aí eu montei um grupo e nós fomos falar com o doutor João Hipólito, que era o diretor, para ela ficar com nossa turma até terminar o ginásio. Aí ela foi minha professora no 2º, 3º e 4º ano do ginásio. (Irmã Íria Maciel, 14/04/2018).

A fala de Irmã Íria comunga com a dos outros entrevistados, no sentido de destacar a inteligência de Irmã Maria e sua oratória. No entanto, não tivemos acesso a nenhuma documentação do período em que Irmã Maria foi professora nessa instituição para aprofundarmos discussões acerca de sua prática pedagógica. A seguir, faremos uma discussão da educação escolar religiosa de Irmã Maria.

3.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR RELIGIOSA

Como já relatado por seus irmãos, a educação familiar sempre foi baseada na religião. De acordo com o regis-

tro biográfico da família, Irmã Maria fez a sua 1ª Comunhão em 1929, na Matriz de Jesus, Maria e José, em Quixadá, aos 6 anos de idade. Oficiou o grande ato o vigário interino monsenhor Raimundo Hermes. Crismou-se, em 1931, também na Matriz de Quixadá, sendo o celebrante Dom Mendes da Silva Gomes e a madrinha sua tia Emília.

Imagem 9 – 1ª Comunhão de Irmã Maria



Fonte: Acervo pessoal de Laís Montenegro.

Como podemos ver na imagem acima, a foto ainda é em preto e branco, pois o ano é 1929. Devido ao tempo e à preservação da foto, não temos uma boa resolução, no entanto é possível percebermos Irmã Maria em sua primeira comunhão com um vestido branco até o joelho, meias brancas na altura das pernas, sapatos e véu todo branco. Saliemta-se que a cor branca está relacionada à pureza, sendo obrigatória para essas ocasiões na igreja católica.

Ainda jovem, Irmã Maria apreciava muito as irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo e por diversas vezes frequentava uma das casas que ficava no bairro da Parangaba, bairro de Fortaleza. Desde então, já observava a vida de adoção das irmãs que costumava visitar. Com suas duas outras irmãs próximas à idade dela, Lucila e Lígia, frequentava a Catedral de Fortaleza diariamente. Podemos levantar a hipótese de que essa aproximação da religião desde cedo a motivou para o ingresso na vida religiosa, uma vez que pelas fotos percebemos que ela não era uma menina feia e também não era pobre. Trazemos essa inferência porque, de acordo com Louro (2001, p. 464), “[...] a professora estava associada à imagem da mulher pouco graciosa, da solteirona retraída”.

Ao se feminizarem algumas ocupações, como a enfermagem e o magistério, consoante Louro (2001, p. 454), “[...] tomaram emprestadas as características femininas de cuidado, sensibilidade, amor e vigilância”, características que, por sua vez, vão se articular a tradição religiosa à atividade docente, que “[...] reforçam a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um ‘sacerdócio’ do que como uma profissão” (LOURO, 2001, p. 450). Com isso, destaca-se que, mesmo não sendo uma menina carente, feia ou sem perspectiva de conceber um bom matrimônio, Irmã Maria optou por seguir a vida religiosa, de maneira voluntária, mesmo ante outras alternativas de vida e formação.

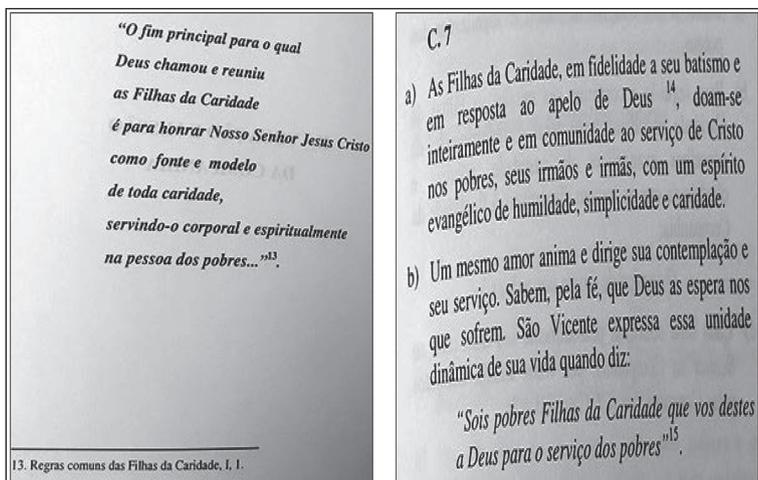
Após a aquisição do diploma no Colégio Justiniano de Serpa, Irmã Maria declarou aos pais que desejava ser Irmã de Caridade. A Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo – hoje Companhia das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo – foi a primeira congregação católica feminina do Ceará. Nóbrega-Therrien et al. (2012, p. 16) lecionam que:

A Congregação das Filhas da Caridade é uma das primeiras Ordens de religiosas de vida ativa a se es-

tabelecerem no Brasil. As Irmãs destacaram-se nas áreas da educação e de evangelização da juventude e do povo de modo geral, uma necessidade imperiosa num país cuja população era em sua maioria analfabeta e carente de formação religiosa, sendo assim, é inegável a contribuição efetiva das Filhas da Caridade na formação da sociedade brasileira, sendo elas as pioneiras, ao criarem um tipo novo de presença religiosa feminina no período imperial, mais ativa e atuante, nas áreas caritativa e educacional.

Como exposto acima, as Filhas de Caridade tiveram grande contribuição na sociedade. Tivemos acesso às constituições e, conforme análise da imagem adiante, percebemos que as regras comuns das Filhas de Caridade são para honrar o nome de Jesus como modelo de caridade.

Imagem 10 – Constituição das Filhas de Caridade



Fonte: Casa Provincial Maria Medianeira.

Seu pai pediu então que esperasse um pouco mais para conhecer melhor sua vocação. Láis relatou que a irmã:

Desde cedo queria ser freira. Como o pai era dentista, durante uma das viagens como dentista, ele trouxe um cartão do Cristo e acatou o cartão como um aceite para ser ela Irmã de Caridade de São Vicente de Paulo, em 1943. Em 31 de maio de 1943, ela foi oficializada como Irmã de Caridade. (Lais Montenegro, 15/03/2018).

Lais contou que seu pai viajava muito, porque ele sempre quis dar uma boa educação aos filhos, quem, quando o dinheiro ficava escasso, viajava para as fazendas, para os interiores, a fim de prestar mais atendimentos.

Irmã Maria, ainda aos 19 anos de idade, em fevereiro de 1943, entrou no Colégio da Imaculada Conceição para fazer o Postulado das Irmãs de Caridade e, no dia 2 de maio do mesmo ano, teve licença de passar o dia na casa dos pais como despedida. No dia 6 de maio, embarcou para Matoso, no Rio de Janeiro, onde fez o noviciado, recebendo o hábito de Irmã de Caridade no dia 31 de maio de 1943. Chegou de volta ao Ceará no dia 17 de julho do mesmo ano. Maria Lúcia, no Colégio da Imaculada Conceição da Ordem de São Vicente de Paulo, recebeu o nome de Irmã Maria. Lais nos relatou que:

Ela foi morar no Colégio da Imaculada e ensinar lá. Bem cedo, bem novinha. Ela era tão competente que a diretora botou logo ela para tomar conta do curso científico, que lá chamava mestre de classe: mestre de classe toma conta do curso científico. Ai lá ela se destacou tanto [...]. Ensinou Português, Francês, Geografia, Espanhol; ela era formada em Letras Neolatinas. Ela fez a faculdade de Letras Latinas, a mesma que eu fiz, tinha Português, Francês, Italiano e Espanhol. Ensinava no Colégio da Imaculada o Português e o Espanhol. (Lais Montenegro, 15/03/2018).

Irmã Maria cursou a faculdade de Letras Neolatinas como Irmã de Caridade na Faculdade Católica de Filosofia

do Ceará, recebendo o diploma no ano de 1951, aos 28 anos de idade. Permaneceu no Colégio da Imaculada Conceição por mais de dez anos como professora. Lá ensinava Português, Francês, Espanhol, como afirmou Laís em sua fala.

Em 10 de janeiro de 1956, aos 32 anos de idade, Irmã Maria foi designada pela Reverendíssima Irmã Visitadora para servir na cidade de Cametá, no estado do Pará. Pela primeira vez, Irmã Maria assumiria a posição de superiora. Em 2 de fevereiro do mesmo ano, ela viajou ao Pará. Após alguns anos, foi transferida pela ordem para Maceió, no estado de Alagoas, e mais tarde veio a fazer um curso de Orientação Educacional no Rio Grande do Sul e passou a dirigir o Instituto Medalha Milagrosa em Salvador, no estado da Bahia. Laís não soube descrever exatamente quantos anos a irmã passou na capital baiana, mas ela nos relatou isto:

Eu sei que Salvador, eu tinha até fotografias também, ela me chamou e eu passei um ano e três meses lá com ela, viu? Lecionei no colégio dela, Instituto Medalha Milagrosa, no bairro Rio Vermelho. Se via a praia linda do colégio. Era bem quase dizer na praia. Instituto Medalha Milagrosa, em Salvador. Eu passei um ano e três meses lá e fui outras vezes, sempre eu convivi muito com a Irmã Maria. E foi uma graça conviver muito com ela. (Laís Montenegro, 15/03/2018).

Laís lembrou com alegria expressa nos olhos brilhantes e no semblante sorridente os momentos que conviveu com sua irmã. Cada passo na trajetória de Irmã Maria parecia enchê-la de orgulho. Salientamos que, por mais que haja a diferença de idade entre Laís e Irmã Maria, Laís disse ter Irmã Maria como sua segunda mãe, o que permitiu percebermos sua admiração e sua saudade da irmã, pois, assim como na memória, os registros são marcados por se-

leções do que achamos ser mais ou menos importantes. Ela ainda guardava fotografias antigas, nas quais havia escrito detalhes do momento em que haviam sido tiradas no verso, assim como palavras carinhosas sobre aquela lembrança da irmã, que, naquele período, estava prestes a retornar a Fortaleza. Antes disso, Irmã Maria também esteve na França, local em que pôde estudar e conviver com outras personalidades religiosas.

Imagem 11 – Irmã Maria no Instituto Católico de Paris, França (1967-1968)



Fonte: Acervo pessoal de Laís Montenegro.

Na imagem acima, Irmã Maria encontra-se na primeira fila, vestindo o hábito escuro ao lado de outra freira. Podemos inferir que o curso de Língua Francesa do qual Irmã Maria participou no Instituto Católico de Paris no ano de 1967 era misto, pois conseguimos visualizar homens e mulheres na foto, inclusive pessoas que não tinham vínculos religio-

sos, visto que estão vestidas com roupas comuns. Durante sua estada na França, hospedou-se na Casa Mãe das Filhas de Caridade. O francês fazia parte do currículo nas instituições e em quase todas as entrevistas as pessoas destacavam a fluência que Irmã Maria tinha nos idiomas, principalmente no francês. Ela teve a oportunidade de fazer esse curso na instituição em Paris, curso este que a congregação custeava. Irmã Maria participou de vários cursos e formações durante sua vida. Constatamos isso pelo acesso aos seus inúmeros certificados guardados até hoje por Aíla. Fez curso de Pedagogia Religiosa em Petrópolis (1990); curso de Renovação das escolas em face das reformas no Rio de Janeiro (1971); especialização em Orientação Educativa em São Paulo (1964); curso de atualização sobre o 1º e 2º grau em Brasília (1972), além das formações religiosas das quais participava. Mas é importante ressaltarmos que, de acordo com as irmãs da Casa Provincial, esses cursos e viagens eram proporcionados pela congregação para todas as irmãs, não tendo sido uma exclusividade para a Irmã Maria, uma vez que todas tiveram essas oportunidades, ainda que nem todas optassem por desfrutar dessas formações.

3.3 Atuação profissional

3.3.1 Colégio da Imaculada Conceição

Fundado em 1865, o Colégio da Imaculada Conceição foi construído na Rua Formosa, números 28 e 30. Administrado por freiras, o objetivo era de educar e abrigar meninas órfãs. Porém, após dois anos de funcionamento no endereço, o espaço físico se tornou pequeno. O motivo era a quantidade de alunas. A escola, então, foi transferida em 1867 para o endereço da Avenida Santos Dumont, onde funciona até hoje. Com o tempo, o colégio se tornou referência

em educação para as pessoas da ‘sociedade’. Muitas meninas foram educadas no local, inclusive nomes importantes da história cearense, como Rachel de Queiroz. As primeiras irmãs do Colégio da Imaculada Conceição eram francesas e constituíam todo o corpo docente e administrativo do estabelecimento de ensino. A primeira diretora foi a francesa irmã Bazet. A igreja construída ao lado do colégio é inspirada na arquitetura da França e desenhada por um arquiteto a distância. Com o número crescente de alunos, surgiu a necessidade de professores leigos. Mais recentemente, o colégio se tornou misto, aceitando também meninos. O Imaculada Conceição continua com a missão de educar baseado nos princípios católicos, tendo profissionais próximos às famílias e aos alunos. (TRIBUNA DO CEARÁ, 29/03/2015).

Imagem 12 – Colégio da Imaculada Conceição



Fonte: Tribuna do Ceará (2015).

Seis irmãs francesas – Margarida Bazet, Luiza Gagné, Cassin, Marie, Rouchy e Lecorre – e uma portuguesa – Irmã

Gonçalves – foram as primeiras freiras a chegar a Fortaleza no dia 24 de julho de 1865. Foram recebidas pelos padres lazaristas Chevalier e Enrile e pelo Barão de Aratanha, representante de Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, que estava em Visita Pastoral no interior do Estado, sendo quem havia solicitado a vinda das Irmãs de Caridade (SILVEIRA, 1999).

Irmã Bazet foi a primeira superiora da casa. “15 de agosto de 1865! Com 23 dias da chegada das Irmãs a Fortaleza, apresentava-se a porta da casa, hoje diríamos, para se matricular, a primeira pensionista, a primeira aluna do que será o Colégio da Imaculada Conceição” (SILVEIRA, 1999, p. 30). A referida instituição tinha como pedagogia o ensinamento da piedade e da virtude, após isso, o aprendizado das diversas tarefas femininas, depois ministrando-se os conhecimentos elementares indispensáveis para a cultura da época.

O Colégio da Imaculada Conceição era uma instituição secular de destaque na cidade, o qual possuía duas vertentes de trabalho: a primeira como uma instituição filantrópica que dava assistência às meninas pobres e órfãs; a segunda como uma instituição particular para a qual as famílias enviavam as filhas para estudarem em regime de internato. Nesse sentido, as Irmãs de Caridade desempenhavam dupla função: acolher as órfãs e educar as meninas da sociedade. O Colégio da Imaculada Conceição publicou seu primeiro estatuto em 1924. Segundo Silveira (1999, p. 113), o objetivo da instituição àquela época era:

Formar o coração das alumnas, inspirando-lhes uma piedade sincera, sólida e esclarecida; adornando ao mesmo tempo seu espírito de todos os conhecimentos úteis, cultivando seu gosto e aptidão para os trabalhos de agulha e de útil recreação; em uma palavra:

procurar fazer de cada alumna uma filha amorosa e uma mãe exemplar.

Antigamente estudar em uma instituição religiosa significava receber boa educação e sair apta para um bom casamento, pois, como afirma Louro (2001, p. 454), “[...] o casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a verdadeira carreira feminina”. Atualmente a escola funciona da educação infantil ao ensino médio, havendo, para aqueles que não podem custear seus estudos, seleção para bolsas, às quais qualquer aluno pode concorrer.

Imagem 13 – Colégio da Imaculada Conceição (atualmente)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Irmã Maria Montenegro passou 11 anos nessa instituição (1945-1956). Lecionou, foi mestra de classe do curso científico, coordenou e acompanhou a Juventude Estudantil Católica (JEC) no cargo de adjunta arquidiocesana. Como professora do Colégio da Imaculada Conceição, no que concerne à sua prática pedagógica, suas ex-alunas recordaram:

Ela fazia aulas explanativas [...], mas ela gostava muito de ‘estudos de caso’ [...]; quando a gente se reunia em grupo, colocar aquilo em prática a partir do momento que ela nos incentivava a visitar as famílias dos alunos, nós tínhamos outra visão sobre aquela criança. Ela não se detinha só que a gente pegasse o livro... ela gostava demais que a gente vivenciasse os casos, de articular teoria e prática. Isso ela fazia muito. Escutar a Irmã Maria nunca foi cansativo. Eram tantos os exemplos [...], ela tinha uma capacidade de oratória muito grande, assim como o irmão dela Pedro Paulo, que era nosso professor de Literatura. Ela tinha uma capacidade, uma bagagem, assim, fora do comum. Então as aulas dela não eram só ficar lendo o livro, eram práticas. Não me lembro de nenhum aluno dizer: ‘Ai, meu Deus, lá vem a Irmã Maria dar aula’ [como se fosse um sacrifício]. Não. Ela entrava na sala e todo mundo estava sempre esperando algo de bom que ia acontecer naquele momento, porque era sempre assim. (Bernadete Alcântara, 22/02/2018).

O método era o mesmo para todas as professoras: tradicional. Todas as irmãs davam aula do mesmo jeito, o tipo de avaliação era o mesmo, ponto sorteado. Eram 20 pontos divididos em A (dissertativo), B e C [perguntas]. Às vezes, a gente estudava 19 e caía o 20º [risos], também, às vezes, estudava só um e caía esse. Então naquele tempo era prova oral. (Irmã Rita, 14/03/2018).

Nas falas acima, podemos observar que, apesar de se ter uma estrutura e direcionamento de como deveria se desenvolver uma aula, como modelo fixo a ser seguido, não há como, mesmo assim, a personalidade e a empatia entre os presentes serem iguais. Compreendemos hoje que a relação professor-aluno é decisiva no processo de ensino-aprendizagem e que a postura e os métodos adotados – por mais que padrões fossem influenciados de alguma forma por quem

era este professor, já que o ensinar é tanto causa e consequência – eram reflexos também de quem era essa docente (NÓVOA, 1992).

Primeiramente, ao ensinar de forma mais prática, já demonstrava de certa forma a interferência na aprendizagem diante da postura da docente, como preocupação, tentativa. Ao mesmo tempo, já que a avaliação era feita de modo unificado, a sua padronização acaba por tomar todos de forma nivelada, contudo já se tinha, segundo a descrição da Irmã Rita, uma variação na tipologia da avaliação, possibilitando-nos de alguma forma enxergar que havia uma tentativa de observar o resultado desse ensino de outras prerrogativas.

Irmã Rita lembrou como era Irmã Maria como professora:

A Irmã Maria foi minha professora de 1949 a 1955. Ela ensinava Português. Ela se destacava muito no Português. Ela era a coordenadora do científico, naquela época se chamava mestre de classe. Ela assumiu o curso científico e o clássico, eram os dois que tinham na época; além disso, ela era responsável pela JEC [Juventude Estudantil Católica]. Ela era uma líder. Era muito estimada pelas alunas. Estimada, admirada [...], até certo ponto parecia haver uma disputa: eram a Irmã Elizabeth Silveira, que era responsável pelo pedagógico, e a Irmã Maria Montenegro, que era responsável pelo científico. Os dois 2º grau daquele tempo. Ela era muito polarizadora. Era ela e mais ninguém [risos]; ela sabia de tudo, ela ganhava tudo, ela fazia tudo. (Irmã Rita, 14/03/2018).

Reiterando, então, que as características pessoais, de crenças, vivências, emoções, como também características pessoais do docente, vão, sim, refletir no desenvolver da sua profissão e na sua relação com o outro. Além disso, esta fala nos é pertinente na medida em que não se relatou apenas

sobre um espírito de liderança de Irmã Maria, ou mesmo apenas características como centralizadora, competitiva e extremamente competente, havendo nessas entrelinhas o posicionamento de que havia um enfrentamento dos conhecimentos, uma tentativa de ranking sobre o saber científico e o saber pedagógico. E Irmã Maria não era responsável especificamente e única nessa disputa, mas faz-se interessante refletirmos se esta entendia ou não o saber com o outro menor/maior, que nessa fala anterior ainda não nos foi possível elucidar.

Contudo, nesta próxima fala, no tocante a essa rivalidade do pedagógico e científico, Irmã Rita nos relatou um acontecimento:

Existia uma maratona catequética nacional, era um concurso criado pelo Dom Helder Câmara no Rio de Janeiro para o Brasil inteiro e era aplicado nas escolas católicas. Então, a gente tinha que ter um vencedor naquela escola e aqui no colégio eu consegui conquistar, porque a última era um empate com a menina do científico [risos]. A menina do científico era famosa por ser inteligentíssima, era aluna da Irmã Maria, e eu era a concorrente. Só sei que eu ganhei e ela ficou decepcionada. Eu era aluna da Elizabeth, fiz o pedagógico. (Irmã Rita, 14/03/2018).

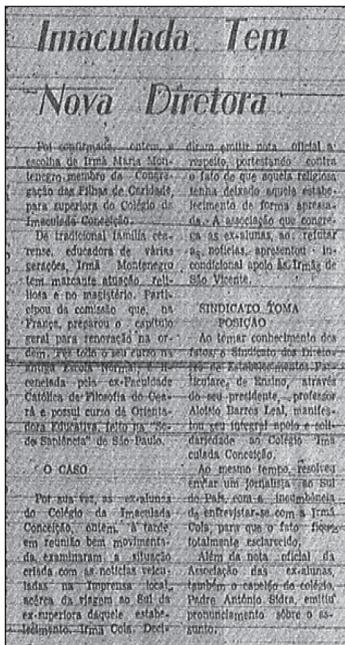
A rivalidade entre pedagógico e científico, já podemos afirmar, não era exatamente uma simples disputa entre as irmãs, mas havia uma concorrência através de avaliação, e esta competição perpassava não só pelas docentes, mas por quem estava sob sua tutoria. Contudo, faz-se necessário esclarecermos que em 1942, com a Reforma Gustavo Capa-nema, os cursos colegiais foram divididos entre científico e clássico, com duração de três anos, e a formação do discente já deveria propor-se como mais ampla no ponto de vista do desenvolvimento humano, patriótico e cultural, mas, ao

mesmo tempo, já direcionava a formação para um trilhar específico de conhecimento, diferenciando os cursos colegiais. Essa formação, de modo geral, deveria colocar-se como uma boa base para os que fariam dali o nível superior, no entanto essa prerrogativa não era, em sua grande maioria ainda, a realidade das mulheres (HORTA, 2010).

Há alguns indícios de se colocar que o ensino técnico-profissionalizante era desprezado pelas classes mais abastadas, contudo sabemos que, na verdade, a grande procura que se apresentava como busca a esse tipo de curso se dava na proporção que era este o ofertado possível para muitos das classes mais simples, embora, de modo geral, estudar já fosse para uma minoria o acesso a outra formação com objetividade de pleitear o ensino superior, o que tornava esse funil ainda mais fino e a peneira econômica ainda mais criteriosa. Além disso, quem fizesse o técnico não poderia prestar exames para o superior, sendo necessário cursar o ensino secundário integral, de oferta de vagas mínima, assim os mais carentes acabavam não optando, mas tendo como subterfúgio de formação a técnica, já que objetivavam oportunidades de trabalho (HORTA, 2010).

Após 11 anos nessa instituição, em 1956, Irmã Maria viajou para a cidade de Cametá, no Pará, onde assumiria pela primeira vez o cargo de diretora no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora. Permaneceu na direção até o ano de 1962, seguindo para Maceió, Alagoas, onde trabalhou no Patronato até o ano de 1963. No período de 1964 a 1966, foi diretora do Colégio Medalha Milagrosa na cidade de Salvador, na Bahia. No ano de 1966, Irmã Maria foi professora de Psicologia Evolutiva na Universidade Católica de Salvador e, no ano seguinte, foi estudar no Instituto Católico de Paris, onde permaneceu até 1968. Em 1969, retornou ao Colégio da Imaculada Conceição como diretora.

Imagem 14 – Reportagem “Imaculada tem nova diretora”



Imaculada Tem Nova Diretora

Foi confirmada ontem a escolha de Irmã Maria Montenegro, membro da Congregação das Filhas de Caridade, para superiora do Colégio da Imaculada Conceição. De tradicional família cearense, educadora de várias gerações, Irmã Montenegro tem marcante atuação religiosa e no magistério. Participou da comissão que, na França, preparou o capítulo geral para renovação na ordem. Fez todo o seu curso na antiga Escola Normal, licenciada pela ex-Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e possui curso de Orientação Educativa, feito na 'Sede Sapientia' de São Paulo.

O CASO

Por sua vez, as ex-alunas do Colégio da Imaculada Conceição, ontem à

tarde em reunião bem movimentada, examinaram a situação criada com as notícias veiculadas na Imprensa local acerca da viagem ao Sul da ex-superiora daquele estabelecimento, Irmã Cola. Decidiram emitir nota oficial a respeito, protestando contra o fato de que aquela religiosa tinha deixado aquele estabelecimento de forma apressada. A associação que congrega as ex-alunas, ao refutar a notícia, apresentou incondicional apoio às Irmãs de São Vicente.

SINDICATO TOMA POSIÇÃO

Ao tomar conhecimento dos fatos, o Sindicato dos Diretores Particulares de Ensino, através de seu presidente, professor Aloisio Barros Leal, manifestou seu integral apoio e solidariedade ao Colégio Imaculada Conceição. Ao mesmo tempo, resolveu enviar um jornalista ao Sul do País, com a incumbência de entrevistar-se com a Irmã Cola, para que o fato fosse totalmente esclarecido. Além da nota oficial da Associação das ex-alunas, também o capelão do colégio, Padre Antônio Sidra, emitiu pronunciamento sobre o assunto.

Fonte: Jornal O Povo – 11/01/1969 (Setor de microfilmagem da Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel).

A reportagem acima tem como manchete “Imaculada tem nova diretora” e traz a notícia de que Irmã Maria estava assumindo o Colégio da Imaculada Conceição como superiora. Sua antecessora, Irmã Cola, havia deixado o colégio de forma apressada e não se sabia o motivo. Como podemos ler na transcrição da matéria, havia sido enviado um jornalista para esclarecimento dos fatos. Contudo, mesmo sem saber do ocorrido, relatava-se que Irmã Maria havia assumido o colégio diante de uma crise, por estar com poucos alunos; mesmo assim, conseguiu, durante os seus sete anos como superiora, reerguer essa instituição.

Láis relatou sobre o tempo em que Irmã Maria lecionava, mesmo sendo diretora dessa escola, que para a época era novidade:

As diretoras, superiores do Colégio da Imaculada não davam aula de jeito nenhum. Elas ficavam nos gabinetes delas, atendendo ao pessoal, sabe? E uma vez por mês iam em cada classe dar o boletim com as notas. A Irmã Maria foi a primeira diretora que lecionou, que era na direção e em sala de aula. E, no recreio, ficava com os professores. Como dizia o professor Mourão, no recreio: ‘Ela estava em tudo. A Irmã Maria parecia que tinha uma auréola, um sexto sentido, que ela estava em tudo do Colégio da Imaculada como diretora e fazia bem tudo’. Tudo foi muito bem feito. (Láis Montenegro, 15/03/2018).

Imagem 15 – Irmã Maria como 8ª superiora do Colégio da Imaculada Conceição



Fonte: Acervo do Colégio da Imaculada Conceição.

A imagem acima é de Irmã Maria Montenegro como superiora do Colégio da Imaculada Conceição. Na foto, percebemos que ela era bem nova, vestindo seu hábito, com expressão séria, enquanto as outras sorriam na foto. Esse quadro pôde ser localizado na instituição, pois o colégio possui uma sala com as fotos de todas as diretoras. Ressaltamos que até esse ano a instituição havia tido 13 superiores. Observamos que o quadro com a fotografia de Irmã Maria era o de maior tamanho quando comparado aos outros, que possuíam um tamanho padrão. Sobre isso, questionamos Irmã Rita, que não soube nos responder o motivo. Todos os quadros estão em bom estado de conservação e até 2000 as fotos eram em preto e branco. Irmã Rita, que nos concedeu entrevista, também chegou a ser superiora no colégio no anos de 2001 e 2002 e sua foto nessa sala é a primeira a ser colorida.

Irmã Maria Montenegro foi a 8ª superiora do Colégio da Imaculada Conceição, permanecendo na direção da escola nos anos de 1969 a 1976. Na sua gestão, o colégio passou a ser misto, até então a escola era destinada à educação de moças. De acordo com Silveira (1999, p. 403), “[...] a partir de 1976, o corpo discente do Colégio passou a ser misto”; 1976 foi o último ano de Irmã Maria como diretora da instituição. Irmã Rita nos informou também que, de acordo com os arquivos da escola, o primeiro aluno do sexo masculino – Arturo Celestino Rodriguez – foi matriculado no ano de 1974. No referido ano, foi possível encontrar uma turma de cada série mista, isso significa que essa admissão do sexo masculino na instituição se deu de forma gradativa, porque, como afirmou Irmã Rita, isso requeria adaptações a serem feitas. Percebe-se, assim, uma incongruência em relação às datas, pois, no livro *Colégio da Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse*, o colégio passou a ser misto em 1976, sendo que a data da matrícula do primeiro menino remonta ao ano de 1974. Entretanto, apesar de as datas não coincidirem, foi sob a gestão de Irmã Maria que ocorreu essa mudança na instituição.

Também tivemos acesso à informação de que Irmã Maria havia acabado com o regime de internato na instituição, no entanto, consoante Silveira (1999), o internato para pensionistas foi extinto ainda na gestão de Irmã Lima (1953-1965), e não na de Irmã Maria, pois vinha recebendo cada vez menos alunas.

Na gestão de Irmã Maria, criou-se dentro do colégio uma escolinha para os alunos pobres, como afirma Silveira (1999, p. 101): “As alunas do Curso Pedagógico, ao invés de fazerem seu estágio obrigatório em escolas públicas ou privadas da periferia de Fortaleza, assumiram a direção e funcionamento de uma escolinha para alunos carentes, criada no próprio colégio”.

Irmã Rita, uma de nossas entrevistadas, falou sobre a influência de Irmã Maria na escola:

Aqui ela teve uma grande influência nesse tempo [...], primeiro: ela admitiu o sexo masculino; segundo: ela implantou vários cursos profissionalizantes, lembro que tinha auxiliar de Enfermagem, Contabilidade, havia o magistério e ela criou também uma escola de aplicação. A escola era para os pobres e funcionava no turno da noite, e as alunas do pedagógico faziam seus estágios lá. Então, assim, na época dela, a escola nunca parou. Quando ela entrou aqui, ela extinguiu o orfanato e, no lugar do orfanato, ela criou essa escola para o atendimento das domésticas, para as pessoas estudarem durante a noite. (Irmã Rita, 14/03/2018).

Duas proposições do relato de Irmã Rita merecem nossas considerações, ao falar que Irmã Maria foi quem admitiu o sexo masculino e quem implantou vários cursos profissionalizantes como demonstração da sua influência: em que medida a docente, na condição de gestora, só estava adequando a instituição aos desdobramentos e mudanças que estavam ocorrendo no Brasil dentro da perspectiva educacional, como é o caso da oferta de ensino, em uma mesma instituição, para meninos e meninas? Devemos minimamente refletir aqui o porquê de Irmã Maria ter extinguido o orfanato, visto que a realidade de então era outra; apesar de o Ceará não ter conseguido mudar sua realidade de êxodo rural por conta das secas, o fluxo de absorção de jovens abandonadas, muitas fugidas com suas famílias do interior pela seca e da pobreza, diminuiu. Afora que também o governo inicialmente repassava uma parcela de dinheiro à instituição para que fizesse esse trabalho de caridade.

Sobre essa escola para os pobres sobre a qual comentou Irmã Rita, Bernadete Alcântara nos relatou como funcionava:

[...] ela reestruturou todo o colégio. Se eu não estou equivocada, no período que ela foi diretora, a escola tinha mais de dois mil alunos e era impressionante a organização, a firmeza e a responsabilidade com que o trabalho era realizado. [...] eu ainda com 17 anos, terminando o colégio, ela nos oportunizou montar no espaço do Imaculada uma escolinha para crianças menos favorecidas. O Imaculada era muito grande. Ela, além de ter reestruturado toda a escola no que concerne à área pedagógica, ela reestruturou fisicamente também. Então ela nos cedeu um espaço e nos incentivou a montar uma escolinha experimental. Nós fizemos biblioteca com uns caixotes [...]. Eu tive o prazer de ser a diretora. A escolinha era inteiramente gratuita, a gente dava tudo. Material escolar, lanches, e a gente ainda dava uma assistência dia de sábado à tarde: a gente saía em grupos e visitava as famílias [...]. (Bernadete Alcântara, 22/02/2018).

De acordo com Bernadete, essa escolinha atendia aos filhos dos pescadores que moravam ali na região da Praia de Iracema. Ela comentou: “Irmã Maria era uma administradora que estava sempre um passo à frente. Era muito inteligente. Tudo isso só foi possível com a orientação, a firmeza e a visão educacional que ela tinha” (Bernadete Alcântara, 22/02/2018).

Era comum que as irmãs fizessem caridade com os recursos adquiridos na administração da escola, pois o público era composto por alunos de classe média alta ou ricos, que podiam custear os estudos das suas filhas no mais famoso colégio feminino da cidade de Fortaleza. Conforme Laís, o colégio passava por dificuldades financeiras e evasão de alunos, no entanto, quando a Irmã Maria assumiu a direção, o número de discentes cresceu bastante. Além disso, foram implantados cursos profissionalizantes, que era uma tendência da época, pois o currículo da instituição

havia sido modificado por força da Lei nº 5.692/1971, que introduziu os cursos profissionalizantes sustentados pelos Sistemas de Orientação e Supervisão, criados segundo as normas estabelecidas pela mesma lei. Os cursos profissionalizantes já vinham ganhando espaço desde a execução dos decretos-leis na Reforma Capanema, na década de 1940, em que existia um dualismo, como apontam Shiroma, Moraes e Evangelista (2011, p. 24), no qual as populações “[...] mais favorecidas procuravam o ensino secundário e superior para sua formação, e aos trabalhadores restavam as escolas primárias e profissionais para uma rápida preparação para o mercado de trabalho”.

A infraestrutura também melhorou bastante, conforme nos contou Laís:

Reergueu mesmo. Parte financeira, tudo. Ela reformou o Colégio da Imaculada. Meu irmão foi o engenheiro construtor que ajudou. Lá onde era o campo de futebol, tudo, as galerias, ela que botou cerâmica nas paredes; até chão ela trocou. Não só a parte física, mas também a parte pedagógica, espiritual. Mas a parte física ela melhorou muito. [...]. Porque o Colégio da Imaculada sempre foi e antigamente era mais classe média alta, tinha muita classe alta. Então, era outra falha das Irmãs de Caridade. A Irmã Maria criou lá a parte masculina de meninos pobres no Colégio da Imaculada. A parte mista foi introduzida pela Irmã Maria. Aí depois não ficaram só aqueles pobres, não, foram meninos também de família, que antes só tinha tradicionalmente feminino no Colégio da Imaculada. (Laís Montenegro, 15/03/2018).

Irmã Maria foi a primeira diretora a também lecionar em sala de aula. Até então, as diretoras se isolavam dos alunos e permaneciam a maior parte do tempo a portas fechadas em suas salas, como Laís pontuou em sua fala. Essa ati-

tude fazia de Irmã Maria acessível aos alunos; como possuía também uma postura dialógica, conquistava os estudantes com seu carisma e profissionalismo. Segundo Nóvoa (1995, p. 25), “[...] a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada”. Tantas outras iniciativas Irmã Maria tomou na gestão do Colégio da Imaculada Conceição que para muitos ela foi considerada a diretora mais dinâmica e inteligente.

Irmã Maria se destacava por seu empenho e dedicação às obras do colégio, assim como aos seus estudos. Diz-se que suas qualidades eram reconhecidas pela diretora na época, Irmã Simas, uma portuguesa. Para Laís:

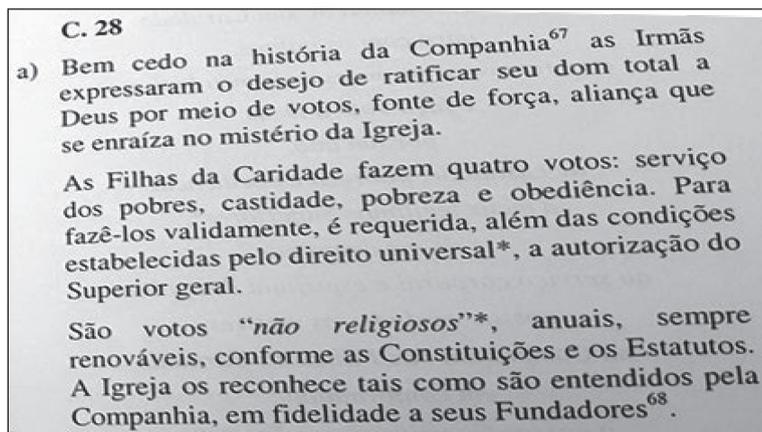
Ela se destacou tanto que a diretora, Irmã Simas, que era uma portuguesa, também muito preparada, uma que tomava conta do curso normal pedagógico, Irmã Elizabeth, não sei se você já ouviu falar, Elizabeth Silveira, muito preparada também. Então, a Irmã Simas era uma diretora portuguesa do Colégio da Imaculada. Havia alunas danadas naquele tempo [...], então, quando os pais vinham para reclamar, a Irmã Simas só escolhia a Irmã Maria [para conversar com os pais]. (Laís Montenegro, 15/03/2018).

Foi comum a menção, nas narrativas de Rita, Bernadete e Laís, ao fato de que, após a permanência no Imaculada, Irmã Maria tomou uma decisão muito importante, que foi trabalhar exclusivamente para os menos favorecidos, fazendo a opção preferencial pelos pobres. A partir de então, foi habitar numa pequena comunidade de Irmãs de Caridade no bairro Pirambu, periferia da cidade de Fortaleza, tornando real o desejo que motivou seu ideal de se tornar Irmã de Caridade: trabalhar com os pobres espelhando-se nos fun-

dadadores São Vicente de Paulo e Santa Luiza de Marillac. O Colégio da Imaculada Conceição, no período de regência da Irmã Maria Montenegro, estava “a toda força”, atendendo ao maior número de alunos até aquele momento na história da instituição. Nas entrevistas, todos os informantes falaram sobre essa opção preferencial que Irmã Maria havia feito ao decidir ir trabalhar no Pirambu. Nesse sentido, é oportuno destacar que, como Filha de Caridade, esta deveria fazer o voto de pobreza e renová-lo anualmente. Como Irmã Maria tinha feito um bom trabalho na gestão do Imaculada, agora seria a vez de ajudar a comunidade do bairro Pirambu, conforme transferência realizada pela Irmã Visitadora.

Como podemos ver na imagem abaixo, a Constituição das Filhas de Caridade assevera os votos que as Filhas de Caridade deveriam realizar:

Imagem 16 – Votos das Filhas da Caridade



Fonte: Constituição das Filhas de Caridade (acervo da Casa Provincial).

Os votos são renovados no dia 25 de março de cada ano, em silêncio, com todas reunidas na Igreja São Vicente

de Paulo. Atualmente a Companhia conta com 162 irmãs somente na cidade de Fortaleza. A escolha da data (25 de março) para a renovação dos votos está ligada a um fato afetivo, dado que, conforme Silveira (1999), “[...] foi em um 25 de março que Luiza de Marillac se consagrou definitivamente a Deus para honrar particularmente a caridade de Jesus a favor dos pobres”.

Sobre a ida de Irmã Maria ao Pirambu, Laís relatou:

Foi aí que ela fez uma opção pelos pobres e foi para o Pirambu. E tem a parte do Evangelho que diz: ‘O Senhor me ungiu me fez para os pobres’, não lembro direito [...], ‘para dar a boa nova aos pobres’. Ela baseou-se nessa frase do Evangelho, nessa parte, e foi para o Pirambu. Foi com mais três ou quatro irmãs. Uma foi a Irmã Helena Fontenele. Irmã Maria sempre foi muito inteligente, mas nunca teve jeito para matemática, então a Irmã Helena Fontenele tinha muito jeito e foi o braço direito na parte de contabilidade do Colégio da Imaculada, de finanças, de tudo. Altamente competente, honesta e amiga. Morreu muito jovem de câncer. Ela quis acompanhar a Irmã Maria. A Irmã Josefa era já idosa também a acompanhou para o Pirambu e outra, não lembro bem. (Laís Montenegro, 15/03/2018).

Laís estava se referindo ao trecho bíblico de Lucas, capítulo 4, versículos 18 e 19, que diz exatamente o seguinte:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.

Como podemos inferir na narrativa de Laís, para ela a irmã fez a opção pelos pobres acompanhada de outras Ir-

mãs de Caridade que decidiram seguir o exemplo de Irmã Maria por influência também de sua liderança e saíram do Imaculada Conceição para morarem no bairro Pirambu. Na verdade, ela foi com a equipe dela para o Colégio Cristo Redentor, pois as irmãs que lá habitavam e já tinham realizado um grande trabalho com aquela comunidade estavam sendo transferidas para atuar em outra comunidade. Quem nos relatou sobre esse acontecimento foi Auxiliadora Xavier, que já estava no referido colégio quando Irmã Maria chegou com as outras Irmãs de Caridade:

Quando a Irmã Maria chegou lá, foi assim. Como a Irmã Cecília Xavier, a Irmã Rosa e a Irmã Luiza, é bom você anotar que elas foram as primeiras Irmãs de Caridade no estado do Ceará que saíram da burguesia e foram trabalhar na periferia – saíram da mordomia do Imaculada. Elas eram professoras lá e tinham desenvolvido um excelente trabalho no Pirambu, aí a congregação achou que elas deveriam contribuir em outras comunidades. Aí a Irmã Maria chegou com a Irmã Josefa e a Irmã Helena Fontenele. Elas não ficaram com o trabalho que a Irmã Cecília tinha porque, quando elas chegaram lá, o Rotary já tinha comprado a casa vizinha ao colégio que ficou para as irmãs morarem, porque até então as irmãs moravam numa casinha na beira da praia. (Auxiliadora Xavier, 02/08/2018).

Em um momento histórico favorável, a igreja católica passa então a aproximar-se dos mais pobres e a atuar de forma mais contundente junto às comunidades mais carentes, durante as décadas de 1960 e 1970, contudo, segundo Nunes (2001), isso não seria especificamente algo que tenha partido da igreja, pois era um reflexo que ela havia demonstrado quando se viu do lado oposto do regime militar do Brasil, até mesmo fazendo corpo a grupos de resistência ao regi-

me. Sabe-se que o processo de renovação junto à teoria da libertação trouxe à igreja uma nova vertente para o catolicismo no Brasil, na qual a perspectiva social foi uma ideologia mais enfaticamente defendida, tornando-se uma “bandeira levantada” e desencadeando inclusive alterações nas vivências da vida religiosa de mulheres pertencentes ao corpo da igreja, que passaram a ter novos lugares como parte de suas atuações e mesmo residência.

O Pirambu na época era um dos bairros mais carentes de atenção por parte do poder público. De acordo com Freire (2017, p. 70):

[...] foi esquecido pelos governantes locais de Fortaleza durante muitos anos, por representar um local marginalizado, onde se encontravam perigosos, prostitutas e doentes. Esse estigma, ou seja, a ideologia como forma de atribuir inferioridade ao grupo social que morava no bairro, era percebido principalmente nas divulgações de notícias em rádio, jornal e televisão presentes desde o período de sua criação na década de 1930.

As irmãs às quais Laís se referiu eram, além de Irmã Maria e de Irmã Helena, Irmã Lúcia, Irmã Josefa e Irmã Cecília, informação confirmada por Hernilva, atual diretora do Colégio Cristo Redentor, quem nos disse:

Na época, Irmã Maria era diretora, mas foi uma das cofundadoras. Quem fundou a escola foram as Irmãs junto com o Padre Caetano. Elas moravam nessa casa (aqui onde é a diretoria), e a escola era ali no outro prédio. Aqui (departamento da secretaria, diretoria) era onde elas (freiras) moravam. (Hernilva, 05/04/2018).

Devemos destacar que há incongruências nas narrativas de Hernilva e Laís no que concerne à fundação da escola,

visto que, na fala de Hernilva, a escola foi fundada pelo Padre Caetano e as Irmãs, no caso, como já mencionado anteriormente, foram: Irmã Cecília, Irmã Rosa e Irmã Luiza. Padre Caetano Minette de Tillesse chegou ao Pirambu apenas em 1968, e a escola foi fundada em 1965 pelas Irmãs e o Padre Hélio Campos, com apoio do Rotary; mais adiante, detalharemos como foi o surgimento dessa instituição. No tocante ao contexto do bairro Pirambu, assim como a chegada das primeiras Irmãs de Caridade, vale ressaltar que contemplaremos tais assuntos no tópico 3.3.3, intitulado Colégio Cristo Redentor.

Sobre a fala das entrevistadas, importa destacar que a utilização da narrativa envolve lembranças e esquecimentos, destacando a função da memória. “Entretanto, o valor do esquecimento se afirma pouco a pouco: a memória, seja ela individual, autobiográfica ou coletiva, segue o princípio dualista que escande toda nossa vida e, com uma espécie de talento inconsciente, ora rememora, ora esquece” (LORIGA, 2011, p. 70). Para Bosi (1994, p. 407), a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento:

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente.

A foto abaixo (prédio verde) é o local onde atualmente funcionam a secretaria e a diretoria, mas antigamente era a casa das irmãs. Elas moravam nessa parte, e a escola fun-

cionava na outra parte (prédio amarelo). Nessa outra parte estão as salas de aula e a sala dos professores. Ao conversarmos com Hernilva (05/04/2018) sobre o prédio da escola, ela nos informou que sempre funcionou ali, tendo havido anteriormente somente algumas reformas, e afirmou que “[...] tudo tinha o dedo de Irmã Maria”.

Imagem 17 – Local onde as freiras moravam no Colégio Cristo Redentor



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

No que concerne à trajetória profissional de Irmã Maria Montenegro e seu legado na educação, traremos a seguir o tópico 3.3.2, intitulado Colégio Irmã Maria Montenegro, instituição que carrega seu nome em forma de homenagem, tentando desvelar a história por trás dessa homenagem.

3.3.2 Colégio Irmã Maria Montenegro

Imagem 18 – Fachada do Colégio Irmã Maria Montenegro (1ª sede)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Legenda: Sede localizada na Rua Pinho Pessoa.

Imagem 19 – Fachada do Anexo do Colégio Irmã Maria Montenegro



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Legenda: Anexo localizado na Rua Ildefonso Albano.

Imagem 20 – Fachada da Sede Água Fria

Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Legenda: Sede localizada na Rua Caetano Ximenes.

Como percebemos nas fotos, o Colégio Irmã Maria Montenegro dispõe de uma grande estrutura. A instituição iniciou suas atividades em 25 de setembro de 1981 na rua Pinho Pessoa com um terreno arrendado da Congregação São Vicente de Paulo, por intermédio da Irmã Maria Montenegro, pois lá funcionava um convento que estava desativado. A unidade tem mais de 2.500 metros quadrados de área construída; essa unidade passou por uma série de modernizações, incluindo, em 1994, a construção de um prédio anexo (rua Ildefonso Albano) com área superior a 2.000 metros quadrados. Hoje em dia, além dessa sede na rua Pinho Pessoa, que conta com um anexo, a escola possui outra sede, localizada no bairro Água Fria, que foi inaugurada em 1998 e possui mais de 8.000 metros quadrados de área construída.

Rita Maria Machado Landim foi aluna, amiga e chegou a trabalhar com Irmã Maria. Ela nos concedeu uma entrevista na qual relatou sua experiência com a educadora, desde quando fez o segundo grau no Colégio da Imaculada, como aluna, até o período em que atuou como colaboradora pedagógica no seu colégio, Irmã Maria Montenegro.

Rita contou que era uma aluna bastante levada e chegou a ser expulsa por uma das Irmãs de Caridade do colégio, Irmã Cola, conhecida por sua rigidez. Mas foi readmitida por ordem da diretora Irmã Maria Montenegro, que a acompanhou de perto com muita atenção e diálogo. Foi com aparente felicidade que Rita Landim nos descreveu a gratidão que possui pela mulher que veio a tornar-se um exemplo de profissionalismo em sua vida:

Quando chegou o tempo de escolher a profissão, porque na minha época não tinha muita opção, a pessoa fazia uma especialização quando chegava no segundo grau, ou você saía para a área de Enfermagem ou você saía para a área da Educação ou da Contabilidade. E eu optei pelo curso normal, que no caso era a área da Educação. E aí fiz estágio lá e ela teria que escolher entre as alunas do terceiro ano, duas professoras para ficar efetivas no Colégio da Imaculada, e aí na época fui escolhida, eu e a Bernadete. Aí nós ficamos lá como professoras. (Rita Landim, 09/04/2018).

Rita concluiu seus estudos, casou-se e saiu de Fortaleza, indo morar em Sobral. Enquanto Rita estava morando fora da capital, Irmã Maria continuou pouco tempo na direção do Colégio da Imaculada, pois havia resolvido deixar o colégio e optar pelos pobres. Essa atitude causou muita preocupação na comunidade escolar, que depositava muita confiança na gestão da Irmã Maria. A aprovação dos pais dos alunos pela Irmã Maria Montenegro impressionava, segundo Laís, os pais se sentiam confortáveis em conversar com ela porque a irmã sempre possuía conselhos e orientações pertinentes explicitados com serenidade.

A Irmã Maria, mesmo sendo nossa mestra, ela sempre preservou esse contato com a família. Lembro bem que como aluna, quando tinha reunião de pais e mestre, ela sempre comandava a reunião. O auditório

lá do Imaculada era muito grande e, quando tinham essas reuniões, lá ficava lotado. Era impressionante. Os assuntos eram os mais diversos em termos de educação, formação, e ela tinha essa visão um pouco mais à frente. (Bernadete Alcântara, 22/02/2018).

Irmã Maria tinha ótima memória e, além de decorar o nome das alunas e tratá-las pelo nome, ela conversava com as alunas e aproximava os pais da escola, conquistando a comunidade escolar e a admiração dos pais. Muitas mães lhe tinham como confidente, inclusive de situações privadas da vida particular e familiar, contando problemas no matrimônio, por exemplo. No mesmo sentido, os discentes também nutriam grande carinho pela educadora, afinal não era comum uma madre superiora assumir uma postura dialógica, aberta, sem impor poder ou medo. Como resultado de sua conduta, na reunião de pais e mestres, as ausências eram raras por parte dos pais, além disso a Irmã Maria se fazia presente no cotidiano das famílias, uma vez que oferecia cursos para os pais. Rita descreveu o exposto com o relato:

Eu fui aluna de sala de aula dela, as aulas dela eram assim maravilhosas, porque era uma pessoa que parecia que era psicóloga, né, tinha feito um curso também de Psicologia, e as aulas dela eram aulas tão inteligentes, tão boas, que não sei nem te descrever, ela dava exemplos: ela falava como era ser mãe como se ela tivesse sido mãe. Tanto que, na reunião de pais, ela fazia muito reunião de pais, fazia cursinho com os pais e não havia possibilidade de ter uma falta quando ela era diretora do Imaculada. Por quê? Porque ela parecia que tinha sido mãe, tinha sido pai, tinha sido avó, era uma coisa assim impressionante. Sua fala contagiava quem a escutava. (Rita Landim, 09/04/2018).

Laís também recordou e apontou os desdobramentos que ainda são sentidos atualmente quando conversa

com ex-alunas de sua irmã. Sobre isso, Laís nos disse o seguinte:

Ela dava reunião, era especialista em reunião de pais. É importante dizer que, desde quando ela foi diretora do Colégio da Imaculada até hoje, ainda tem mães que falam das aulas dela. Ela dava cursos. Mães, por exemplo, de crianças de 3 a 6 anos. Mães subindo pelas idades enchiam o salão de festa lá do colégio da Imaculada e tinha aqueles cursos sempre. Então, até hoje eu tenho pessoas que me dizem que aprenderam isso e isso da família com a Irmã Maria. A Irmã Maria nunca foi mãe, mas ela nasceu para orientar mães, pessoas e tudo, ela era mesmo uma pessoa especial. (Laís Montenegro, 15/03/2018).

Salientamos que, quando se fala em famílias, estas são as mais tradicionais, compostas por pai, mãe e filhos, em que o pai era o provedor do sustento da casa e a mãe era geralmente a dona de casa que queria que as filhas fossem bem educadas para conceberem o matrimônio (LOURO, 2001). Irmã Maria Montenegro, desse modo, parecia possuir um tamanho domínio intelectual da Psicologia que facilmente o aplicava em situações de mediação nas reuniões com pais, nas orientações dos alunos e na sua práxis em sala de aula. Como ela discorria sobre determinadas questões com domínio e conhecimento, mesmo sem nunca ter vivenciado na prática as experiências da maternidade, conseguia dar bons conselhos aos alunos e pais considerando as peculiaridades características de cada fase do desenvolvimento.

Irmã Maria era capaz de reconhecer e indicar maneiras apropriadas para agir de acordo com cada situação peculiar que vinha à tona, pois, além de boa observadora, costumava relacionar-se com os outros de forma dialógica, aprendendo, portanto, na relação com as pessoas; ela também aprendia ao ensinar (FREIRE, 1997). Era mediadora de

saberes e práticas, e não somente detentora e transmissora dos conhecimentos, como muitos educadores da época o faziam em suas práticas tradicionais de educação. Nesse ponto, temos que destacar a educadora Irmã Maria por sua postura inovadora, que, embora os padrões da cultura tradicionalista de ensino fossem predominantes, ela procurava fazer isso de maneira “amena”, de acordo com as entrevistadas. As narrativas a seguir corroboram tal assertiva.

Sobre a prática de ensino dela, a gente pode dizer que era um tradicional renovado. Não era aquele tradicional onde tudo era proibido. Ela sempre dizia assim: ‘O novo é muito bom se ele vier junto com o velho. O novo sozinho não presta. Não tenham medo do novo, porém ele sozinho não funciona’. Ela se preocupava muito com a base sabe? A formação inicial. Se a base for perfeita. (Aíla Leite, 06/03/2018).

[...] era uma educação tradicional, apesar dela tentar transformar isso, ela fazia de uma forma mais amena. Ela sentava com a gente, ela conversava com a gente. Ela era respeitada por ela mesma. Ela não queria impor esse respeito. (Rita Landim, 09/04/2018).

Nas aulas da Irmã Maria, ela dava essa base, esse alicerce... é igual a uma casa sem alicerce: a casa cai. Assim é o jovem, o jovem que não tem essa base de moral, de valores, que ela dava nas aulas de religião. (Irmã Socorro, 07/02/2018).

Rita também falou sobre quando Irmã Maria fez a opção de ir para o Pirambu:

Quando ela fez a opção para ir para a escola no Pirambu, ela saiu da comunidade com mais duas freiras, então elas três foram morar numa casinha lá no Pirambu. No meio mesmo dos pobres. Ela foi trabalhar no Colégio Cristo Redentor. O colégio se tornou o melhor colégio público da época. (Rita Landim, 09/04/2018).

Ainda sobre a chegada de Irmã Maria ao Pirambu, para Auxiliadora Xavier, secretária do Colégio Cristo Redentor na época, “Irmã Maria pegou o bonde andando numa velocidade boa, equilibrada. Já tinha escola, o bairro já estava dividido, a comunidade já era assistida”. Como ela estava no bairro antes de Irmã Maria, participou de perto de todos os avanços da comunidade proporcionados pelas outras irmãs. Mas reafirmou o trabalho desenvolvido por Irmã Maria na instituição. Com total desapego, depois de estruturar o Colégio Cristo Redentor e deixar esse legado para aquela comunidade tão carente, partiu para mudar a realidade de outro bairro, dessa vez do Antônio Bezerra, outra periferia de Fortaleza. Segundo Rita: “Ela não tinha apego a nada. Era assim, com a mesma dedicação que ela tinha no Colégio da Imaculada, ela teve no Cristo Redentor, e ela teve nessa escolinha do Antônio Bezerra”. Antônio Carlos, irmão da nossa biografada, reafirmou as palavras de Rita, dizendo que: “Irmã Maria tinha o desprendimento total das coisas materiais e a enorme capacidade de ajudar as pessoas”.

Como já dito anteriormente, nossa biografada não foi uma pessoa totalmente anônima na sociedade fortalezense, chegando a receber prêmios e homenagens ainda em vida. Irmã Maria recebeu homenagens pelos serviços prestados à educação, recebeu a medalha Justiniano de Serpa no governo de Ciro Gomes e o prêmio “Mulher Luz”. O referido prêmio foi um troféu em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, solenidade em que apenas cinco mulheres foram contempladas.

Imagem 21 – Irmã Maria recebendo o prêmio “Mulher Luz”

Fonte: Acervo de Lais Montenegro.

Na imagem anterior, Irmã Maria está recebendo flores e o troféu “Mulher Luz”, prêmio em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, quando foram homenageadas cinco mulheres: “A jornalista Ana Márcia Diógenes, a escritora Beatriz Alcântara, a líder comunitária Otacília Verçosa (dona Tatá), a marchand Ignez Fiúza e a religiosa Irmã Maria Montenegro”, conforme reportagem a seguir.

Imagem 22 – Reportagens sobre a premiação



Fonte: Jornal Diário do Nordeste

Fonte: Jornal O Povo (13/03/2001).
(12/03/2001).

Ainda sobre a premiação “Mulher Luz”, de acordo com as reportagens da imagem acima, a festa ocorreu no dia 12 de março de 2001 às 18 horas no Caesar Park, grande hotel da cidade de Fortaleza frequentado por pessoas com um maior poder aquisitivo e destaque na sociedade. A festa foi intitulada “Ceará Mulher Luz”.

Além dessas homenagens, é essencial também citar o colégio fundado por Rita Maria Machado Landim. O colégio ora citado carrega o nome de Irmã Maria Montenegro, cuja homenagem pôde ser garantida quando a educadora ainda era viva. Rita comentou:

Eu me lembro que na época ela não queria que eu botasse o nome dela, botasse o nome de Dom Aloísio Lorscheider. Eu disse: ‘Eu quero homenagear a senhora porque fui sua aluna, depois passei a trabalhar com a senhora no Colégio da Imaculada. Quando a senhora fez aquela opção preferencial pelos pobres e foi trabalhar no Pirambu, me levou para trabalhar no Pirambu, me colocou como diretora do colégio no Pi-

rambu'. Então, era uma homenagem mais do que justa colocar o nome dela. (Rita Landim, 09/04/2018).

Rita ressaltou que Irmã Maria não trabalhava efetivamente lá porque a congregação não permitia, mas sempre deu apoio na escola. A congregação não permitia porque ela já ocupava cargo de gestão, na época era o Cristo Redentor, depois seguiu para o Patronato, não podendo, dessa forma, acumular funções. Relatou ainda que tudo o que sabia até então devia-se à Irmã Maria.

Aqui no colégio, quando nós começamos, ela ajudou muito. [...]. Ela ajudou orientando os planejamentos. Ela ajudou fazendo reunião de pais. Ela ajudou preparando professores, fazendo encontros pedagógicos. Então, de qualquer forma, ela era uma pessoa que estava ausente, porque a comunidade não permitia que ela ficasse completamente presente na escola, mas que não era ausente, né? Ela estava muito mais presente do que muita gente que estava aqui dentro. Então, o colégio cresceu muito com a ajuda dela. O pontapé inicial foi dela e aí, quando a gente bateu o martelo de que o nome ia ser o dela mesmo, a não ser que a comunidade tivesse alguma coisa contra, a gente notou que ela ficou feliz, sabe? E aí ela lutou por isso aqui também junto comigo. (Rita Landim, 09/04/2018).

Era perceptível a gratidão que Rita demonstrava quando descreveu a importância de Irmã Maria na sua formação como educadora. A presença da Irmã Maria foi preponderante em sua vida; em toda sua trajetória formativa, ela se fez relevante: na sua educação colegial como aluna, ajudou no retorno à escola e na adoção de uma postura mais sóbria e congruente com o que se esperava de uma “moça de família”. Na sua iniciação e orientação profissional, indicou-a como professora do Imaculada, possibilitando-lhe sua pri-

meira experiência docente. Na sua atuação como gestora, proporcionou a atuação na direção da Escola do Pirambu. E, por fim, no Colégio Irmã Maria Montenegro, com o incentivo para que Rita empreendesse sua própria escola, acompanhando-a na sua trajetória pedagógica.

O Colégio Irmã Maria Montenegro é uma forma de homenagem àquela que se dedicou à causa da Educação, de acordo com Rita Landim. A ideia surgiu dos diretores da instituição, Rita Maria Machado Landim e seu esposo, Luís Carlos Mourão Landim. O casal pensou em fundar um colégio. Eles passavam alguns dias de férias com a Irmã Maria na praia do Icaraí. O casal começou a questionar qual seria o nome do colégio. Pediram uma sugestão a Irmã Maria, e ela sugeriu o nome de Dom Aloísio Lorscheider, dentre outros. Perguntaram se eles colocassem o nome dela isso a afetaria com alguma mágoa, ela disse que não, apesar de querer viver no anonimato por ter feito a opção pelo Evangelho. Então o casal resolveu dar o nome de Irmã Maria Montenegro à nova casa de educação, com o consentimento da homenageada. Rita foi desde adolescente aluna de Irmã Maria e continuava mantendo com a ex-mestra uma grande amizade. Os dois grandes amigos enfatizaram que queriam fazer à amiga uma significativa homenagem em vida.

Imagem 23 – 20 anos do Colégio Irmã Maria Montenegro

Fonte: Acervo pessoal de Laís Montenegro.

Na foto acima, da esquerda para a direita, encontram-se: Márcio Landim (filho dos diretores), Irmã Maria, Rita Landim (diretora) e Luís Carlos Mourão Landim (diretor) prestando homenagem à Irmã Maria Montenegro em comemoração aos 20 anos do colégio. A felicidade que Rita esboçou ao narrar que foi capaz de homenagear a irmã ainda em vida – dando seu nome a uma escola, reconhecendo a importância da relação entre as duas, seja na posição de mestre e aprendiz, de amigas e colegas de trabalho – a acalenta na saudade, pois o reconhecimento se deu antes do falecimento da irmã. Mesmo empenhada com o trabalho nas comunidades carentes, a Irmã Maria ainda tinha fôlego para auxiliar Rita nessa nova escola que estava nascendo. Irmã Maria ajudava Rita nas reuniões de pais e nas formações dos professores.

Bernadete, uma de nossas entrevistadas, foi coordenadora do Colégio Irmã Maria Montenegro durante 13 anos e comentou sobre a atuação de Irmã Maria na escola:

Ela sempre participava da semana pedagógica. Antes de começar o ano letivo, nós tínhamos esse encontro, e ela sempre era uma das palestrantes na área da formação pedagógica e religiosa. Ela nos orientava na formação das crianças que iam fazer a eucaristia e na própria aula, porque o colégio, por ser na escola de formação católica, embora lá tivéssemos alunos de todas as religiões, então ela nos orientava para respeitar essas diferenças, essas visões. Ela tinha uma sensibilidade de ver o outro que era impressionante. Era uma aula de respeito, valores, formação... não era dogmática. (Bernadete Alcântara, 22/02/2018).

A seguir, falaremos sobre o Colégio Cristo Redentor e o trabalho desenvolvido por Irmã Maria nessa instituição, tendo em vista perceber como foi essa transição entre escolas, bem como compreender como se deu esse processo.

3.3.3 Colégio Cristo Redentor

Imagem 24 – Fachada do Colégio Cristo Redentor



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

A Escola de Ensino Fundamental Cristo Redentor está localizada na avenida Pasteur, número 372, bairro Cristo Redentor, tendo sido fundada no dia 30 de junho de 1965. O atual núcleo gestor assumiu em 2009, sendo Hernilva Gomes Lima a diretora, com quem tivemos a oportunidade de conversar.

A localidade é conhecida pelo bairro Pirambu, zona oeste da cidade de Fortaleza. Acerca do surgimento do bairro, Cavalcante (2016, p. 10) considera que:

“Pirambu surgiu a partir do Campo do Urubu, denominação oficial do que era um Campo de Concentração, onde ficariam reclusas pessoas consideradas inoportunas ao convívio da cidade, como as levas de retirantes que chegaram à capital cearense vitimados pela seca de 1932”.

A história da instituição reflete as lutas e conquistas do Pirambu, em que, após a divisão do mesmo em bairro Nossa Senhora das Graças e Cristo Redentor, a escola ficou localizada no bairro que leva esse nome. Tanto a história do bairro quanto a da escola nos foram narradas por intermédio das memórias de Auxiliadora Xavier, que, ainda com seus 16 anos, foi ser voluntária, junto com as Irmãs de Caridade, nesse bairro da periferia de Fortaleza, conhecido por sua pobreza e violência. Sobre sua chegada a esse bairro, ela relatou:

Pirambu era só areia, não tinha calçamento. Meus pais moravam no interior, eu estudava na escola doméstica São Rafael. Eu achava que as irmãs eram assim ‘um deus’. Eu fiz o meu jardim da infância no Patronato em Sobral com as Irmãs de Caridade, então eu criei essa admiração muito grande pelas irmãs e pelos religiosos. Aqui, quando eu fui para o Pirambu, como eu não era maior de idade, não podia ter contrato, aí fui como voluntária. Eu era muito amiga da Irmã Cecília e queria ajudar. Nessa época, o Piram-

bu era a maior favela da América do Sul. Lá era uma coisa terrível, só que eu era muito jovem, 16 anos; no meio daquela pobreza toda, eu achava tudo bonito. O Padre Hélio dividiu o Pirambu em dois. (Auxiliadora Xavier, 02/08/2018).

A comunidade do Pirambu começa a se organizar em movimentos de reivindicações populares, inclusive escolhendo representantes para estarem à frente das manifestações a favor de melhores condições, de dignidade, de combate à fome e de reconhecimento social, na medida em que uma vertente da igreja católica começa a se preocupar e desenvolver práticas para garantir igualdade e promoção social. Nesse mesmo viés de atuação nas camadas populares, foram criados grupos católicos que empreenderam ações junto a jovens trabalhadores rurais, sem-terra, ou seja, grupos com pouca representatividade social (OLIVEIRA, 2014). Dentre os representantes católicos, destaca-se o Padre Hélio Campos, que empreendeu um grande trabalho junto aos pobres do Pirambu, levando-nos a concluir que a atuação cristã representou um movimento histórico e social a favor das camadas populares ao longo do desenvolvimento do Ceará (CAVALCANTE; VASCONCELOS, 2010). Nessa época, o Padre Hélio Campos trabalhava com a comunidade não apenas o lado espiritual, mas sobretudo o lado social e o lado político.

O Rotary então estava no auge e as Irmãs de Caridade tinham um acesso muito grande devido ao serviço que elas prestavam. Irmã Cecília e Padre Hélio Campos, ao se reunirem com os rotaryanos, conseguiram melhorias para a comunidade. Sobre os serviços prestados à comunidade, Auxiliadora assim se expressou:

Elas visitavam os pobres, arranjavam coisas para eles, comidas, roupas. Aí o Rotary comprou o Maracangalha (que era uma casa de show), que é mais em

cima. Fica ali na avenida Pasteur. A Irmã Rosa era gente do Adauto Bezerra, então gozava de muito privilégio, tinha abertura para conseguir as coisas. Lá naquela região tinha muita indústria, muita fábrica. Ela conseguia emprego para o pessoal. Elas trabalhavam muito junto da comunidade. Faziam casamento coletivo. (Auxiliadora Xavier, 02/08/2018).

Esse período foi marcado pela profissionalização do ensino, que, como aponta Louro (2001), no final dos anos 1960 e na década de 1970, o discurso de profissionalismo do ensino tinha continuidade, diante da situação do país, frente ao regime militar e à repressão aos movimentos sociais, bem como frente ao controle acerca de atividades educacionais, políticas e religiosas.

A realidade de muitas religiosas no Brasil, até cerca de 1970 e 1980, configurou-se diferente, à medida que, a partir desse período, o trabalho junto a bairros pobres, com problemáticas diversas, passou a ser não só o ambiente de suas atividades, como também o lugar no qual muitas passaram a viver. Isto é, a realidade de desenvolvimento de atividades em escolas, ações e obras da própria congregação apresentou uma vida bem mais tranquila do que muitas enfrentaram quando foram designadas para grandes urbanizações ou para lócus rurais distantes e de difícil acesso; um novo direcionamento de priorização das ações pastorais, que fizeram com que esses grupos de religiosas passassem a conviver com adversidades e precariedades pertinentes nesses locais, direcionando-as a novos sentidos e aplicações de suas implicações (NUNES, 2001).

Auxiliadora relatou que o Rotary, quando comprou o Maracangalha, criou uma escola profissionalizante (Paul Harris) – primeira escola que o Rotary criou. No contexto de industrialização, diante de um alto índice de analfabetismo

e da necessidade de mão de obra qualificada, era o ensino em sua característica de profissionalização pensado também como estratégia de controle social, tirando das ruas os meninos pobres e preparando seu ingresso na fábrica (PEREIRA, 2008).

Teve um momento que a escola técnica não estava ‘suprindo’, pois aqueles pais que faziam os cursos precisavam saber ler para fazer os cursos. Não estavam mais tendo condições de só aprender na prática, a guiar a máquina. Os filhos também foram crescendo. Não tinha onde as crianças estudarem. O Pirambu foi inchando, a população foi crescendo. Muita gente vinha do interior e se aglomerava por lá. (Auxiliadora Xavier, 02/08/2018).

Diante desse crescimento populacional, viu-se a necessidade de uma melhoria na educação, no sentido de formação intelectual, e não apenas profissional. Foi a partir daí que, segundo Auxiliadora, surgiu o Colégio Cristo Redentor.

A parte financeira era do Rotary; o prédio ninguém pagava nada. O Rotary deu uma manutenção muito grande. Nessa época, o presidente do Rotary era o Antônio Guimarães, ele era do comércio e tinha várias lojas de plástico, tinha umas indústrias, tinha muitas amizades. Sei que foi feito um convênio entre a prefeitura e o estado, então surgiu o Cristo Redentor, com 50% dos professores mantidos pelo estado e 50% pelo município. Aí a Irmã Cecília ficou como coordenadora geral da comunidade, ela era a pedagoga do grupo das Irmãs de Caridade; a Irmã Rosa era do Serviço Social e a Irmã Luiza da Enfermagem. Então, as três que foram para lá tinham sua área de atuação dividida. (Auxiliadora Xavier, 02/08/2018).

Nunes (2001) assevera que, por serem “Irmãs de Caridade”, podiam ser professoras, enfermeiras ou assistentes

sociais; nenhum diploma ou curso era exigido delas. De fato, por vezes, as mulheres foram inseridas dentro de propósitos econômicos, sociais e mesmo profissionais em instituições e políticas públicas no Brasil durante diversas fases da nossa história. Durante a segunda metade do século XX, principalmente entre a metade da década de 1960 e a década de 1980, podemos observar que a mentalidade moderna e todo o direcionamento para o trabalho das primeiras décadas, anteriores, possibilitaram a inserção da mulher na perspectiva profissional, ainda marcada por profissões do cuidar e de assistencialismo; não diferente dessa correlação, tínhamos profissões como as das educadoras e enfermeiras, por exemplo, assim como uma vida profissional constituída a partir de uma formação bastante religiosa, que fez com que as que congregavam na religião ficassem ainda mais próximas das áreas do assistencialismo aos problemas sociais.

Ao entrevistarmos Rita Landim, que havia sido diretora no Cristo Redentor, ela, apesar de não lembrar o ano exato, recordou que passou 10 anos nessa função, desde os últimos anos da década de 1970 até os últimos anos da década de 1980. Rita já havia sido aluna de Irmã Maria no Colégio da Imaculada e estreitou laços com nossa biografada, mantendo sempre contato. Rita nos contou como foi trabalhar no Colégio Cristo Redentor:

Eu casei e fui morar em Sobral. Quando eu voltei, ela disse que tinha feito a opção pelos pobres e estava trabalhando lá, aí perguntou se eu queria ir. E eu disse que queria. Ela disse: 'A Irmã Helena Fontenele é diretora de lá, e eu fico no apoio, mas você sabe que eu não gosto da parte financeira, de mexer com dinheiro'. Eu perguntei: 'Irmã Maria, mas lá não é contrato?'. Ela disse que era e que ia arranjar. E arranjou. (Rita Landim, 09/04/2018).

Sobre esse período, Rita falou que Irmã Maria conseguiu esse contrato de trabalho para ela, que ficou como contratada do município. Rita não foi a única que Irmã Maria levou para formar o quadro de professores do Colégio Cristo Redentor, conforme Auxiliadora relatou:

Na época, teve muita mudança, uns do estado, outros da prefeitura, como toda mudança, né? Aí foi nessa mudança que chegou a Rita Maria, a Vitória (cunhada da Rita), a Jaqueline, que era casada com o irmão do Gonzaga Mota, Lena (sobrinha da Irmã Maria), tinha a Afonsina também. Tudo era lá do Imaculada aí foram para lá. Aí a Irmã Maria conseguiu contrato para elas. Uns do estado, outros do município. Como tinha tido muita transferência, tinha essa carência na escola, aí ela levou os dela e conseguiu contrato. Os políticos que arranjavam. Em 1978 foi meu primeiro contrato. Nesse tempo eu ainda era da folha do Rotary. Quem arranjou para mim foi um vereador lá do Pirambu. Eu era muito amiga das filhas dele. (Auxiliadora Xavier, 02/08/2018).

Em relação aos contratos de trabalho que eram conseguidos por intermédio dos políticos, Vicentini e Lugli (2009, p. 68) nos dizem que “[...] esses ‘favores’ organizavam-se em função das simpatias políticas dos indivíduos e, tanto durante o Império como durante a República, também em função de relações familiares, de amizade e compadrio”. Nessa época, já havia os concursos para o magistério, mas, devido à carência na instituição, assim como uma forma de os políticos se beneficiarem com essas relações, os contratos eram uma forma mais rápida de sanar o problema, o que favorecia para que os concursos não se realizassem com a frequência devida. Isso não quer dizer que as pessoas que assumiam esses cargos por meio de contratos não tivessem competência ou fossem habilitadas para o exercício de tal função. É oport-

tuno lembrar que esse seria ainda um dos efeitos da ditadura militar (1964-1985) sobre a docência, pois durante esse período era comum professores substitutos para compensar a falta dos efetivos, em alguns casos ainda eram universitários que nem possuíam formação, sem falar na grande rotatividade, o que dificultava o resultado do trabalho escolar esperado (VICENTINI; LUGLI, 2009).

Rita, assim como as outras, quando chegou à instituição foi para ser professora. Ficou um tempo em sala de aula, mas depois Irmã Maria pediu para que assumisse a parte financeira. Rita relembrou como assumiu a direção da escola, onde permaneceu por 10 anos:

A Irmã Helena adoeceu, aí a Irmã Maria disse assim para mim: 'É o jeito, Rita Maria, você assumir a escola'. Como você tem só o contrato do município, a gente arranja um do estado e fica com 100 horas e divide os expedientes. Aí ela arranhou e eu fiquei lá. Tinha dias que ia pela manhã e tarde, ou manhã e noite. Todo dia eu ia lá duas vezes, e assim eu passei dez anos. (Rita Landim, 09/04/2018).

Em 1981, Rita começou a parte burocrática para fundar sua própria escola, sendo ajudada por Auxiliadora. Como secretária e formada em Administração, Auxiliadora lidava bem com toda a parte de documentação. Depois do período na direção do Colégio Cristo Redentor, Rita fundou sua própria escola e passou um tempo conciliando as duas instituições, mas depois viu que não tinha mais como ficar nos dois colégios, quando decidiu sair do Cristo Redentor para se dedicar exclusivamente à escola que denominou Irmã Maria Montenegro.

Ao conversarmos com Hernilva, a atual diretora do Cristo Redentor, ela contou como foi seu primeiro contato com Irmã Maria:

Quando eu era criança, tinha uns 7, 8 anos, eu morava aqui na Leste-Oeste e estudava numa escola no centro da cidade, Juvenal Galeno, e tinha que pegar ônibus todos os dias. Nesse período, eu tenho isso muito claro na minha mente, quando a gente vinha um dia da escola de ônibus e a Irmã Maria vinha no ônibus para cá, minha mãe foi falar com ela. Perguntou: ‘A senhora trabalha na Escola Cristo Redentor, né?’, e ela disse que era. Ai minha mãe disse: ‘É porque minha filha está estudando aqui e fica longe de casa. Tenho que pegar ônibus todo dia e eu queria botar ela na Escola Cristo Redentor’. Ai a Irmã Maria disse para ela ir lá na escola no outro dia que ela ia arranjar a vaga. (Hernilva Gomes, 06/04/2018).

Hernilva ainda mencionou outro problema: “Minha família é toda crente e a gente só usa saia, aí na escola era calça”. Ela nos contou que Irmã Maria disse que isso não seria um problema e que ela poderia ir à escola no outro dia. Ela foi a única aluna a usar saia durante todo os sete anos em que estudou na escola. No que concerne a esse período, disse-nos:

Eu passei toda a minha infância aqui, até a 8ª série [9º ano atualmente], aos 14 anos. Aqui era da 1ª até a 8ª série [2º a 9º ano atualmente], eu cheguei na 2ª. Elas [as Irmãs] faziam o papel disciplinar, religioso. Quando o padre vinha, a gente fazia as orações. E eu era a diferente na escola, era a única que usava saia e que rezava diferente. Mas nunca fui tratada de forma diferente. (Hernilva Gomes, 06/04/2018).

No tocante ao trabalho desenvolvido por Irmã Maria, ela relatou:

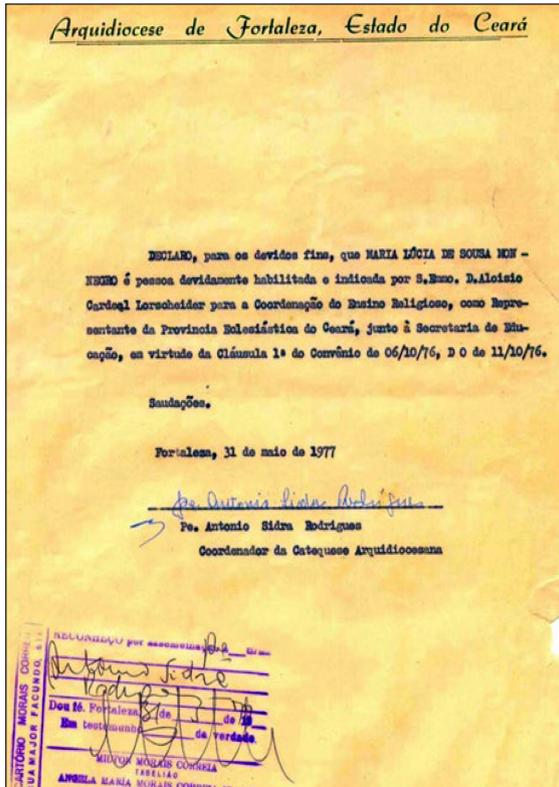
Eu acredito que o trabalho dela era o de acompanhar os professores... eu me lembro dela entrar na sala, ela e outras, para fazer oração, mas aula mesmo de religião eu não lembro. Além de conversar com os

professores, ela ia de sala em sala e perguntava aos alunos o que eles tinham aprendido naquele mês sobre religião. Ela era uma pessoa muito dedicada, prestativa. Era despida de preconceito. Ela não era muito de afagos, era séria. (Hernilva Gomes, 06/04/2018).

Uma das maiores dificuldades que tivemos na condição de pesquisadoras nessa instituição foi em relação ao acesso à documentação da escola, que, de acordo com a diretora, não havia nada, porque o computador que tinha havia queimado. Como já dito anteriormente, Hernilva foi a única pessoa que conheceu Irmã Maria que ainda estava no colégio.

Irmã Maria, quando foi trabalhar no Colégio Cristo Redentor, foi também nomeada coordenadora do ensino religioso das escolas públicas do estado do Ceará, em convênio feito entre o Cardeal Dom Aluísio Lorscheider e o governador do estado. Como coordenadora do ensino religioso, Irmã Maria conheceu Aíla, que fazia parte da equipe do ensino religioso. Assim, trabalharam muito tempo juntas; quando Irmã Maria foi para o Patronato, Aíla assumiu como coordenadora pedagógica da instituição, permanecendo lá até 2009, quando se aposentou.

Imagem 25 – Nomeação para coordenar o ensino religioso



Fonte: Acervo pessoal de Aíla Leite.

Quando Hernilva assumiu a coordenação da escola, Irmã Maria visitava o colégio mensalmente, pois estava como coordenadora do ensino religioso no estado e uma de suas atribuições era fazer o acompanhamento nas escolas. Irmã Socorro comentou: “Ela tinha o grupo de professoras que ela fazia o acompanhamento nas escolas. De manhã ela ia numa escola, à tarde ia em outra para olhar o que as professoras estavam dando na escola”. Auxiliadora também falou sobre essa atuação de Irmã Maria:

Ela era coordenadora do ensino religioso no estado do Ceará, dava expediente na Secretaria de Educação – nesse tempo, a secretaria era aqui na Ildefonso Albano com a Tenente Benévolo. A Irmã Maria fazia as reuniões dela lá, tinha a equipe do ensino religioso. Nesse tempo, o ensino religioso era muito bem organizado. Ela fazia acompanhamento nas escolas e viajava para os interiores para poder dar palestras, fazia planejamento. Ela era uma pessoa altamente organizada. (Auxiliadora Xavier, 02/08/2018).

Hernilva relatou como era esse acompanhamento:

Mensalmente a gente abria espaço no planejamento das professoras, porque a Irmã Maria vinha até aqui fazer o planejamento para as aulas de religião, ela era a coordenadora do ensino religioso no estado. Aí uma vez no mês ela trazia o material, lia, estudava e discutia com os professores. Aliás, ela vinha duas vezes no mês, porque uma vez era uma manhã e na outra era uma tarde. Ela dizia como eles deveriam dar aula, como eles deveriam ensinar; ela fazia esse acompanhamento e eu dava continuidade aqui na escola. Ela fez isso até ficar doente, lembro que ela veio até de cadeira de rodas. Ela não deixava de vir. Aí ela só deixou mesmo de vir quando já estava bem debilitada. Além de conversar com os professores, ela ia de sala em sala e perguntava aos alunos o que eles tinham aprendido naquele mês sobre religião. (Hernilva Gomes, 05/04/2018).

A fala de Hernilva corrobora o compromisso que Irmã Maria tinha com a educação religiosa. Apesar de ir à escola apenas duas vezes ao mês, porque ela acompanhava outras escolas. Por mais impossibilitada que estivesse, ela mantinha sua agenda em fazer essas visitas, o que de fato ocasionou sua piora, pois ela não seguia as recomendações médicas de repouso.

A seguir, falaremos sobre a atuação de Irmã Maria no Colégio Patronato Sagrada Família, escola em que ficou até seus últimos dias, na qual, assim como nas outras instituições, fez um trabalho memorável.

3.3.4 Colégio Patronato Sagrada Família

Imagem 26 – Fachada do Colégio Patronato Sagrada Família



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

A escola está situada na Rua Martins Neto, número 379, no bairro do Antônio Bezerra, na periferia de Fortaleza, hoje fazendo parte da rede de escolas públicas do estado do Ceará. Mas nem sempre foi assim: a história dessa escola se mistura com a própria história do antigo bairro do Barro Vermelho, que deixou de ter esse nome nos idos dos anos 1960, para denominar-se Antônio Bezerra.

O nome Barro Vermelho era devido à cor vermelha das terras resultante do barro existente no subsolo. Atualmente não é possível visualizar essa característica de coloração, por conta do processo de modernização do bairro, com ruas asfaltadas e calçadas. O Barro Vermelho apresentava característica própria no início de sua formação, com a presença de chácaras e sítios para fins agrícolas, aos poucos, com a ocupação de novas famílias, foi que houve o desenvolvimento do comércio na região. O bairro tem um site que conta sua história, é o site Bairro Antônio Bezerra (BAB). Na seção “Histórico” do site BAB, Valentim Santos conta que:

O distrito de Antônio Bezerra foi criado em 1937, mas era conhecido como Barro Vermelho até depois de 1965, quando o regime militar, que governou o país com a revolução de 1964, achou estranho esse nome que era associado a um bairro de operários comunistas existente em São Petersburgo, na extinta União Soviética, então passou a ser chamado oficialmente como Distrito de Antônio Bezerra.

Em 28 de junho de 1937, a Lei Municipal nº 79 modificaria o nome do distrito de Barro Vermelho para Antônio Bezerra, numa homenagem a um morador do bairro.

A escola foi fundada em 8 de março de 1935 pelas Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo. Ela tinha como clientela crianças menos favorecidas que aprendiam “prezadas domésticas” e participavam da catequese como parte

do processo de evangelização da congregação religiosa. Aos poucos, a escola foi crescendo, visando sobretudo à educação das crianças do bairro e à formação profissional dos jovens. Houve uma fase em que a escola passou por sérios problemas financeiros e as Irmãs tiveram que abrir o turno da manhã para alunos pagantes e o turno da tarde para aqueles que não tinham condições de pagar seus estudos.

Hoje ainda vivem nove religiosas no convento que existe anexo à escola. As freiras dividem seus dias entre as obrigações religiosas e as obras de caridade como um centro de apoio para pessoas doentes que vivem em outros municípios e até mesmo outros estados, pessoas enfermas que vêm a Fortaleza com o intuito de ter um melhor acesso ao sistema de saúde da cidade e se hospedam na Casa de Acolhimento São João Gabriel Perboyre, ao lado da escola. Essa casa de acolhimento foi construída ainda na direção de Irmã Maria Montenegro, que contou com a ajuda de Renata e Tasso Jereissati. Essa relação de Irmã Maria se deu porque Renata Jereissati, esposa de Tasso, havia sido aluna de Irmã Maria, ainda no Colégio da Imaculada Conceição, e passou a ajudá-la nessa casa, conforme relato extraído do livro *Irmã Maria Montenegro: uma história de amor e educação aos pobres*.

A Irmã Maria Montenegro está presente em minha vida não apenas como grande educadora que foi, mas também como modelo de religiosa dedicada à causa social. No Colégio da Imaculada Conceição e noutros, ela se devotou com toda inteligência e sabedoria à formação dos jovens. [...] a acompanhei na Casa de Acolhimento São João Gabriel Perboyre, lidando com doentes pobres vindos o interior em busca de assistência na capital. Era o outro lado cristão da Irmã de Caridade que permanece viva em muitos corações reconhecidos que receberam dela instrução e amor. (JEREISSATI, p. 53).

Sendo assim, importa destacar que a congregação não tem nenhuma influência na gestão da escola. Em 2001, a escola foi estadualizada como Escola de Ensino Fundamental e Médio Patronato Sagrada Família, conforme Diário Oficial do Estado do Ceará de 1º de agosto de 2001, entretanto, como fato curioso, a direção da escola ainda estava a cargo de Irmã Maria Montenegro. Tínhamos uma escola em um prédio de uma congregação religiosa alugado pelo governo estadual, supostamente “laico”, com professores concursados e temporários e uma freira como diretora indicada pelo governo estadual quando já existiam eleições para diretores escolares, conforme legislação – Lei nº 12.442, de maio de 1995, que instituiu e determinou que a ocupação de cargo de direção escolar ocorreria em duas etapas: a primeira, de avaliação técnica dos candidatos ao cargo, por meio de prova escrita e de títulos; e a segunda, por eleição pela comunidade escolar.

O Patronato é uma escola de ensino médio da rede pública estadual do Ceará que conta, no ano letivo de 2018, com a matrícula de 780 alunos, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite, com 35 professores e mais 15 funcionários de apoio, além de um núcleo gestor composto por uma diretora e dois coordenadores escolares. Estruturalmente o espaço escolar se organiza com nove salas de aula, uma sala para os professores, uma sala para a coordenação e a direção, além da secretaria, da biblioteca e da sala de informática, tendo também um pátio coberto, uma pequena quadra para atividades esportivas e um auditório.

Imagem 27 – Nomeação para o cargo de direção no Patronato Sagrada Família

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO – SÉRIE 2 ANOV Nº188 FORTALEZA, 02 DE OUTUBRO DE 2002		7
<p>integrante da Estrutura Organizacional da Secretaria da Educação Básica, a partir da data da publicação deste Ato. PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Em Fortaleza, 30 de setembro de 2002.</p> <p>Benedito Clayton Veras Alcântara GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ Jaime Cavalcante de Albuquerque Filho SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA Soraisa Thomaz Dias Victor SECRETÁRIA DA ADMINISTRAÇÃO</p> <p>*** **</p> <p>O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que consta do processo nº012528838/SPU, RESOLVE NOMEAR, de acordo com o artigo 8º, combinado com o inciso III do artigo 17, da Lei nº9.826 de 14 de maio de 1974, e nos termos do Anexo Único a que se refere os artigos 1º, 2º e 3º da Lei nº12.998, de 12 de Janeiro de 2000, combinado com Decreto 26.656, de 11 de julho de 2002, a servidora MARIA LUCIA DE SOUSA MONTENEGRO, matrícula(s) nº0655901-8, para exercer o cargo de Direção e Assessoramento de provimento em comissão de DIRETOR, símbolo DAS 1, do(a) EEF PATRONATO SAGRADA FAMÍLIA, nível 'C' no município de FORTALEZA, CREDE 21 - FORTALEZA, integrante da Estrutura Organizacional da Secretaria da Educação Básica, a partir da data da publicação deste Ato. PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Em Fortaleza, 30 de setembro de 2002.</p> <p>Benedito Clayton Veras Alcântara GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ Jaime Cavalcante de Albuquerque Filho SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA Soraisa Thomaz Dias Victor SECRETÁRIA DA ADMINISTRAÇÃO</p> <p>*** **</p>	<p>O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que consta do processo nº014308371/SPU, RESOLVE NOMEAR, de acordo com o artigo 8º, combinado com o inciso III do artigo 17, da Lei nº9.826 de 14 de maio de 1974, e nos termos do Anexo Único a que se refere os artigos 1º, 2º e 3º da Lei nº12.998, de 12 de Janeiro de 2000, combinado com Decreto 26.656, de 11 de julho de 2002, o servidor FRANCISCO DE ASSIS FERREIRA ALVES, matrícula(s) nº1326431-7, para exercer o cargo de COORDENADOR ESCOLAR, símbolo DAS 2, do(a) EEF JOSÉ DE ALENCAR, nível 'A' no município de FORTALEZA, CREDE 22 - FORTALEZA, integrante da Estrutura Organizacional da Secretaria da Educação Básica, a partir da data da publicação deste Ato. PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Em Fortaleza, 30 de setembro de 2002.</p> <p>Benedito Clayton Veras Alcântara GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ Jaime Cavalcante de Albuquerque Filho SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA Soraisa Thomaz Dias Victor SECRETÁRIA DA ADMINISTRAÇÃO</p> <p>*** **</p> <p>O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que consta do processo nº014308371/SPU, RESOLVE NOMEAR, de acordo com o artigo 8º, combinado com o inciso III do artigo 17, da Lei nº9.826 de 14 de maio de 1974, e nos termos do Anexo Único a que se refere os artigos 1º, 2º e 3º da Lei nº12.998, de 12 de Janeiro de 2000, combinado com Decreto 26.656, de 11 de julho de 2002, a servidora DORACY DE AGUIAR FARIAS, matrícula(s) nº0229111-8, para exercer o cargo de Direção e Assessoramento de provimento em comissão de COORDENADOR PEDAGÓGICO, símbolo DAS 2, do(a) EEFM ESTADO DO PARA, nível 'A' no município de FORTALEZA, CREDE 22 - FORTALEZA,</p>	

Fonte: Acervo pessoal de Aíla Leite.

Na imagem acima, a nomeação para a direção do Patronato de Irmã Maria data de 2002, pois, como a escola foi estadualizada em 2001, a nomeação foi para oficializar, tendo em vista que Irmã Maria já estava na escola desde 1987, por ter uma relação de confiança com o então governador do estado, Tasso Jereissati. Aíla nos relatou que Irmã Maria dizia que, enquanto ela estivesse lá, não precisaria de concurso para direção, e foi o que aconteceu. A primeira gestão eleita foi em 2013, tendo-se Silvana como diretora e Kelem como coordenadora. Nesse sentido, reitera-se que, por muito tempo, numa história ainda recente, como vimos, os laços de amizade e confiança eram fatores inclusive para a empregabilidade das prefeituras e do estado no Ceará. Os contratos de trabalho eram conseguidos por intermédio dos políticos.

Por sua influência e amizade, bem como pelo trabalho que desenvolvia na educação, Irmã Maria conseguiu se manter como diretora nessa instituição até sua morte, tendo sido nomeada oficialmente em 2002, quando já estava no colégio havia 15 anos.

Quando Irmã Maria Montenegro ocupou o cargo de diretora da instituição, Aíla Leite assumiu como coordenadora. Aíla nos disse como era o trabalho desenvolvido na escola:

O nosso trabalho lá no Patronato era muito bem dividido, porque Irmã Maria gostava muito de estar na rua, pedindo, trazendo benefícios para a escola. Ela tinha contato com as autoridades, e eu ficava na escola para coordenar disciplina, para ficar com a parte de orientar os professores, mas no planejamento nós duas preparávamos, mas era ela quem executava com os professores, e eu ficava na cobrança dos professores daquilo que havia sido decidido no planejamento. A Irmã Maria era assim: ela planejava, ficava decidido isso e aquilo, mas não era de brincadeira, não, ela queria resultado, e o resultado dependia da minha cobrança, da minha vigilância. (Aíla Leite, 06/03/2018).

Aíla também relembrou quando chegou ao Patronato e como era Irmã Maria no comando dessa instituição:

Quando eu entrei lá, o colégio era só de menina (eram 87 alunas nessa época), do infantil à 4ª série: todas de saia [risos]. Mas Irmã Maria foi quem mudou isso. Ela sempre teve uma visão muito renovada. Vinham as ideias e ela executava. No ano seguinte, ela já implantou o ensino misto. A gente tinha muita afinidade. Ela era muito exigente, super rigorosa na pontualidade, na disciplina, em tudo. Outra educadora como ela não existe. (Aíla Leite, 06/03/2018).

No que concerne ao funcionamento da escola, Kelem comunga com o que Aíla relatou sobre a questão das regras:

A escola era bem tradicional, baseada em regras extremamente duras. Em que sentido? Se chegasse 7 horas, entrava; se não chegasse, ia para casa. Se estivesse de farda, assistia aula; se não estivesse, não assistia. As meninas que porventura viessem a engravidar mudavam de turno, iam para o ensino noturno, isso era para professor e aluno. (Kelem Freitas, 07/02/2018).

Teve uma professora que chegou atrasada no dia 13 de maio, parece que a missa tinha atrasado e a Irmã Maria foi para a sala dela. Só sei que, quando a professora chegou, ela perguntou o motivo do atraso, e a professora respondeu que houve um atraso na missa. Irmã Maria disse: ‘Você acha que Nossa Senhora ouviu uma oração tua? Ela odiou te ver lá, porque, enquanto você estava rezando, seus filhos estavam abandonados’. Isso na frente de todo mundo. Então ela era assim, ela falava mesmo, não queria saber. (Aíla Leite, 06/03/2018).

Quando eu precisei operar um dente, o médico mandou eu dormir com a cabeça entre dois travessieiros, não podia mexer para não ter problema na cirurgia, aí eu disse: ‘Irmã Montenegro, eu não posso dar aula, não posso movimentar a cabeça, ordem do dentista’. Aí ela disse: ‘Não, a senhora vai dar aula, sim’. Aí eu disse que não podia. Só sei que ela arranhou uma professora e, quando terminou a minha recuperação, de 15 a 20 dias mais ou menos, e ela disse: ‘Olha, eu botei uma professora no seu lugar, mas você vai dar aula todos os sábados para recuperar a aula da professora’. Aí eu trabalhei esses sábados [risos]. (Irmã Socorro, 07/02/2018).

Sobre os comportamentos citados nas narrativas das entrevistas, Louro (2001, p. 461) nos diz que:

A normatização de estudantes e mestres e mestras fazia-se ainda por uma série de outros dispositivos [...] na observância da pontualidade, da assiduidade, da regularidade e da ordem. Construía-se uma estética e uma ética. Uniformes sóbrios, avessos à moda, escondiam os corpos das jovens, tornando-os praticamente assexuados, e combinavam-se com a exigência de uma postura discreta e digna. O mesmo valia para as professoras: como modelo das estudantes, as mestras deveriam também se trajar de modo discreto e severo, manter maneiras recatadas e silenciar sobre sua vida pessoal. Ensinava-se um modo adequado de se portar e comportar [...]. Através de múltiplos dispositivos e práticas, ia-se criando um jeito de professora.

Podemos levantar a hipótese de que, por ter uma postura mais firme e exigente, Irmã Maria possuía liderança, compromisso, responsabilidade, boas relações sociais e pulso firme para adquirir o respeito dos pares mesmo ante suas exigências. Aíla ainda nos relatou alguns comportamentos de Irmã Maria:

Ela me fez chorar muito. Hoje eu vejo que o defeito dela era para que a gente crescesse, só que ela não tinha modos para falar. Com ela não tinha rodeio, ela falava logo. Ela era grossa, enérgica, rígida. Eu até dizia, às vezes, para ela que ela não merecia ser freira [risos]. Eu tinha muita intimidade com ela; ela era uma mãe para mim, uma mãe que briga, orienta, ama, educa; uma mãe que exige demais. E eu era uma filha medrosa, porque eu queria tanto bem a ela que não queria perdê-la. E ela, muitas vezes, jogou na minha cara, ela não tinha pena de ninguém, não. Ela dizia: 'Não está satisfeita? Está ali o portão da rua. Pode

ir embora; eu não preciso de você. Tem milhões de coordenadoras por aí'. (Aíla Leite, 06/03/2018).

Conversando com Kelem, a atual coordenadora, e com Aíla, coordenadora durante o período de Irmã Maria, indagamos sobre que mudanças teriam acontecido, e ambas relataram:

Na primeira sexta-feira de cada mês, todos os alunos iam para a capela; independente de religião, a gente conversava com eles. No recreio, eles iam embora, e cada professor durante a semana já teria feito uma relação daqueles alunos problemáticos e daqueles alunos nota 10. A gente visitava os alunos que não iam bem para saber o porquê e tentar resolver e íamos na casa daquele que ia muito bem para parabenizar. Cada professor tinha o relatório da sua turma. Após o recreio, nós fazíamos isso; isso na sexta-feira. Não ficava ninguém na escola, ia todo mundo. Na segunda-feira, eles iam para casa após o recreio, porque nós, professores, íamos colocar em comum o que vimos e, dependendo da situação, a gente ali ia planejar e trabalhar para melhorar. Foi o maior sucesso, foi o maior reforço que eu já vi. Porque você, quando não conhece o aluno, taxa ele de irresponsável, diz que não estuda porque não quer, dentre tantas outras situações. Então, a gente passava a conhecer a realidade daqueles alunos. E a reunião mensal, com os pais, lotava. E era dia de domingo, viu? À tarde. Depois ia todo mundo para a missa. Essa reunião era sagrada. (Aíla Leite, 06/03/2018).

As reuniões de pais permanecem desde a época da Irmã; na época dela, acontecia no último domingo do mês. Acontecia das 16h às 17h, e depois os pais já iam assistir à missa. Permaneceu dessa forma na gestão da professora Sandra. E, quando nós assumimos, Silvana e eu, aí a gente fez essa transição para acontecer sempre na última sexta-feira do mês, com a mesma

adesão de pais, não tivemos nenhuma mudança. Tem uma tradição também que vem desde o período da Irmã Maria, que era sempre na primeira sexta-feira do mês: era a sexta-feira da adoração; adoração ao Santíssimo. Os alunos eram levados à capela e lá tinham 50 minutos de oração, que é o período de uma aula. Essa tradição permanece hoje, mas teve algumas adaptações, porque a escola também está se transformando. Não é na perspectiva de adoração ao Santíssimo em virtude das inúmeras crenças que a escola tem. A escola não tem uma religião; a gente tem alunos de várias religiões, então o que nós trabalhamos hoje na escola está relacionado aos valores humanos e sociais. Então teve esse mudança. (Kelem Freitas, 07/02/2018).

Com as narrativas de Aíla e Kelem, percebemos que uma das tradições do período de Irmã Maria era o momento de adoração ou oração coletiva. Aíla, como antiga coordenadora, relatou-nos como ocorria essa prática, e Kelem, a atual coordenadora da instituição, falou sobre algumas mudanças que se fazem necessárias devido ao dinamismo da sociedade e da escola.

Irmã Maria conseguia muitas doações, pois conhecia muita gente e era com essas doações que procurava melhorar a infraestrutura da escola. Interessa considerar que só foi possível Irmã Maria empreender ações significativas no cenário educacional fortalezense graças ao apoio familiar, à situação social em que se inseriu, ao apoio da Congregação Vicentina, condições que propiciaram a sua contribuição na capital.

Kelem nos informou que Irmã Maria conseguiu a construção da quadra esportiva da escola, do auditório, entre tantas outras melhorias:

Ela tinha muita influência. Ela foi professora de muita gente importante. Ela tinha um respaldo muito grande com a comunidade. Por conta dos vínculos

religiosos, ela atendia a muitas famílias, então é um dos legados que ela deixou. Uma rede de amigos, de solidariedade. Inclusive, durante um longo período, tínhamos uma pessoa que fazia doações em dinheiro para manter o grupo de dança, de teatro, e sempre no final do ano havia festa da gratidão. (Kelem Freitas, 07/02/2018).

A quadra foi construída pelos amigos da escola, doutor Carlos Augusto e a sogra dele era professora de lá; ela sempre comentava sobre o trabalho que Irmã Maria desenvolvia. Ele tinha sido aluno de escola pública e então quis ajudar à escola, e ajudou demais. Ele pagava professor de teatro, dança, informática e construiu a quadra. E a Renata [Jereissati] construiu o auditório e a casa de apoio (acolhimento). Tudo Irmã Maria conseguia, por isso que ela não queria ficar presa na escola, ela tinha que andar para pedir tudo isso, né? Pidona demais. Aprendi a ser pidona com ela [risos]. (Aíla Leite, 06/03/2018).

Kelem e Aíla comungam ao relatar sobre a influência e as contribuições que Irmã Maria conseguia. No Patronato, ela conseguiu realizar muitas obras. Salientamos que essa influência que Irmã Maria tinha na sociedade se deu devido ao fato de ter sido professora e diretora do Colégio da Imaculada Conceição, instituição que formava a elite da sociedade, pessoas com boas condições financeiras.

A atual coordenadora da escola relatou que Irmã Maria fez muito pela instituição; como forma de homenagem, o colégio tem a biblioteca com seu nome, como podemos ver na imagem adiante. Sobre essa homenagem, Kelem não soube nos responder como aconteceu, mas fomos informadas por Aíla que essa foi uma decisão tomada em reunião de colegiado como forma de parabenizar Irmã Maria por seus 80 anos de vida. Aíla nos disse que a biblioteca já existia, mas, quando se pensou em fazer essa homenagem, “[...] a secretá-

ria de educação, Graça Formiga, fez as doações de estantes, e um amigo da escola mandou pintar e organizar tudo para receber o nome Irmã Maria Montenegro”.

Imagem 28 – Biblioteca no Patronato Sagrada Família



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Láís recordou com saudade que a Irmã Maria adorava seu aniversário. A irmã caçula narra com saudosismo uma dessas ocasiões:

Ela tinha feito 80 anos. Aos 80 anos ela estava bem. Todo ano de aniversário dela era uma coisa tão engraçada, parecia com coisa de criança. Ela adorava o aniversário dela. Ela me pediu para fazer aqui. Lá embaixo tinha uma missa todo 4 de dezembro, aniversário dela. Então, a missa era lá no salão de festa. (Láís Montenegro, 15/03/2018).

Imagem 29 – Aniversário de 80 anos de Irmã Maria



Fonte: Acervo de Laís Montenegro.

Na imagem anterior, Irmã Maria comemora seus 80 anos no salão de festas do apartamento de Laís. A foto retrata o momento dos “parabéns”, após a missa em comemoração ao seu natalício. Durante as entrevistas, todos recordaram esse momento. Poderiam passar tempo sem vê-la, mas era sagrada a comemoração de aniversário no dia 4 de dezembro. Lotava e sempre ela ganhava muitos presentes, fazendo questão de doar para quem precisasse.

Nessa escola, Irmã Maria continuou seu trabalho de orientação dos pais e expansão do colégio. A caçula Laís lembrou com certa tristeza esse período, pois essa foi a última escola em que a Irmã Maria trabalhou antes de ficar debilitada da saúde. Nesse período, ela começou a ter alguns problemas, tal qual foi relatado por sua irmã:

Foi quando ela adoeceu. Não, ela caiu. Ela veio fazer hidroterapia. Aí a casa provincial das Irmãs de Caridade é aqui vizinha à Casa São Vicente de Paulo. Porque elas foram divididas de uns tempo para cá. Então ela caiu. Disse que era um batente bem peque-

nininho, outra Irmã foi falar com ela, e ela não olhou o batente e quebrou o fêmur. Quando quebrou o fêmur, o doutor Roberto Bruno, é bom destacar que é um grande médico, muito amigo, quer muito bem a ela. Aí o doutor Roberto, quando fez a cirurgia, disse que fez o melhor que ele pôde. (Laís Montenegro, 15/03/2018).

Ainda que feito o melhor, já não havia a mesma saúde e disposição; logo depois do primeiro acidente, ela viria a deslocar algumas vértebras. Laís nos descreveu os dois momentos, um deles em que ela caiu para trás na Casa das Irmãs de Caridade, ao tropeçar no batente. Em outro, a Irmã Maria estava viajando de ônibus, em uma de suas viagens para o interior do estado, quando foi utilizar o banheiro do veículo, de noite, a porta fechou de repente, batendo em suas costas e ocasionando a lesão nas vértebras.

Vale ressaltar que a idade avançada dificultava sua recuperação e nesse período a Irmã Maria passou por problemas de saúde que limitavam sua atuação profissional; ainda assim, permaneceu trabalhando até o último mês de sua vida. Quando confrontada com a necessidade de usar o colete de ferro receitado pelo doutor Roberto, ela cumpriu com a disciplina pela qual era reconhecida. Laís sorriu ao lembrar da determinação da irmã e comentou:

O doutor Roberto disse no final: 'A senhora tem que ter disciplina'. Aí a gente ia para a Lagoa Redonda, meu pai ainda tem esse sítio lá na Lagoa Redonda. Ela ficava em pé com o colete de ferro, depois ela só tirava para dormir, tu acreditas? Ficou boazinha das vértebras. O doutor Roberto Bruno disse assim: 'Milagre da disciplina!'. Eu nunca vi uma pessoa tão disciplinada como a Irmã Maria. Ela ficou com um medo de cair, já idosa ficou com medo de andar. Mas ela teve síndrome do pânico. Medo de cair, né? Mas

também porque ela já tinha trabalhado muito. Já estava com os nervos desgastados. (Laís Montenegro, 15/03/2018).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) – DSM IV (1994), uma súbita sensação de intensa apreensão, medo ou terror, em geral associada com sentimentos de desastre iminente, caracteriza um ataque de pânico. A presença recorrente desses ataques e a preocupação sobre ataques futuros e suas consequências descrevem essencialmente o transtorno de pânico.

Qualquer mudança nas sensações corporais provoca medo de ter o ataque e medo do medo. O indivíduo adquire medo e desconfiança do próprio corpo; relata medo de enlouquecer, de perder a noção de si mesmo. [...] Assim, querendo parar de sofrer, a pessoa tenta fugir das situações e das sensações corporais que possam levar ao desencadeamento da crise. (LOCATELLI, 2010, p. 25 apud RANGÉ, 2001, p. 26).

Apesar de a síndrome do pânico exigir um cuidado necessário, isso não limitava suas atividades. Laís narrou que uma das frases da Irmã Maria era a seguinte “Eu só vou parar de trabalhar quando eu morrer e eu quero morrer trabalhando”. Mesmo doente, sua disciplina era inabalável. Consoante Foucault (2006, p. 143), a disciplina “[...] é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício”.

Com o falecimento de Irmã Maria, em 2008, a direção da escola foi assumida pela então coordenadora pedagógica, Aíla Maria Fernandes Leite, que, com sua aposentadoria, passou o cargo para a professora Sandra Lúcia, em 2009, por indicação das Irmãs.

“Sandra passou por todo o processo, ela fez prova, fez curso, só não ocorreu o processo eleitoral. A primeira gestão eleita fomos nós, em 2013, Silvana como diretora e eu como coordenadora” (Kelem Freitas, 07/02/2018).

Foram vividos muitos anos em função de dedicar-se à causa religiosa. Empenhou-se em igual intensidade em todas as demandas que empreendeu em vida. Não fosse a saúde debilitada, teria trabalhado até seu último instante com vida. Irmã Maria Montenegro faleceu no dia 11 de setembro de 2008, de isquemia intestinal, dois dias após o diagnóstico. Pediu para falar com Rita Maria antes de falecer, na tentativa de se despedir, mas, quando esta chegou, a Irmã Maria Montenegro já tinha falecido. Essa atitude demonstra todo o bem querer e a importância que a entrevistada Rita Maria possuía na vida da Irmã Maria. Ainda sobre os últimos dias de vida de Irmã Maria, Irmã Socorro relatou:

Ela teve uma hemorragia muito grande e levaram ela depressa para o hospital, aí o médico chamou a família e disse que ela estava no fim, talvez não demorasse nem 48 horas. Ele conscientizou a família dizendo que o caso era grave. Ela já tinha mais de 80 anos e não resistiu. (Irmã Socorro, 07/02/2018).

Já o irmão da biografada, falou:

Os últimos anos dela foram meio tristes. Ela ficava na casa provincial, estava na piscina, escorregou e caiu. Foi o fim dela. Ela se internou e em consequência disso que ela faleceu. Ela caiu, bateu a cabeça e começou o Alzheimer. Já tinha quebrado o fêmur, aí ficou de cadeira de rodas. Em dois anos, mais ou menos, que ela se foi. (Roberto Luís Montenegro, 14/04/2018).

O corpo foi velado no Patronato Sagrada Família, depois seguiu para a Paróquia Jesus, Maria e José, localizada

próxima à escola. O sepultamento foi no Cemitério São João Batista.

A Igreja Jesus, Maria e José, no bairro Antônio Bezerra, onde foi concelebrada a missa de corpo presente por cerca de duas dezenas de sacerdotes, ficou lotada, sobretudo dos pobres que por ela foram beneficiados e de alunos da escola pública que por último teve sua direção, além dos familiares, amigos e ex-alunos do Colégio da Imaculada Conceição, suas amigas, de quem ela não se envergonhava de pedir todo tipo de ajuda para o atendimento do que faltava aos carentes – era emprego para um pai de família, material de construção para quem necessitava de alguma obra em suas pequenas casas, aposentadoria para um pobre que desconhecia esse direito [...]. (MONTENEGRO, 2009, p. 19).

O cemitério São João Batista, em Fortaleza, possui o túmulo reservado à Congregação dos Padres da Missão e das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, como podemos visualizar na imagem abaixo. Quando fomos ao túmulo, um fato nos chamou a atenção. O túmulo de Irmã Maria é o único que possui foto, mas não conseguimos registrar a sua imagem, pois o túmulo fica trancado e a administração do cemitério não tem autorização para abrir, apenas as Irmãs de Caridade. A administração do cemitério também nos informou que o túmulo da congregação guarda 156 corpos. Esse número data a partir de 1986 até o presente momento.

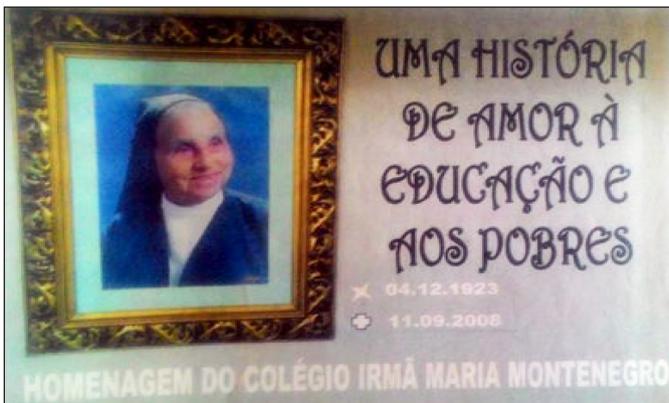
Imagem 30 – Túmulo da Congregação São Vicente de Paulo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Na busca por registros e reportagens sobre o dia da morte de Irmã Maria, encontramos no jornal Diário do Nordeste uma homenagem do Colégio Irmã Maria Montenegro no dia 12 de setembro de 2008. Não havia nenhum texto, era apenas a foto reproduzida na imagem abaixo.

Imagem 31 – Homenagem do Colégio Irmã Maria Montenegro publicada no jornal Diário do Nordeste



Fonte: Diário do Nordeste (12/09/2008).

Como podemos ver na imagem, o Colégio Irmã Maria Montenegro prestou sua última homenagem à nossa biografada fazendo esse registro no jornal. A imagem traz o título “Uma história de amor à educação e aos pobres”, frase essa que serviu para intitular o livro de Pedro Paulo Montenegro. Há ainda as datas de nascimento (04/12/1923) e de morte de Irmã Maria (11/09/2008). Ainda sobre o velório, todos os entrevistados foram unânimes em relatar sobre a lotação e a comoção daquele momento. Todos queriam se despedir de Irmã Maria e, de acordo com Irmã Socorro, “O corpo foi velado aqui na escola, naquela quadra. Estava lotada. Ela tinha muitos amigos” (Irmã Socorro, 07/02/2018).

Já a Missa de 7º dia ocorreu no dia 17 de setembro de 2008 e o convite foi publicado no jornal Diário do Nordeste.

Imagem 32 – Convite para a Missa de 7º dia



Fonte: Jornal Diário do Nordeste (17/09/2008).

A imagem acima revela a gratidão da família Montenegro em receber as manifestações de solidariedade pela morte de Irmã Maria, convidando todos para a Missa da Ressurreição na Matriz de São Vicente de Paulo às 19h do dia 17 de setembro de 2008. Na Missa de 7º dia, além das homenagens prestadas, foi entregue o santinho que podemos ver na imagem abaixo.

Imagem 33 – Santinho entregue na Missa de 7º dia



Fonte: Acervo pessoal de Lais Montenegro.

Um fato que nos chama a atenção é a frase “Uma história de amor à educação e aos pobres”, que está presente em quase todos os registros de homenagem, assim como no “santinho” da missa e no livro publicado pelo irmão. Quando alguns entrevistados foram questionados sobre esse fato, relataram que era uma frase que conseguia traduzir o que Irmã Maria tinha vivido, pois, durante toda sua vida, ela se dedicou a duas coisas: à educação e aos pobres.

A enfática atuação profissional de Irmã Maria no cenário educacional fortalezense é inconteste. Na sua tra-

jetória de trabalho, não se dedicou apenas à melhoria da infraestrutura dos prédios escolares, mas especialmente à oferta de escolarização de qualidade à população. Atuando tanto em instituições educativas destinadas à elite como em estabelecimentos populares, Irmã Maria se destacou no cenário fortalezense por contribuir com o fomento à educação de maneira dialógica, aproximando a comunidade escolar, especialmente os pais, para um trabalho conjunto no acompanhamento das crianças e jovens.

Suas boas relações sociais com a elite local, somadas a um trabalho comprometido e de qualidade, ensejaram-lhe visibilidade e confiança. Tais aquisições lhe possibilitaram investir na educação de alunos pauperizados em bairros periféricos da cidade de Fortaleza, o que lhe conferiu homenagens como o prêmio Mulher Luz e a Medalha Justiniano de Serpa. Ainda que sua prática educativa na condição de professora tenha sido tradicional e sua gestão tenha sido centralizadora e autoritária, o que não era um problema para a época, Irmã Maria conquistou o respeito e a admiração de seus pares, mesmo daqueles com os quais ela adotava uma postura autoritária.

Com uma postura dialógica, desenvolveu a oratória e a capacidade argumentativa de tal maneira que conseguia convencer seus pares a “comprar” suas ideias: Irmã Josefa e Irmã Helena Fontenele saíram do Colégio da Imaculada Conceição para atuar junto a Irmã Maria em escolas periféricas; Tasso Jereissati e sua esposa fizeram doações, bem como realizaram nomeações a seu pedido; os que conviveram com Irmã Maria guardam em suas memórias lembranças de uma mulher de fibra dedicada à educação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos a biografia de Irmã Maria Montenegro, construímos uma trama histórica dessa educadora que dedicou mais de 60 anos de sua vida à educação na cidade de Fortaleza e exerceu sua profissão até os últimos dias de sua vida. Esse empreendimento possibilitou compreender como se desenvolveu a educação de Irmã Maria Montenegro e a formação profissional no contexto sócio-histórico da segunda metade do século XX.

O recorte temporal delimitado de 1945 a 1987, considerou sua trajetória profissional, pois 1945 foi o ano em que nossa biografada iniciou sua carreira como professora do Colégio da Imaculada Conceição e 1987 foi o ano em que ela assumiu a direção do Patronato Sagrada Família, última escola em que trabalhou. Sabemos que, com o estudo de uma biografia, temos mais do que a história de vida, pois temos que considerar todo o contexto social, político, familiar, religioso, político e intelectual no qual Irmã Maria estava inserida. Para isso, fez-se necessário sabermos do seu convívio social e familiar para assim entendermos a sociedade na qual ela estava inserida, tentando compreender as escolhas feitas por ela.

A presente pesquisa biográfica dessa educadora que trouxe aqui tanto narrativas orais como documentos escritos problematizou o olhar sobre a discente buscando com-

preender como uma mulher ganhou prestígio e visibilidade social dentro do seu trilhar religioso e profissional como educadora, tornando-se, assim, parte da memória educacional cearense.

Os relatos orais e as memórias das entrevistadas nos proporcionaram importantes indícios sobre a atuação educacional empreendida por Irmã Maria, por isso foram o principal arcabouço de fonte e direcionamentos, contudo sem a intenção de hierarquizar fontes; os documentos também ensejaram importância para a narrativa histórica elaborada com a produção dessa pesquisa. Para isso, foi necessária uma investigação com base teórico-metodológica na área da Nova História Cultural, visto que, ao ensinar visibilidade à Micro-História, propomos dialogar, a partir de uma biografia, acerca das contribuições de Irmã Maria no cenário educacional da cidade de Fortaleza como ponto inicial e de retomada para compreensões macrosociais da educação cearense na segunda metade do século XX.

Nesse sentido, percebemos que Irmã Maria veio de uma família grande, pais escolarizados e que, quando criança, iniciou o seu processo de alfabetização aos 7 anos de idade com sua tia Rosália, ainda em Quixadá, Ceará, sua terra natal. Sem ter completado ainda os 10 anos de idade, mudou-se para Fortaleza com a família, onde começou a estudar no Colégio Justiniano de Serpa depois que sua mãe foi falar com o diretor da instituição, tendo em vista que era muito difícil uma vaga nessa escola. Irmã Maria concluiu o curso normal aos 18 anos de idade e aos 19 anos ingressou na vida religiosa como Irmã de Caridade na Congregação Vicentina, visto que desde cedo se interessava pela vida religiosa.

A formação no Colégio Imaculada Conceição podemos somar à sua atuação, pois lá aplicou um pouco do que aprendeu de moderno e no que acreditava para a educação, pos-

sibilitando-nos, assim, vislumbrar um pouco das influências e das percepções para o ensino, a caridade e a religiosidade. Como professora (1945-1956) e diretora (1969-1976) dessa instituição, podemos destacar algumas contribuições, como: a formação de várias alunas da elite da sociedade; direção do colégio enquanto a instituição vivenciava uma crise, conseguindo reerguê-lo, implantando cursos profissionalizantes e buscando a formação e capacitação das pessoas; admissão do ensino misto tanto nesse colégio quanto no Patronato Sagrada Família. Criou uma escola de aplicação para as alunas dentro do próprio colégio, lecionou, foi mestra de classe do curso científico, coordenou e acompanhou a Juventude Estudantil Católica no cargo de adjunta arquidiocesana. Por ter passado anos nessa instituição, tinha contato com muita gente influente da sociedade, o que possibilitou realizar melhorias por onde ela passava.

Irmã Maria, em 1977, foi nomeada para coordenar o ensino religioso em todo o Ceará. Ela viajava para ministrar formação e capacitação para as professoras. Nesse mesmo ano, foi para o Pirambu a fim de começar um novo trabalho, agora no Colégio Cristo Redentor. Nessa instituição, deu continuidade ao trabalho que havia iniciado com as outras Irmãs de Caridade. Conseguiu melhorias para a escola e para a comunidade por meio da sua influência. Após dez anos nesse bairro, foi a vez de mudar a realidade de outro bairro da capital, dessa vez o Antônio Bezerra.

No Patronato Sagrada Família, chegou em 1987 e permaneceu até o findar de sua vida, em 2008. Quando assumiu a escola, era uma escola só de meninas e tinha apenas 87 alunas. No ano seguinte, Irmã Maria já admitiu o ingresso de indivíduos do sexo masculino na instituição e em toda sua gestão a escola vinha ganhando mais alunos e sendo reco-

nhecida. Faleceu aos 84 anos de idade de isquemia intestinal, a 11 de setembro de 2008, dois dias após o diagnóstico.

A enfática atuação profissional de Irmã Maria no cenário educacional fortalezense é inconteste. Na sua trajetória de trabalho, não se dedicou apenas na melhoria da infraestrutura dos prédios escolares, mas especialmente na oferta de escolarização de qualidade à população.

Importa destacar que buscamos valorizar a subjetividade dos sujeitos que nem sempre ocuparam lugar de destaque ou visibilidade social, em busca de uma narração capaz de exprimir as contradições da vida, singularidades, qualidades, defeitos, alegrias, tristezas, facilidades e dificuldades individuais. Salientamos que o trabalho da Irmã Maria foi reconhecido em vida pelos seus pares: familiares, amigos, colegas de profissão, ex-alunas. No entanto, a sua parca visibilidade diz respeito ao escasso registro que há sobre ela, especialmente após sua morte, uma vez que ela gozou de reconhecimento e respeito por suas ações enquanto viva, sendo inclusive homenageada.

Seu trabalho foi reconhecido ainda em vida, sendo homenageada com seu nome em uma instituição, recebendo a medalha Justiniano de Serpa, o prêmio Mulher Luz, em que apenas cinco mulheres foram contempladas, afora os certificados de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido na educação do estado. Suas boas relações sociais com a elite local, somadas a um trabalho comprometido e de qualidade, ensejou-lhe visibilidade e confiança. Tais aquisições lhe possibilitaram investir na educação de alunos pauperizados em bairros periféricos da cidade de Fortaleza.

Na constituição desta biografia, contemplamos a inserção de Irmã Maria quando criança na educação, as instituições pelas quais passou na sua formação ainda no primário, em que família e classe social estava imersa e quais

as possíveis influências e divergências teve no seu caminhar até tornar-se um nome representativo na educação de Fortaleza. Embora tenha iniciado sua trajetória como professora no Colégio da Imaculada Conceição, podemos concluir que Irmã Maria teve um grande destaque na gestão escolar, não só por ter reerguido o Colégio da Imaculada Conceição durante sua direção, mas também por ter feito muito pelos outros colégios em que esteve à frente. Podemos associar esse destaque como gestora e líder por algumas características que surgiram nas narrativas dos entrevistados, por exemplo: exigente, justa, determinada. Contudo, sem tentar torná-la uma heroína ou formar a imagem de perfeição, estivemos cientes de que muitos dos relatos nos levaram a essa mulher extremamente caridosa, mas que também era ríspida, grossa, que não media suas palavras. Por ser uma biografia, o presente estudo não pode nem deve ser generalizado, tendo em vista que é uma única vida, mas que teve contribuições; mesmo sendo uma única vida, imbrica-se no coletivo, estando o individual e o coletivo inter-relacionados, sendo indissociáveis.

Irmã Maria conseguiu certa visibilidade social, visto que atuou e se destacou na sua atuação no Colégio da Imaculada Conceição, onde ela conseguiu prestígio das classes sociais mais abastadas; a partir daí, ela conseguiu influência suficiente para investir na educação dos menos favorecidos. Como já dito, a biografia de Irmã Maria Montenegro aqui apresentada não pretendeu reconstituir todos os fatos de sua vida em consonância com nosso objetivo, uma vez que procuramos centrar foco em sua atuação educacional.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ARAÚJO, H. L. M. R. *A tradicional escola normal cearense chega ao bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960)*. Fortaleza: UFC, 2015.
- BAIRRO ANTÔNIO BEZERRA. *Bairro Antônio Bezerra*. Disponível em: <<http://www.bairroantoniobezerra.com.br/bab/>>. Acesso em: 1º ago. 2018.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo*, Brasília, DF, 12 ago. 1971.
- BURKE, P. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2010.
- BURKE, P. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- BURKE, P. *O que é História Cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CASTELO, P. A. *História do ensino no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1970.
- CAVALCANTE, L. E. Os herdeiros da memória: os saberes populares e a educação comunitária. In: VASCONCELOS, J. G.; MAGALHÃES JÚNIOR, A. G. (Org.). *Memórias no plural*. Fortaleza: LCR, 2001. p. 60-70.

CAVALCANTE, L. E.; VASCONCELOS, J. G. Os contadores de história e a constituição de acervos para a preservação da memória comunitária. In: ENANCIB, 11., 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANCIB, 2010. p. 1-22.

CAVALCANTE, M. J. M. Identidade narrativa e autobiografia: elementos teóricos e metodológicos para uma pedagogia da escrita histórica. In: BEZERRA, J. A. B.; ROCHA, A. M. (Org.). *História da educação: arquivos, documentos, historiografia, narrativas orais e outros rastros*. Fortaleza: UFC, 2008. p. 13-29.

CAVALCANTE, R. *Pirambu*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2016.

CORREIA, M. B. A. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Maria Bernadete de Alcântara Correia*. Fortaleza, 22 de fevereiro de 2018. Duração: 1h10min.

DUARTE, M. A. X. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Maria Auxiliadora Xavier Duarte*. Fortaleza, 2 ago. 2018. Duração: 1h45min.

FIALHO, L. M. F. *A experiência socioeducativa de internação na vida de jovens em conflito com a lei*. 2012. 359 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FIALHO, L. M. F.; BRAGA JÚNIOR, V. R. S. Educadora Irmã Maria Montenegro (1923/2008): Mulher Luz. In: FIALHO, L. M. F. et al. (Org.). *História, Literatura e Educação*. Fortaleza: UECE, 2015. p. 109-128.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

FREIRE, V. C. C. *Maria Luíza Fontenele: educação e inserção política*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

FREITAS, K. C. S. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Kelem Carla Santos*. Fortaleza, 7 fev. 2018. Duração: 25min.

- FREITAS, M. C.; BICCAS, M. S. *História social da educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo: Cortez, 2009.
- HORTA, J. S. B. *Gustavo Capanema*. Recife: Joaquim Nabuco: Massangana, 2010.
- LANDIM, R. M. M. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Rita Maria Machado Landim*. Fortaleza, 9 abr. 2018. Duração: 1h30min.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 5. ed. Campinas: FGV, 2003.
- LEITE, A. M. F. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Aíla Maria Fernandes Leite*. Fortaleza, 6 mar. 2018. Duração: 50min.
- LEVI, G. Sobre a Micro-História. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 133-162.
- LIBÂNIO, J. C. *Democratização da escola pública*. São Paulo: Loyola, 1994.
- LOCATELLI, A. *Síndrome do pânico*: revendo conceitos, diagnóstico e tratamento. Monografia (Especialização em Saúde Mental) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.
- LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.
- LORIGA, S. *O pequeno X: da Biografia à História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.
- LOZANO, J. E. A. Práticas e estilo de pesquisa na História oral contemporânea. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (Org.). *Usos & abusos da História oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, I. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Íria Maciel*. Fortaleza, 14 abr. 2018. Duração: 30min.

MAIA, S. S.; BRAGA JÚNIOR, V. R. S.; FIALHO, L. M. F. Biografias de idosos: uma fonte para pesquisas. In: FIALHO, L. M. F.; SANTANA, J. R.; VASCONCELOS, J. G. (Org.). *Fontes orais em pesquisas educacionais*. Fortaleza: UFC, 2015. p. 19-30.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos da metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História oral como fonte: problemas e métodos. *Revista Historiæ*, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História oral: como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MINAYO M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTENEGRO, A. C. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Antônio Carlos Montenegro*. Fortaleza, 12 abr. 2018. Duração: 40min.

MONTENEGRO, M. L. S. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho Maria Laís de Sousa Montenegro*. Fortaleza, 15 mar. 2018. Duração: 1h30min.

MONTENEGRO, P. P. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Pedro Paulo Montenegro*. Fortaleza, 28 fev. 2018. Duração: 1h45min.

MONTENEGRO, P. P. *Irmã Maria Montenegro: uma história de amor à educação e aos pobres*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

MONTENEGRO, R. L. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Roberto Luís Montenegro*. Fortaleza, 14 abr. 2018. Duração: 1h20min.

NASCIMENTO, M. S. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Maria do Socorro Nascimento*. Fortaleza, 7 fev. 2018. Duração: 38min.

NEVES, L. A. *Memória e História*: substratos da identidade. São Paulo: ABHO, 2001.

NOBRE, L. *Escola Normal Justiniano de Serpa*. Disponível em: <<http://www.fortaleza-nobre.com.br/2009/11/escola-normal-de-fortaleza.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

NÓBREGA-THERRIEN, S. M. et al. Contribuição das Irmãs de Caridade na assistência à Saúde e no desenvolvimento da Enfermagem no Ceará. In: ENCONTRO INTERNACIONAL MAHIS, *Anais...* Fortaleza: MAHIS, 2012. p. 1-18.

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto: Porto, 1992.

NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto: Porto, 1995.

NUNES, M. J. R. Freiras no Brasil. In: PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 482-509.

OLIVEIRA, R. N. N. *A igreja católica no Pirambu*: as relações de poder presentes no discurso da teologia da libertação e da renovação carismática católica (1968-1986). 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, H. G. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Hernilva Gomes*. Fortaleza, 5 abr. 2018. Duração: 30min.

QUEIROZ, R. M. F. *O meio ambiente do bairro Pirambu sob a ótica de seus movimentos sociais*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

REIS, J. C. *Escola dos Annales*: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SHIROMA, O. E.; MORAES, M. C.; EVANGELISTA, O. *Política educacional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SILVA, M. G. L. P. *A Escola Normal do Ceará nos anos de 1930 a 1950: palco de debates políticos e pedagógicos no calor das reformas*. 2009. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SILVA, R. C.; MACHADO, C. J. S. Memória e narrativas autobiográficas: subsídios metodológicos para pesquisas em História da educação. In: FIALHO, L. M. F.; CASTRO, E. S.; CASTRO, J. L. C. (Org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: UECE, 2015. p. 17-32.

SILVEIRA, E. *Colégio Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse*. Fortaleza: Tipogresso, 1999.

STEIN, E. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: Edusc, 1999.

THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIBUNA DO CEARÁ. Escola mais antiga de Fortaleza, Imaculada Conceição comemora 150 anos em 2015. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 29 mar. 2015. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/educacao/escola-mais-antiga-de-fortaleza-imaculada-conceicao-comemora-150-anos-em-2015/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

VALENTIM, S. A origem do Barro Vermelho. In: BAB. *Bairro Antônio Bezerra*, seção Histórico, s/a. Disponível em: <http://www.bairroantoniobezerra.com.br/bab/modules/mastop_publish/?-tac=hist%3arico>. Acesso em: 10 jun. 2018.

VASCONCELOS, R. C. R. *Entrevista concedida a Scarlett O'Hara Costa Carvalho por Rita de Cássia Ramos Vasconcelos*. Fortaleza, 14 mar. 2018. Duração: 25min.

VICENTINI, P. P.; LUGLI, R. G. *História da profissão docente no Brasil: representações em disputa*. São Paulo: Cortez, 2009.

ZUMTHOR, P. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997.

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil: breve contextualização histórica*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964: novos e velhos atores na luta pela anistia*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (org.). *Educação e saúde: um olhar interdisciplinar*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (org.). *Golpe de 1964: história, geopolítica e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (org.). *Ensino de História na educação básica: reflexões, fontes e linguagens*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o derreter e o enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira: teceduras e interfaces possíveis*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.
14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.

16. LEITE, Raimundo Hélio (org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.

32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLÍNDIA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'Illele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.
41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.
45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDENBURG, Cristine (org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAIGNAC, Mônica Duarte (org.). *Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). *Ensino médio: políticas educacionais, diversidades, contextos locais*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.

50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
51. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Serviço Social: uma profissão, distintos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 278 p. ISBN: 978-85-7826-478-9.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (org.). *Memórias escolares: quebrando o silêncio...* Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (org.). *Docência e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.
56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (org.). *Avaliação educacional: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (org.). *Avaliação da aprendizagem: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades: aproximações com o contexto escolar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação: afetos e (trans)formações*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da; SILVA, Jáderon Cavalcante da (org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). *Pes-*

- quisa em Rede*: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego*: estudo de caso. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
 69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (org.). *Pesquisas educacionais*: abordagens teórico-metodológicas. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
 70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (org.). *Entrelugares*: Tecidos Sociopoéticos em Revista. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. ISBN: 978-85-7826-628-8.
 71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
 72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-book).
 73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
 74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-book).
 75. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
 76. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-book).
 77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero*: a Orquestra Jovem da Escola "Padre Luis de Castro Brasileiro" em União-Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
 78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação*: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.
 79. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
 80. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (E-book).
 81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
 82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (E-book).
 83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias*: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.

84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movedições, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (E-book).
85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (E-book).
87. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus: amor, ensino e justiça*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (E-book).
92. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza: Poder e Disputa Local em 1968*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (E-book).
94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (E-book).
96. LEITINHO, Meirecele Caliope; DIAS, Ana Maria Iorio (org.). *Discutindo o pensamento curricular: processos formativos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.
97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (org.). *Educação e saúde: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (E-book).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.
99. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (E-book).

100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da (org.). *Práticas de ensino: semeando produções científicas parceiras*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.
101. MACHADO, Charlilton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (E-book).
102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Livia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de (org.). *25 Anos de PET Enfermagem: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (E-book).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De “mulher-maravilha” a “cidadão persi”*: professoras capulana do educar em direitos humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (org.). *Círculo de cultura sociopoético: diálogos com Paulo Freire sempre!*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. ISBN: 978-85-7826-741-4 (E-book).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.
106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-774-2.
107. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-775-9 (E-book).
108. LEITE, Luciana de Lima Lopes. *Ocupar é reexistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo ocupArthe, em Teresina (2014)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 266 p. ISBN: 978-85-7826-779-7 (E-book).
109. GOMES, Wagner. *Ensino de História e interdisciplinaridade: reflexões epistemológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 185 p. ISBN: 979-65-86445-00-8. (E-book).
110. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p. ISBN: 978-65-86445-05-3. (E-book).
111. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenias Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 411 p. ISBN: 978-65-86445-01-5.
112. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da história da educação: memórias, imprensa e literatura*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 216 p. ISBN: 978-65-86445-07-7.
113. MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Arte, docência e práticas educativas: experiências e contextos*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 656 p. ISBN: 978-65-86445-25-1. (E-book).
114. SILVA, Maria do Socorro Borges da; FARIAS, Emerson de Souza. *Educação e direitos humanos de crianças e adolescentes*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 110 p. ISBN: 978-65-86445-29-9 (E-book).

115. VIANA, Patrícia Ferreira de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *A sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p. ISBN: 978-65-86445-34-3. (E-book).
116. OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 421 p. ISBN: 978-65-86445-43-5. (E-book).
117. ARAÚJO, Conceição de Maria Sousa. *Ensinar e aprender filosofia numa perspectiva ética*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 236 p. ISBN: 978-65-86445-48-0. (E-book).
118. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-55-8 (E-book).
119. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-51-0.
120. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna. *Práticas educativas: múltiplas experiências em educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 558 p. ISBN: 978-65-86445-62-6 (E-book).
121. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Formação e experiências docentes: práticas pedagógicas em diferentes contextos e cenários: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 475 p. ISBN: 978-65-86445-70-1 (E-book).
122. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. 277 p. ISBN: 978-65-86445-69-5. (E-book).
123. SILVA, Hebelyanne Pimentel da. *Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959)*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 289 p. ISBN: 978-65-86445-71-8. (E-book).
124. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-79-4. (E-book).
125. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-80-0.
126. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. Isbn: 978-65-86445-88-6.
127. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. Isbn: 978-65-86445-89-3 (E-book).
128. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 164 p. ISBN: 978-65-86445-95-4. (E-book).